



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA – CCSST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

BRUNO THEYLON OLIVEIRA DIAS

**A ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE
IMPERATRIZ: PENSANDO A AÇÃO COLETIVA NO MEIO URBANO**

Imperatriz-MA
2024

BRUNO THEYLON OLIVEIRA DIAS

**A ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE
IMPERATRIZ: PENSANDO A AÇÃO COLETIVA NO MEIO URBANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: 2. Instituições, Construção e Reprodução Social das Diferenças: Educação, Poder, Sociabilidades, Ações Coletivas e Representações Sociais.

Orientador: Maciel Cover.

Imperatriz-MA
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira Dias, Bruno Theylon.

A ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE
IMPERATRIZ: : PENSANDO A AÇÃO COLETIVA NO MEIO URBANO /
Bruno Theylon Oliveira Dias. - 2024.

119 f.

Orientador(a): Maciel Cover.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz, 2024.

1. Associativismo. 2. Ascumari. 3. Catadores de
Recicláveis. 4. Ação Coletiva. 5. . I. Cover, Maciel.
II. Título.

BRUNO THEYLON OLIVEIRA DIAS

**A ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE
IMPERATRIZ: PENSANDO A AÇÃO COLETIVA NO MEIO URBANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador
Prof. Dr. Maciel Cover
Universidade Federal do Maranhão

Membro Titular Externo ao Programa
Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira
Universidade Federal da Paraíba

Membro Titular Interno
Prof. Dr. Marcelo Sampaio Carneiro
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Raimundo e Cristina Oliveira Dias, por terem dedicado suas vidas a criar a mim e aos meus dois amados irmãos, Thais Bruna e Ramon Tulio. No meu núcleo familiar também estão Jamilly e Tobias, meus sobrinhos que tanto amo e a quem também dedico esta pesquisa.

Gostaria também de agradecer à minha companheira que tanto me incentivou a concluir a pesquisa de campo e escrita. Regiane Saturnino Ferreira, obrigado pelas longas conversas e pelos incentivos. Te amo.

Não poderia deixar de agradecer também aos entrevistados da ASCAMARI, em especial ao senhor José Ferreira e ao senhor Antônio Teles, pessoas admiráveis e que tanto colaboraram com informações aqui transcritas.

Com igual admiração, gostaria de agradecer também ao Professor José Geraldo e à sua companheira, Maria da Paz. Ambos me receberam em sua casa por mais de uma vez e muito contribuíram através dos seus históricos de vida e trabalho.

Por fim, deixo aqui minha eterna gratidão ao meu orientador, Maciel Cover, sempre disposto a tirar dúvidas e a me motivar pela continuidade da pesquisa, mesmo com meus constantes atrasos. Obrigado, Professor Maciel.

RESUMO

O presente estudo possui como objeto de pesquisa a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Imperatriz (ASCAMARI), fundada em 2010. O objetivo da pesquisa é compreender e relacionar a história de criação da associação, o perfil e o histórico de vida dos associados com elementos teóricos do associativismo e da ação coletiva, para, então, compreender a importância da associação de catadores de recicláveis na vida dos membros que a compõem. Para isso, discutimos diferentes visões do associativismo, da ação coletiva, da ação social, entre outras questões, como o interacionismo simbólico, os estigmas sociais e as lutas por reconhecimento. Desse modo, dentre os autores trabalhados cabe citar Olson, Park, Mead, Blumer e Honneth. A pesquisa foi realizada por meio de observação dos participantes e entrevistas qualitativas. No campo, entre as informações do dia a dia, 8 dos 12 membros que compõem a associação concederam entrevistas. A reflexão do campo foi que a associação, além de proporcionar melhoria financeira, é a manifestação dos interesses individuais dos membros que buscam maximizar seus benefícios por meio da coletividade. Outro ponto é a manifestação da associação perante a sociedade, que passa a valorizar cada vez mais o trabalho do catador de recicláveis, deixando de lado, inclusive, preconceitos. Constatou-se, ainda, que a associação, possui problemas de ordem intelectual, no sentido de que as lideranças da associação são sempre os mesmos indivíduos. Não surgiram, nos últimos anos, nomes que promovessem avanços para o projeto; por exemplo, se durante a sua formação, a associação possuía auxílio da Cáritas em parceria com intelectuais e voluntários, atualmente a ASCAMARI depende principalmente do poder público. Os novos projetos da associação não estão avançando como idealizado, em função, principalmente, da falta de programação adequada e coordenada. A fábrica de vassouras e marcenaria estão paradas, e a produção de sabão não ocorre em um nível satisfatório. Desse modo, a associação segue concentrada apenas na coleta e processamento de recicláveis, fato que poderá ameaçar ainda mais a sua continuidade, quando entrar em operação outra associação formada pelos trabalhadores do atual lixão de Imperatriz. Constatou-se, em entrevistas, que a associação também serviu de modelo para a criação de diversas outras associações pelo Maranhão, sempre com a participação da Cáritas.

Palavras-Chave: Associativismo; ASCAMARI; Catadores de Recicláveis; Ação Coletiva.

ABSTRACT

The present study focuses on the Association of Recyclable Materials Collectors of Imperatriz (ASCAMARI), founded in 2010. The objective of the research is to understand and relate the association's creation history, as well as the profile and life history of its members, to theoretical elements of associationalism and collective action. The goal is to comprehend the importance of the recycling collectors' association in the lives of its members. To achieve this, we discuss different perspectives on associationalism, collective action, social action, and other issues such as symbolic interactionism, social stigma, and struggles for recognition. Among the authors discussed are Olson, Park, Mead, Blumer, and Honneth. The research was conducted through participant observation and qualitative interviews. In the field, among daily information, 8 out of the 12 members of the association were interviewed. The field reflection was that the association, in addition to providing financial improvement, represents the manifestation of the individual interests of its members, who seek to maximize their benefits through collectivity. Another point is the association's manifestation before society, which increasingly values the work of recycling collectors, even putting aside prejudices. It was also found that the association faces intellectual challenges, in the sense that the leadership of the association is always composed of the same individuals. In recent years, no new leaders have emerged to advance the project; for example, if during its formation, the association had support from Cáritas in partnership with intellectuals and volunteers, ASCAMARI now mainly depends on the public authorities. The association's new projects are not progressing as planned, mainly due to a lack of adequate and coordinated programming. The broom factory and carpentry are idle, and soap production is not occurring at a satisfactory level. Thus, the association remains focused only on the collection and processing of recyclables, a situation that could further threaten its continuity when another association, formed by workers from the current landfill in Imperatriz, becomes operational. Interviews revealed that the association also served as a model for the creation of several other associations throughout Maranhão, always with the participation of Cáritas.

Keywords: Associationalism; ASCAMARI; Recyclable Materials Collectors; Collective Action.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevistados da ASCAMARI.....	18
Quadro 2 – Entrevistados que colaboraram com a criação da ASCAMARI.....	19
Quadro 3 – As 10 Colunas do Movimento das Comunidades Populares.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Município de Imperatriz.....	39
Figura 2: Equipamentos de Trabalho.....	58
Figura 3: Reciclagem de Papelão.....	59
Figura 4: Separação de metais.....	73
Figura 5: Galpão da ASCAMARI.....	85
Figura 6: Antiga Sede da ASCAMARI e Atual Sede do Movimento das Comunidades Populares de Imperatriz.....	94
Figura 7: Os 3 Projetos para a Humanidade Segundo o MCP.....	96
Figura 8: Entregando recicláveis na ASCAMARI.....	98
Figura 9: Pontos de Entrega Voluntária (PEV's).....	100

LISTA DE SIGLAS

ABRAB	Associação Brasileira de Bebidas
ANACOP	Associação Nacional de Apoio as Comunidades Populares
ANCAT	Associação Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
ASCAMARI	Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Imperatriz
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CTI	Corrente dos Trabalhadores Independentes
JAC	Juventude Agrária Católica
MCL	Movimento das Comissões de Luta
MCP	Movimento das Comunidades Populares
MER	Movimento de Evangelização Rural
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
PACs	Projetos Alternativos Comunitários
PMCSI	Plano Municipal de Coleta Seletiva de Imperatriz
PMGIRS	Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos
SEMMARH	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Hídricos
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UEMASUL	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. APORTES SOCIOLÓGICOS DO ASSOCIATIVISMO.....	21
1.1 Um alicerce ao associativismo a partir da Sociologia Clássica.....	21
1.2. Uma visão contemporânea do associativismo.....	30
2. CATADORES DE RECICLÁVEIS: ORGANIZAÇÃO E RECONHECIMENTO.....	39
2.1 Catadores no Brasil: organização e combate ao estigma social.....	40
2.2. O pesquisador e o trabalho de campo.....	48
2.3 O campo da pesquisa: interpretando a realidade.....	55
3. AS PARTES DO TODO: CATADORES E OS COLABORADORES DA ASCAMARI.....	64
3.1. As mãos que separam recicláveis, o espírito que movimenta o corpo da ASCAMARI.....	65
3.2. Composição e Criação da ASCAMARI:.....	79
3.2.1. Cáritas.....	89
3.2.2. Movimento das Comunidades Populares – MCP.....	92
3.3. A participação do poder público.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICE.....	116
ANEXOS.....	118

INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga a criação e a manutenção da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Imperatriz (ASCAMARI) e o papel que ela desempenha na sociedade ao longo dos anos. Os elementos principais que compõem este problema de pesquisa são: os membros da associação de catadores; os colaboradores para a criação da associação; e o próprio debate acerca do associativismo, por meio de interpretações de diferentes correntes teóricas, como as teorias da ação coletiva, os estigmas sociais e a luta por reconhecimento. Assim, a pergunta norteadora que orienta este trabalho é: O que leva pessoas a se associarem?

A ASCAMARI surgiu em 2010 com 11 sócios-fundadores. Atualmente, além dos 12 membros fixos que desempenham atividades na sede própria, localizada no bairro Recanto Universitário, o grupo possui 115 filiados espalhados por Imperatriz – MA. Na sede, há dois galpões construídos e equipados por meio de acordos firmados com empresas e com o poder público. Assim, ao longo da discussão fica claro que a ASCAMARI é resultante das necessidades de um grupo de trabalhadores à margem do trabalho formal, que, em parceria com organizações sociais, sociedade civil e o poder público, conseguiu se firmar e atuar como símbolo de transformação social de uma classe de trabalhadores: os catadores de recicláveis ou agentes ambientais, como preferem de ser chamados.

Deste modo, esta pesquisa propõe-se a entender a interação dos atores para a criação e sustentação da primeira associação de recicláveis de Imperatriz. A compreensão e a interpretação dessas relações sociais estabelecidas com as diferentes entidades do município podem possibilitar a interpretação e a estruturação de informações que colaborem com o amadurecimento de outras organizações sociais na cidade.

O associativismo institucionalizado é fruto de uma ação coletiva que, ao atingir a legitimação entre seus pares, se oficializa para exercer determinado fim frente à sociedade, que também a reconhece como tal. No caso dos catadores de materiais recicláveis, estes são pessoas com um perfil social similar, em geral como baixa

escolaridade e excluídos do mercado formal de trabalho durante grande parte da vida. Essas pessoas encontram na coleta de recicláveis um meio de sobrevivência. A exemplo da associação de pessoas que esta pesquisa investiga, associações são muitas vezes um mecanismo para romper com a exclusão e de forçar sua participação na sociedade, uma vez que o reconhecimento desses grupos organizados por outras instituições também possibilita acessar uma série de possíveis benefícios.

A ASCAMARI seguiu estes passos de reconhecimento interno e externo e, atualmente, faz um trabalho social e ambiental relevante no município. A associação surgiu oficialmente em 2010 e, ao longo da última década, estabeleceu uma série de parcerias com entidades públicas e privadas. No Estado do Maranhão, o trabalho com recicláveis ainda é discreto, mas iniciativas sociais e governamentais estão cada vez mais em evidência. Em 2019, em um dos primeiros movimentos de articulação regional, o Governo do Estado do Maranhão fez parcerias e organizou eventos com vista à capacitação e articulação de catadores e associações.

Quanto a ação coletiva dos trabalhadores que se articulam para alcançar determinado fim, o modelo de ação coletiva de Mancur Olson (2009) é um bom ponto de partida, uma vez que esta linha teórica surgiu na segunda metade do século XX e trata da ação coletiva entre pessoas que buscam um objetivo comum. Desse modo, a ação coletiva e a mobilização de recursos são interpretações possíveis da interação entre indivíduos que se unem com o objetivo de maximizar ganhos ou benefícios conjuntos.

O economista e cientista social Mancur Olson é fundamental para compreensão dos ganhos conjuntos. O seu trabalho de maior destaque é o livro *A Lógica da Ação Coletiva*, no qual o autor oferece uma nova perspectiva sobre o argumento disseminado de que todos do grupo social vão agir em detrimento do bem coletivo por puro altruísmo. Segundo Olson, as organizações, principalmente quando se trata de interesses econômicos, precisam promover constantemente os interesses de seus membros; caso contrário estão fadadas a desaparecer.

O autor afirma que, no caso de bens não privados, há uma certa contradição entre os interesses individuais e coletivos. Segundo Olson, é necessário mais do que o simples interesse coletivo para incentivar a ação.

Frequentemente é dado por certo, ao menos quando há objetivos econômicos envolvidos, que grupos de indivíduos com interesses comuns usualmente tentam promover esses interesses comuns. Espera-se que os grupos de indivíduos com interesses comuns ajam por esses interesses tanto quanto se espera que os indivíduos isoladamente ajam por seus interesses pessoais. (OLSON, 2009, p. 13).

Este argumento acima é o mais comum. Ele afirma que na verdade, quando há questões econômicas envolvidas, os membros do grupo tendem a agir pensando em seus interesses individuais; o altruísmo dificilmente prevaleceria se não fossem os interesses pessoais. Olson (2009) aponta que a possibilidade mais factível de que todos os membros do grupo ajam em conjunto, sem levar em conta seus interesses egoístas ou pessoais, é no caso de grupos pequenos e coesos. Em seguida o autor esclarece:

Mesmo que os membros de um grande grupo almejem racionalmente uma maximização do seu bem-estar pessoal, eles não agirão para atingir seus objetivos comuns ou grupais a menos que haja alguma coerção para forçá-los a tanto, ao menos que algum incentivo à parte, diferente da realização do objetivo comum ou grupal, seja oferecida aos membros do grupo individualmente com a condição que eles ajudem a arcar com os custos ou ônus envolvidos na consecução desses objetivos grupais. (OLSON, 2009, p. 15)

Sua teoria partiu de pensadores¹ anteriores que desenvolveram princípios como o do bem privado e bem público. No primeiro princípio, afirma-se que todos usam e todos pagam; no segundo, alguns adquirem bens que impossibilitam outros de usá-los por serem bens privados. Dessa forma, bens públicos “são bens que, simultaneamente, estão à disposição de todos os membros da comunidade, para que deles usufruam ou não, de acordo com as preferências de cada um” (MUELLER, sd. p. 97), enquanto bens privados “são bens que podem ser parcelados entre duas ou mais pessoas, de tal maneira que, se uma consome mais do bem, outras terão que consumir menos” (MUELLER, sd. p. 97). Outro princípio que ajudou Olson a

¹ A discussão sobre ação coletiva é profunda e envolve diversos autores da Economia, como Adam Smith (1723-1790), que consolidou os conceitos de bem privado; Jhon Maynard Keynes (1833-1946) que desenvolve trabalhos a respeito da Economia do Setor Público. Já para o bem público, pode-se afirmar que o criador do termo é Paul Samuelson (1915-2009), o autor desenvolve a perspectiva de que para um bem ser de fato público, ele pode ser utilizado por todos, pois não há rivalidade e nem exclusão, uma vez que rivalidade e exclusão são componentes de bens privados (Junqueira, 2021).

desenvolver sua teoria é o Dilema do Prisioneiro ou Teoria dos Jogos². Segundo essa lógica, a escolha racional de dois indivíduos seria pela maximização de seu bem-estar, o que, conseqüentemente, leva à situação de equilíbrio entre os indivíduos, que, de certa forma, nunca é aquele ganho máximo almejado por eles quando da escolha, uma vez que ambos vão optar por maximizar o seu próprio bem-estar, pois o ótimo social não é tão factível de acontecer.

Enquanto isso, na lógica da ação coletiva, ocorre algo semelhante à lógica do dilema do prisioneiro: de um lado estão os indivíduos pensando em seus interesses individualmente e, de outro, está a coletividade, cujo resultado é que todos esses indivíduos pensaram da mesma forma na tentativa de maximizar seus benefícios. É como se, individualmente, houvesse uma racionalidade quanto aos objetivos, mas coletivamente essa perspectiva fosse vista como irracional.

Além disso, participando de uma coletividade, o indivíduo agindo ou não, será beneficiado pelos ganhos da coletividade. Caso toda a coletividade não aja para determinado fim, todos perderão e as perdas serão igualmente distribuídas. Já no eventual caso de um único indivíduo não agir, como no exemplo da reivindicação de funcionários de uma empresa por melhores salários, este indivíduo não arcaria com os custos dos riscos de ser demitido, coagido pela empresa ou sofrer desgaste pela atuação; porém, ele também será beneficiado caso a coletividade alcance o objetivo, sendo ele, portanto, o maior beneficiado por não ter se arriscado e ainda assim alcançado os objetivos coletivos.

A forma desenvolvida para alcançar o ótimo social, em que se busca a maximização dos ganhos para todos do grupo, ocorre através de uma força externa ou de uma forte coordenação interna. Isso também implica o tamanho do grupo para a obtenção de benefícios comuns.

² A Teoria dos Jogos foi desenvolvida pelo matemático John Forbs Nash (1928-2015), aluno de John Newman (1903-1957). Nash foi responsável por aprimorar a teoria que trata do processo de decisão de dois ou mais agentes, cujo resultado será o equilíbrio entre as decisões tomadas. Dessa maneira, esse equilíbrio se dá pela decisão individual dos sujeitos que tomam a decisão baseados na maximização dos seus ganhos pessoais. No caso do famoso Dilema dos Prisioneiros, é uma forma de ilustração narrativa para explicar o impacto na tomada de decisões de indivíduos. Na narrativa, dois indivíduos foram presos, separados e interrogados, caso um indivíduo denunciasse o outro, o denunciante seria perdoado e liberado, enquanto o colega pegaria uma pena de prisão muito alta, caso os dois se denunciassem, os dois pegariam uma pena mediana, caso nenhum denunciasse o colega, os dois sairiam livres. Essa última possibilidade, a mais vantajosa para ambos é quase impossível de ocorrer, uma vez que os indivíduos estavam separados e tomavam decisões pensando apenas no benefício próprio. Essa teoria é fundamental para a formulação da lógica da ação coletiva.

[...] grupos pequenos [...] podem ser perfeitamente capazes de proverem-se de um benefício coletivo pura e simplesmente por causa da atração individual que o benefício tem para cada um de seus membros [...] Quanto maior for o grupo, mais longe ele ficará de atingir o ponto ótimo de obtenção do benefício coletivo e menos provável será que ele aja para obter uma quantidade mínima desse benefício. Em síntese, quanto maior for o grupo, menos ele promoverá seus interesses comuns. (OLSON, 2009, p. 48)

Nesse sentido, nos grupos muito grandes, dificilmente a coordenação será capaz de manter todos coesos a fim de alcançar o ponto ótimo. Portanto, Olson (2009) sugere uma solução por meio do “incentivo independente ou seletivo”, no qual seria permitido oferecer um incentivo aos membros do grupo que participem. Além disso, ele propõe que haja uma distinção entre aqueles que participam e aqueles que não participam na obtenção dos ganhos da coletividade.

Dessa maneira, aqueles que não participaram das conquistas do grupo ficariam excluídos das conquistas totais. Portanto, o grupo que adota a coerção dos membros, seja por estímulos de recompensa, será chamado de grupo latente “mobilizado”. Assim, a teoria da ação coletiva de Olson (2009) aponta que grupos grandes e pequenos possuem uma distinção na capacidade de busca racional e individual que gera comportamento grupal. Essa distinção depende, tanto qualitativa quanto quantitativamente, do tamanho do grupo e da liderança.

Destarte, o associativismo é uma forma de organização que, a seu modo, tem se consolidado frente à sociedade nas últimas décadas. Essa transformação da ação associativa em diferentes âmbitos da sociedade se deve, sobretudo, aos atuais regimes democráticos, que propiciaram maior participação social e, consequentemente, mais ganhos coletivos. Mas o que é uma organização social e de que maneira as associações de catadores participam do processo de transformação?

Partiremos da compreensão dos movimentos sociais, pois estes se comportam de maneira similar. Atualmente eles possuem maior grau de liberdade, muitas vezes sem a necessidade de associação de membros, mas, em grande medida, têm estatutos, *modus operandi* e filosofias próprias. Alonso (2009) afirma que tanto o Estado Nacional quanto os movimentos sociais não são atores, mas formas de

ação coletiva. Nesse sentido, afirma-se que os movimentos sociais são também construções sociais, com ações coletivas baseadas em objetivos comuns, recursos e barreiras em um sistema aberto que, a todo momento, oferece oportunidades e também sistemas de coerção (CARLOS, 2009; MELUCCI, 2002).

Essas construções sociais ocorrem há muito tempo. Como afirma Tarrow (2009), no século XVIII, a imprensa teve um papel fundamental na formação de associações. Naquele período, a imprensa desempenhou um importante protagonismo na disseminação de notícias, informações e conhecimento. Por meio da imprensa formaram-se as comunidades “invisíveis” de discurso. Essas comunidades se reuniam em lugares específicos e, informalmente, discutiam acontecimentos de outras regiões, debatiam problemas locais e articulavam movimentações de reivindicação que culminavam com protestos e conflitos.

Dessa maneira, os movimentos sociais e associações estão em um campo de compreensão similar quando se observam o pertencimento, os objetivos do grupo e os interesses individuais. Além disso, a coletividade é indiferente à transitoriedade dos indivíduos. Portanto, é relevante compreender que a coletividade é um mecanismo utilizado para o alcance de metas inalcançáveis individualmente.

Outro ponto importante, é a mobilização de recursos, um pensamento desenvolvido por Olson (2009) e aprimorado por outros autores, como McCarthy (1973). O postulado afirma que a mobilização de recursos depende de outros fatores, como recursos humanos, financeiros e de infraestrutura variada (GOHN, 1997, p.51).

[...] os movimentos surgem quando se estruturam oportunidades políticas para ações coletivas, assim como quando facilidades e líderes estão em disponibilidade. Os movimentos também estruturam o seu cotidiano segundo o estoque de recursos que possuem, sendo os principais os econômicos, humanos e de comunicação (GOHN, 1997, p.51).

Mesmo havendo inúmeras críticas à teoria da mobilização de recursos por atribuir um peso excessivo aos recursos materiais, quase que apagando a subjetividade dos indivíduos, a teoria em si traz elementos importantes para compreender a ação social, tão discutida por Olson. O conceito também colabora com as noções de formas de ação, amplamente estudada por Tarrow (2009), e que serão

trabalhadas no próximo capítulo. Dessa maneira, estudar o associativismo é também se debruçar sobre as origens do debate sociológico. Alguns autores clássicos apresentam conceitos fundamentais sobre associativismo ainda na passagem para o século XX.

Destarte, esta pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo possui dois momentos conceituais. O primeiro momento dos estudos sobre associativismo diz respeito aos aportes de expoentes da Teoria Sociológica Clássica como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. O segundo momento aprofunda o entendimento conceitual da teoria da ação coletiva, já introduzida aqui por Marcur Olson, e aponta outros expoentes da sociologia, além de discutir o papel do associativismo por meio de outros autores. Dentre os pensadores da sociologia contemporânea, cabe citar outros autores como: Robert Park, Herbert Mead, Blumer e Sidney Tarrow. Portanto, a compreensão da ASCAMARI enquanto grupo de indivíduos será possível a partir dessas discussões iniciais.

Se, no primeiro capítulo, o objetivo é compreender a noção de associação, no segundo capítulo, o objetivo é apresentar quem são os catadores, o campo de pesquisa e o papel do pesquisador nessa construção. Desse modo, o segundo capítulo é dividido em três momentos: no primeiro, tratamos do perfil do catador de recicláveis no Brasil e da Associação Nacional de Catadores, para então abordarmos estigmas sociais que a categoria sofre. Para isso, utilizamos os conceitos de Goffman (1982) a fim de compreender a ação coletiva também como um combate aos estigmas; complementando esta abordagem, é trabalhada a noção de luta por reconhecimento de Axel Honneth. No segundo tópico, abordamos o papel do pesquisador de campo e seu modo de interpretar as situações em uma observação participante. Já no terceiro tópico do capítulo 2, é introduzida a pesquisa de campo propriamente, por meio das interpretações do ambiente de trabalho e da própria descrição física da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Imperatriz.

No terceiro capítulo é discutido a ASCAMARI enquanto grupo organizado. No primeiro momento, é apresentado o resultado do estudo de campo por meio da observação participante na sede da ASCAMARI, na qual foram feitas entrevistas com 8 dos 12 membros da associação e com o atual Presidente do grupo, o Sr. Antônio Teles. Nessa parte, verifica-se a origem dos trabalhadores, o histórico de vida dos

homens e mulheres. Esses dados foram coletados por meio de entrevistas e observações cotidianas, levando-se em consideração ainda que nem todos os membros se dispuseram a responder. No Quadro I são apresentados os entrevistados da associação:

Quadro 1: Entrevistados da ASCAMARI³

Nome	Idade	Tempo de Trabalho com Reciclagem	Tempo de trabalho na ASCAMARI	Data da Entrevista
Cleiton ⁴	31 anos	21 anos	8 meses	13/07/2023
Maria	47 anos	5 anos	5 anos	20/07/2023
Rosa	39 anos	22 anos	4 anos	27/07/2023
Elisa	40 anos	24 anos	4 anos	03/08/2023
José Ferreira	72 anos	16 anos	14 anos	08/01/2024
Antônio Teles ⁵	76 anos	16 anos	8 anos	18/05/2024
Paulo	46 anos	6 anos	6 anos	30/06/2023 16/05/2024 19/07/2024
Antônio	71	5 anos ⁶	2 anos	19/07/2024
Raimundo	65	6 anos	6 anos	19/07/2024

Elaboração: Bruno Dias.

Na segunda seção do capítulo três, são apresentadas as informações coletadas com os principais responsáveis pela criação da ASCAMARI, como os sócios-fundadores, membros da sociedade civil organizada e das organizações sociais: Cáritas e Movimento das Comunidades Populares (MCP). Por fim, a terceira parte do capítulo três, expõe a participação do poder público para a criação e manutenção da associação de catadores. Além disso, ao longo de todo o capítulo são apresentados seus acordos, problemáticas e questões em andamento. Além do Sr.

³Do total de doze indivíduos que trabalham na sede da ASCAMARI, quatro deles se recusaram a conceder entrevistas. Em maio de 2024 constatou-se os dois indivíduos que nunca foram vistos na associação haviam se desligado e, que, ao menos uma dessas vaga havia sido preenchida por uma mulher de cerca de 22 anos.

⁴Alguns nomes deste quadro foram trocados para preservar a identidade dos entrevistados.

⁵O Sr. Teles sempre trabalhou na antiga sede da ASCAMARI, na Vila Cafeteira e segue no mesmo local até hoje, que funcionou como a única sede até 2016.

⁶Não informou ao certo quando começou a trabalhar, mas afirma que trabalha apenas com recicláveis há 5 anos e que é sócio da ASCAMARI desde pouco depois de sua criação.

Antônio Teles e José Ferreira, sócios-fundadores e membros do MCP, já apresentados no quadro anterior, o quadro 2 a seguir apresenta o restante dos entrevistados nesta pesquisa:

Quadro 2 – Entrevistados que colaboraram com a criação da ASCAMARI.

Nome	Vinculação	Data da Entrevista
Jadilson Cirqueira ⁷	Sociedade Civil/Poder Público (Promotor de Justiça)	12/12/2023
Maria da Paz	Sociedade Civil/Cáritas	27/01/2024
José Geraldo	Sociedade Civil ⁸	27/01/2024
Lurdes Dias	Cáritas	03/03/2024
Rosa Arruda	Poder Público (Prefeitura Municipal)	06/03/2024
Jairo Santana	Poder Público (Prefeitura Municipal)	16/05/2024

Elaboração: Bruno Dias, 2014.

Portanto, após uma série de entrevistas, nas considerações finais é apresentado um apanhado geral do que foi abordado em cada capítulo, assim como uma relação entre essas discussões. O resultado da pesquisa de campo mostra que os indivíduos que compõem a ASCAMARI correspondem exatamente ao perfil dos catadores descritos ao longo da pesquisa, ou seja, pessoas excluídas do campo formal de trabalho e, muitas vezes marginalizadas pela própria sociedade, pois viviam no mesmo lugar onde trabalhavam, no lixão. Para transformar a realidade dessas pessoas e criar a associação, foi necessário um conjunto de fatores que, neste caso, se demonstraram quase que impossíveis serem feitos apenas pelos catadores. Esses fatores incluem: a organização e ideologização dos trabalhadores através de indivíduos membros do Movimento das Comunidades Populares; a participação de intelectuais e membros da sociedade civil na construção de projetos; a participação do poder público por meio de doações, acordos e reconhecimentos; mas principalmente,

⁷ Dr. Jadilson em conversa no dia 12 de dezembro de 2023, confidenciou que ele atuou como uma espécie de padrinho da associação durante vários anos.

⁸ O Grupo de Apoio, são os membros da sociedade civil que de alguma forma colaboraram com a criação da ASCAMARI. Dentre os nomes supracitados, houve outros importantes colaboradores, como a Professora Gilda, e Edmilson Sanches.

a ação da Cáritas como agente catalisador, responsável por toda a gestação da ASCAMARI. Constatou-se também uma série de elementos de coesão da ação social e demonstrações de interesses individuais e coletivos.

Por fim, o presente estudo aborda a caracterização associativa da ASCAMARI. Deste modo, norteia essa pesquisa o anseio por entender a interação dos atores para a criação e sustentação da primeira associação de recicláveis de Imperatriz, de modo que a compreensão e interpretação dessas relações sociais estabelecidas com as diferentes entidades do município possam contribuir para a interpretação e estruturação de informações que colaborem com o amadurecimento de outras organizações sociais na cidade.

Em suma, trabalhamos com a hipótese de que o que leva pessoas a arriscarem o próprio bem-estar em detrimento do interesse coletivo é a possibilidade de fortalecimento através do grupo para o alcance de seus interesses. E também, no caso dos catadores, sua profissão não necessariamente deve ser vista como apenas altruísta, mas como uma condição imposta pela exclusão do mercado de trabalho. Nesse sentido, abrir mão da individualidade não é abrir mão totalmente de si, pois o indivíduo participa daquilo que acredita. As associações, sejam de movimentos sociais ou de catadores, têm a capacidade de ganhar espaço na atuação social, e é isso que fazem. Quanto a “abrir mão da individualidade”, até que ponto isso é real? No capítulo I discutimos o associativismo através de conceitos-chave que vão do associativismo aos movimentos sociais.

1. APORTES SOCIOLÓGICOS DO ASSOCIATIVISMO

A associação de indivíduos é um processo gradual e histórico, que está no seio da organização social e civilizacional. Nesta unidade, são apresentadas interpretações de diferentes atores da sociologia que corroboram com a compreensão da criação da ASCAMARI. Como será visto ao longo da pesquisa, esses interesses partem, sobretudo, de trabalhadores e organizações sociais. A unidade está dividida em dois momentos: inicialmente, é discutido o associativismo a partir de teóricos clássicos; em seguida, são introduzidas novas visões de autores sobre a ação social e a própria ação coletiva de Mancur Olson, já apresentada na introdução deste trabalho, além de outros autores de igual importância para o tema trabalhado.

Optamos por apresentar uma leitura a partir de autores clássicos da sociologia para a compreensão mais nítida possível da realidade estudada. Como afirma Calvino (1993), os clássicos diluem-se no inconsciente coletivo e individual; eles sempre têm algo mais a dizer ou, ainda, “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 1993, p. 15).

Os aportes teóricos de pensadores como Karl Marx; Émile Durkheim e Max Weber, são os alicerces do conhecimento sociológico construído hoje, mas não apenas eles. Cabe citar, também, outros expoentes de igual importância como Tönnies e Simmel. Assim, iniciamos o primeiro tópico.

Georg Simmel (2006), por exemplo, ao discutir a sociabilidade, faz uma correlação entre o que seria o conteúdo, ou seja, a concretude dos interesses e vontades humanas e a forma de expressão dessas vontades e interesses através da interação social, o que o autor chama de sociação. Segundo o autor, é através da interação que a forma e as características de determinadas sociedades se constituem. Esse termo, sociação, será usado em grande parte deste capítulo.

1.1 Um alicerce ao associativismo a partir da Sociologia Clássica

A compreensão do associativismo provém de diferentes visões, mas que em muitos pontos se cruzaram e corroboraram para os desenvolvimentos interpretativos que vieram posteriormente. Antes de apontar visões teóricas da tríade clássica da Sociologia: Marx, Durkheim e Weber, vale citar dois autores também importantes da passagem do século XIX para o século XX, Ferdinand Tonnies e Georg Simmel. Tonnies, por exemplo, com destacados trabalhos sobre comunidade e sociedade, afirma que toda ação é uma atividade racional, cujos indivíduos quando da pactuação, entendem que há um sentimento de igualdade e objetivos em comum (TONNIES, 1942). Segundo o autor, “Na cooperação se faz visível a passagem para a forma racional do pacto. Mas é ao mesmo tempo a base e a forma das relações espirituais que tem na amizade sua mais clara expressão⁹” (TONNIES, 1942, p. 38).

Com isso, há um pacto racional entre indivíduos cujo resultado é o estabelecimento de um regimento e que a vontade individual perde espaço em detrimento da vontade coletiva. Portanto, o sentimento de amizade é usado como metáfora para entendermos um grupo que age de forma uníssona com vista de atingir um objetivo. Outro autor que permeia, de certo modo, as relações pessoais, psicológicas e fraternas entre indivíduos, é Simmel.

Deste modo, Georg Simmel (2006), ao discutir o nível social e o nível individual, afirma que o primeiro diz respeito ao estabelecimento de uma sociedade baseada em tradições e relações estabelecidas. Dentro do nível social há também grupos, estes possuem indivíduos que de forma unitária não possuem peso relevante no destino do grupo, uma vez que se pressupõe que há perenidade nos grupos e os indivíduos são transitórios. O grupo, ao se estabelecer, se torna ele mesmo um sujeito com vida que possibilita o fortalecimento de todos:

O asseguramento da existência, a aquisição de novas propriedades, o desejo de afirmar e expandir a própria esfera de poder, a defesa das posses conquistadas — estes são impulsos fundamentais para os indivíduos, impulsos a partir dos quais ele pode se associar de modo conveniente a muitos outros indivíduos, a seu gosto (SIMMEL, 2006, p.41).

⁹ Tradução própria

Portanto, os interesses coletivos são um mecanismo utilizado pelos indivíduos para alcançar seus objetivos que do contrário seria mais difícil alcançarem sozinhos. É também nesse sentido que se inicia a percepção sobre as associações de catadores, uma vez que a partir da delegação da individualidade em prol do coletivo, a associação adquire força nas relações sociais. Assim, constituídas as afinidades, com o passar do tempo, as questões afetivas, regras, tradições e espírito de solidariedade passam naturalmente a reger os grupos.

Já Karl Marx, aponta uma série de questões que regem a coletividade. Na célebre frase de Marx (MARX, ENGELS 2005, p. 69) “Proletários de todos os países, uni-vos”, fica evidente o papel do trabalhador frente aos dominantes, estes por sua vez, resistem às lutas por transformação empenhando-se para a manutenção dos sistemas das relações de poder. Nesse sentido, Marx, em conjunto com Friedrich Engels, trabalha na perspectiva do que ficou conceituado como materialismo histórico¹⁰, que trata das relações entre as classes¹¹ dominantes e oprimidas. Essa corrente de pensamento foi base para diversos outros estudos da ação social e do associativismo que vieram posteriormente.

Assim, os argumentos de Marx sobre a reprodução do capital, através das relações sociais e bens de produção, ajudam a compreender o papel do associativismo, uma vez que segundo autor, na obra O Manifesto Comunista, afirma que “[...] quando o capital é transformado em propriedade comum, pertence a todos os membros da sociedade[...] o que se transformou foi o caráter social da propriedade. Esta perdeu seu caráter de classe” (MARX, ENGELS, 1998, p. 53). Assim, a reprodução das divisões sociais ficaria comprometida, pois a reprodução do capital estaria direcionada a quem o produz.

¹⁰ Karl Marx e Engels, proeminentes intelectuais alemães da segunda metade do século XIX, desenvolveram ao longo de suas obras o conceito de Materialismo Histórico, o qual possui como fundamentos centrais a noção de infraestrutura e superestrutura. Tal como se consolida uma casa, é também como se consolida a sociedade, ou seja, a infraestrutura, ela é sólida para manter a superestrutura. O resultado, de modo geral, é uma superestrutura, que são a política, instituições e mesmo a cultura e ideologia de uma sociedade, que serão moldados pela infraestrutura que fará de tudo para manter o sistema. Assim, “para o materialismo histórico, a luta de classes relaciona-se diretamente à mudança social, à superação dialética das contradições existentes” (OLIVEIRA, QUINTANEIRO, 2002. p. 40). Assim, a infraestrutura é o meio de produção, que também estabelece as relações de produção, que vai utilizar da força produtiva para ampliar e manter o seu poder.

¹¹ Para Marx, classes sociais são grupos de pessoas que fazem parte de uma determinada estrutura social e possuem papéis específicos na relação entre os detentores dos meios de produção e do proletariado. Ele identifica, no modo de produção capitalista, duas principais classes: a burguesa, que detém os meios de produção e o proletariado, que vende sua força de trabalho.

Essa discussão é profunda por tratar da destruição das classes, ou seja, das divisões nas relações sociais, das relações entre proprietário e proletariado. Segundo Marx (1998), quando os proletários tomassem o poder, enquanto dominantes, atuariam para colocar um fim nas relações de produção e, portanto, um fim nas divisões de classes.

Outro ponto de destaque, é a alienação¹² do proletário. Os indivíduos, partícipes de um processo de produção, exercem uma função, porém não participam do controle coletivo, tendendo assim a consolidar uma inconsciência do processo produtivo cujo “poder social é percebido como uma força alheia” (OLIVEIRA, QUINTANEIRO, 2002. p. 51).

Tomando essa discussão para uma observação micro que esta pesquisa se propõe e não na questão da estrutura social global, pode-se interpretar o papel de uma coletividade na essência que o próprio autor afirma que seria a resultante de uma revolução, no sentido de que o “[...] livre desenvolvimento de cada um é condição para o livre desenvolvimento de todos” (MARX, ENGELS, 1998, p.59). Desse modo, não seria tão distante assim pensar em uma associação tal qual conhecemos hoje, a exemplo da ASCAMARI. Pensar no livre desenvolvimento dos membros de um grupo através de um sistema de igualdade entre eles, é antever o desenvolvimento do grupo constituído. A quebra da alienação do proletário passa pela realização pessoal que o trabalhador constrói através da tomada de decisões com o grupo ao qual se identifica.

Nessa linha, na obra *O Capital* (2013), o autor afirma que quanto ao papel do associativismo entre indivíduos, essa é uma forma de organização social que objetiva um bem comum, que se desenvolve de acordo com o grau de aperfeiçoamento do grupo.

[...] O produto total da associação é um produto social, e parte desse produto serve, por sua vez, como meio de produção. Ela permanece social, mas outra parte é consumida como meios de subsistência pelos membros da associação, o que faz com que tenha de ser distribuída entre eles. O modo dessa distribuição será diferente de acordo com o tipo peculiar do próprio organismo social de produção e o correspondente grau histórico de desenvolvimento dos produtores [...]. (MARX, 2013, p. 126).

¹² Alienação para Marx, ocorre quando o indivíduo não se reconhece no produto do seu trabalho. Isso pode acarretar em frustração ou uma ausência de realização pessoal, tornando o trabalhador alienado e preso às amarras que impedem sua realização.

Nesse sentido, produzir por meio do associativismo compreende a intrínseca necessidade de organização comum e de distribuição mútua dos benefícios. Assim, dá-se o processo de evolução sociativa, no qual, dentro do grupo, seus membros estão no mesmo patamar; desse modo, não haveria proletário e proprietário, nem a reprodução do sistema patrão-empregado. A própria sociologia, enquanto ciência, se consolidou a partir do anseio de compreender as transformações sociais.

Assim, Auguste Comte no século XIX, com base no positivismo¹³ científico, buscava estruturar uma ciência que alcançasse respostas necessárias para colocar a sociedade cada vez mais no caminho do progresso. Essa ciência era a Sociologia, que recebeu grandes contribuições de Durkheim, ao propor um método próprio de pesquisa. Nesse contexto é formulado o método comparativo dos fatos sociais.

Assim, Émile Durkheim (1858-1917) engloba outras perspectivas para o funcionamento dos indivíduos em sociedade, como o Fato Social¹⁴ e a Solidariedade, dividindo ainda entre Solidariedade Orgânica e Solidariedade Mecânica¹⁵. Fatos sociais são forças que regem a sociedade e, portanto, externas ao indivíduo, os quais podem se manifestar de diferentes maneiras, seja através de normas estabelecidas, mas também por meio de modos de vida como “as crenças, as tendências, as práticas do grupo tomado coletivamente” (DURKHEIM, 1983, p. 42). O conceito geral é:

¹³ Positivismo é uma corrente de pensamento do século XIX que defendia a busca pelo conhecimento verdadeiro através do conhecimento científico. Dentre os principais expoentes dessa corrente, estão: Auguste Comte; John Stuart Mill e Émile Durkheim.

¹⁴ Fatos sociais são elementos que regem a coletividade, são caracterizados em grande medida pelo efeito da coercitividade sob os indivíduos. Essa coercitividade se manifesta de diferentes maneiras, por exemplo, as normas jurídicas que vão apontar o que indivíduos podem e não podem fazer, ou outros elementos como a educação que vão determinar o que indivíduos podem e não podem fazer de acordo com a sua formação. São diversos os contextos do fato social, elas são coerções exteriores ao indivíduo.

¹⁵ No livro *Da Divisão Social do Trabalho*, publicado pela primeira vez em 1893, Durkheim define Solidariedade Social como algo que é consensual entre a coletividade, que proporciona a integração dos indivíduos no corpo social, é portanto o entendimento e acordo que rege o coletivo que provém das concepções de crenças, relações e mesmo a dependência dos indivíduos que rege o corpo social. Quanto a Solidariedade Mecânica, o autor define esta como uma concepção das sociedades tipicamente primitivas, ou seja, do período em que as sociedades possuíam menos complexidade e os indivíduos possuíam maior similaridade. Essa concepção diz que os indivíduos são regidos pelo sentimento da coletividade ser superior ao individual. Já na Solidariedade Orgânica, diz ser a concepção das sociedades modernas, industriais, cujo grau de complexidade vai gerar a divisão social do trabalho e, portanto, o enfraquecimento da consciência coletiva ao mesmo tempo que os indivíduos funcionam como um organismo, com funções bem definidas, ou seja, com um grau de dependência maior entre eles.

Fato social é toda a maneira de fazer, fixada ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito da sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1983, p. 47).

O autor afirma que o conjunto de valores comuns dos membros de uma sociedade formam o sistema dessa sociedade, que por sua vez, são a “consciência coletiva ou comum” (DURKHEIM, 1999, p. 50). Estes pressupostos do autor alicerçam o entendimento do indivíduo enquanto membro de um corpo social, no qual, são as normas e concepções daquela sociedade que vão orientar o papel do indivíduo naquela sociedade, uma vez que os estados da consciência dos indivíduos são comuns a todos.

Em ambos os casos da solidariedade, orgânica e mecânica, a cooperação está no seio das relações sociais e ela mesma é resultante dos fatores sociais que compõem a sociedade. Assim, quanto às sociedades orgânicas, resultantes dos avanços industriais, os indivíduos buscam a especialização produtiva como forma de avanço na “escada” social. E a cooperação seria, portanto, também uma resultante dessa divisão do trabalho em que os indivíduos ao buscar seus próprios interesses, necessariamente cooperam para o funcionamento da sociedade industrial.

A cooperação para a perspectiva durkheimiana tem como ênfase a internalização de valores que induzem a concordância de normas e a produtividades decorrentes da especialização, o que é apenas uma consequência necessária, um reflexo econômico do fenômeno social. A especialização tem uma utilidade produtiva, com a função social de viabilizar a sobrevivência humana nas novas condições de existência da sociedade industrial (SILVA, NEVES. 2013, p. 223).

Dessa forma, o autor que é fruto da sua época, possui uma visão de constante evolução do ser humano, sendo a solidariedade orgânica o fruto dessa evolução. Os indivíduos ao mesmo tempo que cooperam, são também mais individuais no sentido que se especializaram, mas são por consequência mais dependentes dos outros indivíduos. Então, a divisão do trabalho é parte de um processo evolutivo da sociedade industrial.

A divisão do trabalho, ao fazer o sucesso individual depender da concentração de uma tarefa específica, teve o efeito de aumentar a interdependência das diversas vocações [...]. O efeito dessa crescente interdependência das partes, sob condições de competição pessoal, é criar na organização industrial como um todo um certo tipo de solidariedade social, mas solidariedade fundada não sobre sentimentos e o hábito, mas sobre uma comunidade de interesses (PARK, 1967, p.38)

Os indivíduos de uma fábrica que trabalham de forma segmentada para fazer um produto, necessitam de cada etapa do processo de produção, são dependentes uns dos outros. Os professores, que trabalham na educação de crianças, são parte do processo de construção dos cidadãos de uma sociedade. Dessa maneira, a visão positivista de Durkheim possibilitou importantes leituras da sociedade em transformação na passagem para o século XX.

Outro autor que vale destacar é Max Weber, pai do conceito de ação social, que já compreendemos, em parte, a partir da leitura da ação coletiva de Olson. Enquanto Durkheim tinha convicção de que a sociedade era quem influenciava os indivíduos, Weber inovou e trouxe a leitura de que são os indivíduos, em sua menor partícula, que influenciam a sociedade e não o contrário, como era entendido até então.

Max Weber (1991) foi um dos principais responsáveis pela quebra com o positivismo científico da sociologia. Ele desenvolveu o conceito de ação social a partir da percepção do indivíduo como ator social. Este postulado diz respeito às ações resultantes de comportamentos do indivíduo ou grupo com vistas a fins diversos:

A ação social (incluindo omissão ou tolerância) orienta-se pelo comportamento de outros, seja este passado, presente ou esperado como futuro (vingança por ataques anteriores, defesa contra ataques presentes ou medidas de defesa para enfrentar ataques futuros). Os “outros” podem ser indivíduos e conhecidos (“dinheiro”, por exemplo significa um bem destinado a troca, que o agente aceita no ato da troca, porque sua ação está orientada pela expectativa de que muitos outros, porém desconhecidos e em número indeterminado estarão dispostos a aceitá-los também, por sua parte, num ato de troca futuro) (WEBER, 2000, p. 13-14)

Desse modo, a ação social, para Weber, seria a ação dotada de objetivos subjetivos de quem a executa, além de que essa ação pode ser executada por um indivíduo ou um conjunto de indivíduos visando determinada finalidade, cujo interesse

da ação é exercer alguma influência sob outro(s) indivíduo(s). E caso a ação alcance mais de um indivíduo, ela passa então a ser uma ação social (BARBOSA, QUINTANEIRO, 2002, p. 103). Weber então divide a ação social em quatro categorias de análise. Duas delas são tidas como irracionais, ou seja, referente à tradição e à afetividade; enquanto as outras duas são racionais, que se referem aos fins e valores:

- 1) racional, referente aos fins. Este é talvez a perspectiva mais moderna para representar interesses de grupos e empresas na atualidade, uma vez que estes agem coordenadamente visando algo;
- 2) racional, referente aos valores. Este segundo modo está muito ligado as características como crenças e códigos de ética que vão reger a ação individual e coletiva de um grupo em sociação;
- 3) o modo afetivo, que diz respeito aos sentimentos, ao estado emocional. Este é o mais primitivo dos modos de ação coletiva;
- 4) modo tradicional, que diz respeito às tradições, ao costume social. Este último, se consolida através da passagem temporal, uma vez que é capaz de construir e é constituidor da essência das interações sociais.

Desse modo, a ação referente aos fins e valores são totalmente racionais e planejadas pelo indivíduo quando da sua execução. Assim, na ação referente aos fins o indivíduo age com a pretensão de alcançar algo, foi em grande medida nas ações referentes aos fins que Olson baseou sua teoria da ação coletiva. Já na ação referente aos valores o indivíduo age com base nos valores, como os éticos e morais que ele carrega consigo. Enquanto que na ação referente aos afetos, o indivíduo se deixa levar pelos sentimentos, pela afetividade, e, portanto, não é algo racional. Por fim, na ação tradicional, o indivíduo se deixa levar pelos elementos culturais e tradicionais que formaram o seu modo de ver e agir no mundo, assim perpetuando determinada ação do passado no presente e em vista de manutenção da ação no futuro.

Assim, Weber proporcionou uma nova leitura da sociedade a partir de uma abordagem mais micro e subjetiva, que fugisse da perspectiva durkheimiana de fato social. Em vista disso, na passagem para o século XX, ganhou cada vez mais força a

observação dos indivíduos e suas ações de acordo com os objetivos racionais, afetivos e tradicionais. E quanto ao associativismo, Weber, na Obra Economia e Sociedade (2002), discute os diferentes tipos e funções do associativismo e sua importância para a sociedade. Segundo o autor, entende-se por associativismo que:

Chamamos “*associação*” uma relação social fechada para fora ou cujo regulamento limita a participação quando a observação de sua ordem está garantida pelo comportamento de determinadas pessoas, destinado particularmente a esse propósito: de um *dirigente* e, eventualmente, um *quadro administrativo* que, dado o caso, têm também, em condições normais, o poder de representação. O exercício da direção ou a participação nas ações do quadro administrativo – os “*poderes do governo*” – podem estar a) apropriados ou b) delegados a determinadas pessoas, segundo a ordem vigente da associação ou segundo determinadas características, ou a pessoas a serem escolhidas de determinada forma, em caráter permanente ou temporário ou para determinados casos. Chamamos “*ação da associação*” a) a ação do próprio quadro administrativo, legítima em virtude do poder de governo ou de representação, em que se refere à realização da ordem vigente, e b) a ação dos participantes da associação [...] dirigida pelas ordenações deste quadro administrativo (WEBER, 2000, p. 30).

Desse modo, Weber traça o que seria a ordem interna de uma associação, que, a depender do tipo de associação, pode ter um dirigente e até um quadro administrativo, podendo ainda ter caráter e fins diversos. De acordo com Weber (2000), o associativismo pode ser de tipos de interesses e associativismo de tipos de valores. O primeiro diz respeito aos interesses de grupo, como, por exemplo os fins econômicos; o segundo diz respeito aos valores do grupo, como lutas sociais e políticas pela melhoria da qualidade de vida de uma comunidade.

Nesse contexto, as associações podem ainda ter características de grupos formais e informais. O primeiro diz respeito ao estabelecimento de normas e estatutos, por exemplo. Já o segundo diz respeito a associações que se formam a partir de grupos de interesse informais, ou seja, sem a necessidade de vínculo direto com o grupo (WEBER, 2000).

Assim, por exemplo, um grupo de vizinhança sem formalidade, ou seja, aberto, somente passa a estabelecer regras para seus partícipes quando se torna uma associação “fechada”. Isso geralmente só vai ocorrer quando, segundo o autor, a

vizinhança quiser avançar para um tipo de grupo com um foco específico, como por exemplo, no caso de se tornarem uma comunidade econômica ou que controle os recursos financeiros de seus membros. Assim, o autor exemplifica o caso de uma comunidade que passa a explorar financeiramente um parque local. Porém, Weber afirma que não necessariamente uma associação local precisa ser de fins econômicos, podendo ter outros objetivos diferentes, como o de regular, através de normas, o modo de vida dos participantes (WEBER, 2000, p. 248).

Desse modo, nessa primeira seção, vimos brevemente as leituras a respeito das associações de pessoas segundo clássicos da Sociologia: Marx, Durkheim e Weber. O primeiro, com a leitura do materialismo histórico, fez um paralelo entre a exploração dos trabalhadores e a reprodução do capital, cuja saída é através de uma revolução proletária em que um dos objetivos é dar um fim à alienação e à exploração do trabalhador. O segundo, Durkheim, apontou a visão positivista do desenvolvimento social, desenvolvendo a leitura de que a partir das Revoluções Industriais, os indivíduos foram cada vez mais se especializando e individualizando no seio social, ao passo que essa individualização leva também à necessidade do outro para que a sua atividade desempenhada seja concluída. O terceiro foi Weber, que abordou os tipos de ação social e as formas como os indivíduos se associam.

No próximo tópico, abordaremos autores contemporâneos da sociologia, iniciando pela Escola de Chicago com Robert Park e Herbert Mead e Hebert Blomer. Além disso, será discutido o desenvolvimento dos movimentos sociais a partir da interpretação de Sidney Tarrow.

1.2. Uma visão contemporânea do associativismo

No último século, as formas associativas e os tipos de movimentações de grupos sociais ganharam novas abordagens à medida que a vida social se tornava mais complexa, com o surgimento de grandes cidades e indústrias. Além disso, foi um período de intensas migrações como consequência das guerras na Europa e Ásia. Desta forma, uma gama de novos pesquisadores buscou entender as ebulições

sociais e as transformações urbanas que eclodiam nas cidades. Surge, então, o que ficou conhecido como Escola de Chicago¹⁶, nos Estados Unidos.

Dentre os pesquisadores de maior destaque está Robert Park¹⁷, um dos principais expoentes dos estudos urbanos. Park se dedicou a estudar as cidades e os problemas sociais¹⁸, como pobreza, migração, raça e divisões do espaço urbano. Como parte disso, o pesquisador também buscava entender as interações sociais.

Nesse sentido, a colaboração de Park para entender o associativismo provém de sua leitura dos fenômenos sociais, uma vez que “a cidade é um laboratório ou clínica onde a natureza humana e os processos sociais podem ser estudados conveniente e proveitosamente” (PARK, 1967, p. 66). A cidade, ou melhor, a vizinhança, é a menor unidade de uma sociedade complexa que compõe a cidade em uma espécie de mosaico, que se manifestará de acordo com os elementos e interesses compartilhados no dia a dia, como cultura, visão política, forma de organização política, ou seja, tudo isso passa pelo sentimento de unidade que um grupo forma ao compartilhar com a vizinhança.

Proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida cidadina. Interesses e associações locais desenvolvem sentimento local e, sob um sistema que faz da residência a base da participação no Governo, a vizinhança passa a ser a base do controle político. Na organização social e política da cidade, ela é a menor unidade local (PARK, 1967, p. 30)

¹⁶ Segundo Becker (1996) a Escola de Chicago surgiu a partir do Departamento de Sociologia, fundado pelo Professor Albion Small. Ele também foi responsável por fundar a revista *American Journal of Sociology*, uma das mais importantes do mundo. O departamento, preocupado com os temas urbanos como imigração e pobreza, incentivou pesquisas nesse ramo e influenciou o pensamento sociológico no mundo inteiro. De modo geral, a Escola de Chicago foi muito importante para o desenvolvimento da sociologia urbana na primeira metade do século XX, pois inovou nos estudos empíricos, nas explicações do modo de vida urbano e na busca de soluções para problemas sociais. Por lá passaram diversos pensadores, como: Hebert Mead, Park, Goffman, Everett Hughes e o próprio Howard Becker.

¹⁷ Robert E. Park se dedicou a investigar a vida social das cidades e problemas como a delinquência. Ele desenvolveu leituras interessantes a respeito do que ficou conhecido como ecologia das cidades, que trata dos espaços criados e distintos dentro da cidade. Ele também ajudou a formar outras gerações de pesquisadores, como Donald Pierson, que inclusive colaborou com o Brasil ao pesquisar a questão racial no país (Becker, 1996).

¹⁸ Vale aqui salientar que as cidades norte-americanas possuem características e problemas bem distintos dos problemas sociais brasileiros, mas a forma em que o autor lê a interação social, é muito importante para a compreensão de qualquer sociedade.

Assim, mesmo não sendo uma organização formal, a vizinhança compartilha uma essência que se constrói e se refaz ao longo do tempo. Essa essência compartilhada na vizinhança e que muitas vezes gera outras agremiações formais, é bem perceptível em questões mais sensíveis, como a questão da divisão racial, tema comum nos Estados Unidos. Desse modo, “onde indivíduos da mesma raça ou da mesma vocação vivem juntos em grupos segregados, o sentimento de vizinhança tende a se fundir com antagonismos de raça e interesses de classe” (PARK, 1967, p. 32).

O autor ainda aponta as distinções entre associações de interesse e associações baseadas em laços, que por sua vez, são construídos ao longo do tempo e pela proximidade e semelhanças compartilhadas.

As organizações, tais como os sindicatos de profissionais e de ofícios, que homens do mesmo ofício ou profissão formam, estão baseadas em interesses comuns. Neste aspecto diferem das formas de associação tais como a vizinhança, que se baseiam na contiguidade, na associação pessoal e nos laços comuns à natureza humana (PARK, 1967, p. 37).

Desse modo, essas diferentes formas de organização da cidade, que por sua vez é dinâmica e mutável, são o que o autor chama de ecologia humana. Os interesses e interações vão moldando a sociedade, as associações vão se firmando de acordo com os grupos de interesse. Logo, Park ajudou a consolidar a compreensão dos aspectos sociais do associativismo. Já outro autor da mesma “escola”, mas com uma visão voltada para os aspectos psicossociais, é George Herbert Mead¹⁹, que volta seus estudos para o que ficou conhecido como interacionismo simbólico.

A teoria de Mead discorre que os indivíduos entendem a si mesmos a partir da convivência com outros indivíduos, em um processo de construção inacabado. Nesse processo de construção da consciência, há, portanto, o ponto em que o indivíduo se enxerga, o momento em que ele entende como os outros o veem, e a construção

¹⁹ Ainda segundo Becker (1996), Hebert Mead, era, na verdade, um filósofo que tinha como interesse “a mente, o *self* e a sociedade” (BECKER, 1996, p. 183). O pensador desenvolveu sua teoria a partir da psicologia social, sua leitura era de que os indivíduos interagem e se formam como indivíduos a partir dessa interação, conhecida atualmente como interacionismo simbólico, teoria aprimorada pelo aluno de Mead, Hebert Blumer.

pessoal de como ele age/reage em relação aos outros indivíduos. Esse é o entendimento básico na relação entre mente, *self* e sociedade (MEAD, 2022).

O aluno de Mead, Hebert Blumer, foi responsável por aprimorar os conceitos de interacionismo simbólico e pela compreensão dos movimentos sociais. Ele desenvolve a premissa que ficou conhecida como “carências sociais”, que são os descontentamentos sociais, as insatisfações e desejos de mudança de vida que os indivíduos almejam. Desse modo, aprofunda o entendimento ao classificar os movimentos sociais em três categorias: genérico, específico e expressivo (GOHN, 1997, p. 31)

Segundo Gohn (1997), a perspectiva de Blumer, em relação à categoria denominada como genérica se refere a mudanças no modo de vida ou valores pessoais dos indivíduos, que proporcionam novas visões, anseios e questionamentos de direitos e privilégios. O resultado disso são os movimentos sociais genéricos, uma vez que “as novas concepções dos indivíduos a respeito deles próprios se chocariam com suas reais posições na vida, gerando insatisfação, disposição e interesse pela busca de novas direções” (GOHN, 1997, p. 31).

Quanto aos movimentos sociais específicos, estes são uma espécie de próxima etapa dos movimentos genéricos, sendo divididos em duas subcategorias: movimentos reformistas e revolucionários, cujas diferenças básicas são as formas de ação e objetivos. Os movimentos específicos são a construção de um movimento a partir de anseios, mas agora com lideranças, metas, objetivos e formas de organização e de ação de um grupo. Eles possuem ainda “um corpo de tradições, valores, filosofias e regras” (GOHN, 1997, p. 32). O autor coloca, dentre outros elementos, a agitação popular, a tomada de espírito de corpo de um movimento, os símbolos, mitos, heróis, frases de efeito, slogans e canções como elementos de sedimentação de um movimento social.

Por fim, a terceira categoria de Blumer são os movimentos expressivos:

Blumer inclui os religiosos e o que ele denomina de movimento da moda. Eles têm objetivos de mudança e divulgam um tipo de comportamento expressivo que, com o passar do tempo, torna-se cristalizado e passa a ter profundos efeitos na personalidade dos indivíduos, e no caráter da ordem social em geral. Os movimentos da moda atuam nas áreas da literatura, da filosofia, das artes etc (GOHN, 1997, p. 35).

Nesse sentido, esse último movimento é mais subjetivo e com vistas ao médio e longo prazo. Outro autor que trata do reconhecimento dos indivíduos perante seus pares, também Influenciado por Mead e Weber, é o filósofo e sociólogo Axel Honneth²⁰, exemplificando que:

[...] o reconhecimento tem de preceder o conhecimento; pois, se tal investigação estiver correta, tratar-se-ia de um processo de formação individual em que a criança, pela primeira vez, passa a se identificar com sua pessoa de referência e, além disso, já precisa tê-la reconhecido emocionalmente antes que possa, a partir dessa outra perspectiva, chegar a conhecer o mundo de forma objetiva (HONNETH, 2020, sp).

Já pensando na continuidade da vida acadêmica, seria interessante, em trabalhos futuros, um estudo que relacione o associativismo através de uma perspectiva social, da visão de Park com o associativismo na perspectiva psicossocial de Mead, uma vez que o último trabalha a visão do comportamento do indivíduo em relação aos outros e também o aprendizado do indivíduo na convivência cotidiana. Assim, a consolidação de uma associação, mesmo que informal, como disse Park (1967), provém dos interesses, das interações cotidianas e da formação dos costumes. Portanto, os autores ajudaram a pavimentar a compreensão do papel do tempo e da proximidade entre os indivíduos na construção do sentimento de pertencimento de uma associação, por exemplo.

Na década de 1960 esse aspecto psicológico da ação coletiva perde força, e as teorias de mobilização de recursos, amplamente estudadas por Olson, Zald e McCarthy amadurecem. Assim, “os movimentos sociais são abordados como grupos de interesses. Enquanto tais são vistos como organizações e analisados sob a ótica da

²⁰ Axel Honneth desenvolve a perspectiva do reconhecimento nas obras “Luta por reconhecimento” (2003) e “Reificação: um estudo da teoria do reconhecimento” (2020). “Em Luta por reconhecimento”, Axel Honneth retoma os pressupostos de Hegel em sua juventude, para desenvolver seu pensamento a partir da visão de que os indivíduos necessitam de reconhecimento mútuo a fim de se enxergar como indivíduos sociais. Assim, Honneth aponta que essa luta por reconhecimento surge de três maneiras: amor; solidariedade e direito. Do amor, tem-se a autoconfiança, do direito, tem-se o autorrespeito, e então surgem as normas, instituições e outros mecanismos. Já da solidariedade, temos a autoestima dos indivíduos. Dessa forma, a quebra de um desses mecanismos de reconhecimento levaria a luta por reconhecimento.

burocracia de uma instituição” (GOHN, 1997, p. 50), as ações coletivas passam a ser vistas como modelos de exercício.

Como visto na introdução, Olson (1990) coloca o tamanho dos grupos e o papel das lideranças como facilitadores ou não da coesão interna. Nos grupos grandes os interesses coletivos são mais facilmente implementados que em relação aos grupos pequenos, que por sua vez, seus interesses individuais são mais facilmente colocados.

McCarthy e Zald utilizaram metáforas avançadas do capitalismo burocratizado para descrever as relações entre movimentos e grupos de interesses, assim como suas relações com outras parcelas da sociedade. Eles trabalharam com categorias como “organização de movimentos sociais”. Isto porque os movimentos seriam estimulados não apenas pelos interesses de seus membros, mas também pelos de agentes governamentais, entidades particulares e muitas outras organizações interessadas na promoção do produto-objeto de demanda do movimento ou que ganhariam algo com ela (GOHN, 1997, p. 52).

O fato de a prefeitura municipal de Imperatriz ajudar a ASCAMARI, está intimamente ligado a este ponto. Durante a pesquisa de campo, em entrevista com a Secretária de Meio Ambiente, em alguns momentos foi colocado a importância de os catadores associados se mostrarem em eventos públicos, de buscarem participar nos eventos que possibilitassem visibilidade perante a sociedade. Se por um lado é importante serem vistos como grupo atuante na cidade, por outro, a prefeitura, que trabalha em parceria, também tem muito a ganhar perante à sociedade, sendo vista como o governo que colabora com os interesses da categoria. Seria nesse caso, um exemplo de grupos de interesse se retroalimentando.

Um intelectual recente, que contextualiza historicamente e aprofunda a perspectiva de interação entre indivíduos e ação, é Sidney Tarrow. Na obra “O poder em movimento” (2009), ele faz alguns apontamentos a respeito do processo de associativismo e ação coletiva ao longo do tempo. Dessa forma, ao abordar o repertório do confronto, que trata dos embates sociais, Tarrow (2009) aponta que Marx e Engels, por exemplo, dão o confronto como uma reação ao desenvolvimento da sociedade. Já para Durkheim, o surgimento dos movimentos sociais e sua

consistência estariam ligados a anomias na sociedade. Enquanto Marc Bloch, por exemplo, afirma que, nos antigos movimentos sociais, as ações coletivas se davam como resposta à estrutura vigente e de forma pontual.

Ele observou que os movimentos constroem um repertório fixo de símbolos e imagens na cultura política. Esta construção se dá por meio de lutas e, portanto, a cultura política não é um repertório herdado do passado mas algo construído no processo social (GOHN, 1997, p. 93).

Para Tarrow, o momento político, as aberturas e oportunidades de ação importam muito. Assim, Tarrow (2009) apresenta a perspectiva de ação coletiva modular, e com isso, afirma que o repertório do confronto se modifica de acordo com interesses e oportunidades. A oportunidade de ação coletiva e o senso de justiça são os principais elementos de uma ação coletiva, ou seja, ela é muito mais possível quando os elementos se veem possibilitados de recursos e estratégias de agirem através de uma maior abertura do Estado. Com isso o autor afirma, que, indivíduos, hoje em dia, podem se associar estatutariamente, mas também podem participar de grandes movimentos, mesmo de caráter internacional, sem essa necessidade de formalização, e além disso, muitas vezes sem sofrer a repressão violenta do Estado, uma vez que a sociedade atual se beneficia da democracia e do expurgo do despotismo.

Ao tratar do início das associações modernas em fins do século XVII e no século XVIII, Tarrow (2009) aponta que as redes de movimento, em grande medida, eram grupos e locais de debate informais, onde havia planejamento e trocas de informações, como tavernas, clubes de livro e igrejas. Portanto, a evolução desse processo está no fato que, inicialmente, as reivindicações se davam muito baseado na solidariedade, advinda da amizade e da proximidade entre os membros. No modelo mais moderno das redes de movimento, essa proximidade entre os membros se tornou mais frouxa; os indivíduos não se conhecem propriamente, mas possuem as mesmas demandas e se mobilizam com maior facilidade por conta da maior permeabilidade na circulação de informações.

Anida segundo Tarrow (2009), o desenvolvimento de associações na Inglaterra e nos Estados Unidos, por exemplo, se deu muito em detrimento das igrejas,

uma vez que as igrejas possuíam grande influência nas comunidades locais: “Do cadinho das associações do protestantismo evangélico surgiram movimentos tais como antimaçonaria, sabatistas, pela temperança[...]” (TARROW, 2009, p. 74). O Autor afirma ainda que parte dos movimentos feministas surgiram a partir dos grupos de igreja, que depois se voltaram para movimentos pelos direitos das mulheres.

Outro ponto é o papel da imprensa e das associações de leitura no século XVIII. Com a disseminação das comunidades de leitura as pessoas tinham maior facilidade para disseminar ideias e organizar protestos; os folhetins e os jornais criavam, muitas vezes, uma atmosfera de união. Era comum que essa “atmosfera” se formasse em bares e cafés e então surgiam as associações, os protestos, pois “era difícil reprimi-las e controlá-las, porque quem iria se queixar se alguém quisesse beber com amigos numa casa particular ou nos fundos de um café?” (TARROW, 2009, p. 75)

Ainda a respeito da perspectiva histórica dos movimentos sociais, Tarrow, (2009) ao abordar a “Formação do Estado e movimentos sociais”, trabalhou, inicialmente, a perspectiva de Tocqueville, em que a sociedade se beneficiou com a criação do Estado, pois o despotismo ou a resposta violenta passa a perder força. É uma nova estrutura que possibilita cidadãos comuns se articularem sem o receio de serem massacrados. Nesse período da construção de Estados modernos como Estados Unidos, França e Inglaterra, políticas de confronto se acirraram. Elementos como voto, cidadania plena, possibilitaram maior engajamento popular em ações coletivas. Cada um desses países agiu de modo próprio. As ações coletivas passaram a ter maior autonomia e um caráter modular que se adequava em diversas circunstâncias. E dessa maneira, com a cidadania plena advinda com a consolidação dos Estados, o confronto político é parte da democracia e não pode ser suprimido em sua totalidade, mesmo a contragosto de parte da elite.

Dessa feita, vimos por último que Tarrow (2009) afirma que a identidade facilita a ação coletiva, sendo uma identidade natural ou construída, mas a mobilização é um trabalho que não se constrói somente pela identidade, deve estar sempre conduzindo o grupo e fortalecendo a aliança. Cabe destacar, que muitas das vezes os movimentos são combatidos e não conseguem alcançar de imediato suas demandas, mas sua atuação deixa marcada um rastro de mudanças na cultura marginal e possibilita a criação de redes de movimentos residuais.

Por fim, este capítulo apresentou diferentes leituras da ação coletiva, quase todas elas com pontos marcantes em comum. Assim, esses autores apresentam diversos pontos da construção da identidade, seja pelo reconhecimento, seja pela interação dos indivíduos, seja pelos interesses individuais.

No capítulo 2 a seguir, são abordados três pontos: o primeiro diz respeito ao perfil dos trabalhadores da coleta de recicláveis no Brasil e a questão dos estigmas sociais e a busca por reconhecimento; o segundo aborda o papel e a forma de atuação do pesquisador em campo; por fim, o terceiro momento trata das percepções desta pesquisa de campo, descrevendo como se deu e apontando as características do local, ou seja, da ASCAMARI.

2. CATADORES DE RECICLÁVEIS: ORGANIZAÇÃO E RECONHECIMENTO

No capítulo anterior, apresentamos diversas interpretações do associativismo como suportes teóricos que ajudam na compreensão da ASCAMARI, que será apresentada em parte neste capítulo. A segunda unidade está dividida em três momentos: no primeiro é demonstrado, brevemente, o associativismo de catadores no Brasil, sua estrutura e as lutas que essa categoria enfrenta, como a questão dos estigmas sociais. No segundo momento discutimos o papel do pesquisador de campo, seu modo de agir e compreender a realidade apresentada. Na terceira parte, é apresentada a vivência de campo do pesquisador. Assim, cabe apresentar primeiro a cidade de Imperatriz-MA, onde está localizada a ASCAMARI.

Imperatriz, localizada na porção sudoeste do Estado do Maranhão (Figura 1), é o segundo município mais populoso do Estado, com 273.110 habitantes (IBGE, 2023) e, possui uma economia voltada, sobretudo, para o comércio e indústria.

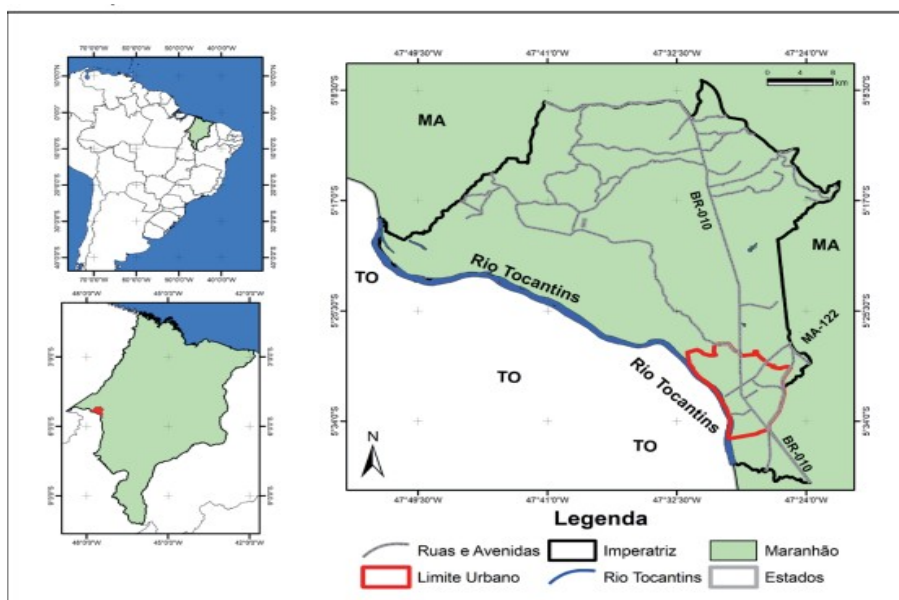


Figura 1: Localização do Município de Imperatriz

Fonte: Santos, Nunes. 2018

Acompanhando o processo de urbanização brasileira que tomou o país após a década de 1930, Imperatriz também cresceu, sobretudo após a construção da rodovia BR 010, a Belém-Brasília, na década de 1950. Segundo Franklin (2008) a cidade passou dos 9 mil habitantes, em 1940, para 220 mil habitantes em 1980.

Dessa maneira, deve-se, todavia, compreender que o fenômeno urbano, da reprodução das cidades, faz parte de um processo de formação que se reproduz ao longo do tempo. Segundo Lefebvre (2002):

O conceito de cidade não corresponde mais a um objeto social. Portanto, sociologicamente trata-se de um pseudo-conceito. Não obstante, a cidade tem uma existência histórica que não se pode desconsiderar. Ainda há e por muito tempo haverá cidades pequenas e médias. Uma imagem ou representação da cidade, pode se prolongar, sobreviver às suas condições inspirar uma ideologia e projetos urbanísticos. Dito de outro modo, “o objeto” sociológico “real”, neste caso, é a imagem e, sobretudo, a ideologia! (LEFEBVRE, 2002, p. 61)

Nesse sentido, as cidades e seus processos de transformações são parte de uma ordem em constante construção. Compreender o papel de associações e organizações locais, suas etapas de criação, nuances e problemas, é fundamental se quisermos corroborar com o desenvolvimento das cidades em que vivemos, pois, como disse Lefebvre (2002), a cidade possui um poder de inspiração, de ideologias e projetos.

Desse modo, a ASCAMARI, surgiu das necessidades individuais e coletivas dos seus membros. Seu processo de articulação e organização é vinculado a organizações e movimentos sociais. Por conta de conflitos internos no Maranhão, ela não faz parte da Associação Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, mas se faz necessário compreender a entidade nacional para explicar a associação local, como veremos no próximo tópico. Na segunda parte do capítulo, discutiremos o papel do pesquisador de campo, para, em seguida, apresentar o corpo da ASCAMARI e, enfim, compreender o papel da ação coletiva.

2.1 Catadores no Brasil: organização e combate ao estigma social

Após um período de profunda disputa e polarização política, em 2023, o Brasil iniciou um novo ciclo de governança. Um marco dessa nova quadra da história foi na cerimônia de posse presidencial em 1º de janeiro de 2023, foi nessa oportunidade que uma catadora de recicláveis, Aline Souza²¹, 33 anos, colocou a faixa presidencial no Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, para iniciar seu terceiro mandato; Aline é a terceira geração de catadores de sua família (BBC, 2023). A catadora de recicláveis faz parte de um segmento de trabalhadores da sociedade que luta, constantemente, por reconhecimento, respeito e apoio.

O associativismo no Brasil no âmbito dos catadores de recicláveis, tem cada vez mais se estruturado nos últimos anos. O reconhecimento e organização dessa categoria de trabalhadores a partir do final da década de 1990, além das mudanças em leis ambientais recentes, tem corroborado nesse sentido.

No país, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e a Associação Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis ²²(ANCAT), estão desde o início dos anos 2000 trabalhando pela formação, capacitação, estruturação associativa e lutas por melhorias da categoria. Segundo o MNCR sua missão é:

Contribuir para a construção de sociedades justas e sustentáveis a partir da organização social e produtiva dos catadores de materiais recicláveis e suas famílias, orientados pelos princípios que norteiam sua luta (auto-gestão, ação direta, independência de classe, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo), estejam eles em lixões à céu aberto, nas ruas ou em processo de organização (MNCR, 2023).

Desse modo, tem havido uma consolidação profissional da categoria pelos símbolos, pelas normas, pelo autorreconhecimento do indivíduo em relação aos outros do seu grupo, como explicado a partir de Mead (2002) no capítulo anterior. Ainda segundo o MNCR (2023), para além das questões organizacionais, outras

²¹ Aline é filha de catadores e atualmente é estudante de Direito e presidente de uma cooperativa de recicláveis no Distrito Federal. No dia 1º de Janeiro de 2023, o eleito Presidente Lula subiu a rampa para tomar posse do seu terceiro mandato (2023-2026) ao lado de 8 pessoas que simbolizavam o povo brasileiro (BBC, 2023).

²² Criada no ano 2000, A ANCAT é o braço técnico do MNCR, trabalha diretamente com a formação e desenvolvimento de projetos de recicláveis. Para Saber mais, ver: <https://ancat.org.br/quem-somos/> acesso em 15 de fevereiro de 2023.

reivindicações ganharam corpo, como a mudança na Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2007, que permitiu à União fazer investimentos diretos nas cooperativas e associações, sem precisar passar pela prefeitura local. Houve também, nesse mesmo ano, mudanças na Política Nacional de Saneamento, Lei 11.445/07 que facilitou a contratação dos municípios na gestão de resíduos sólidos. Já em 2010, foi aprovada a Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei 12.305/10, que estabeleceu as formas pelas quais o país deve lidar com resíduos e rejeitos, garantindo ainda a transparência na gestão desses resíduos por parte dos setores públicos e privados.

A organização do MNCR segue a seguinte composição: → Bases Orgânicas Locais → Comitês Regionais → Coordenação Estadual → Comissões das cinco regiões brasileiras e, por fim, → Comissão Nacional, também composta por uma equipe de articulação (MNCR, 2023).

Quem são os trabalhadores de recicláveis? Os estudos raciais ajudam a explicar parte da composição dos trabalhadores desse segmento. Na segunda metade do século XX, a questão racial foi um dos principais temas estudados pela sociologia no país. Segundo Florestan Fernandes:

A condição econômica, social e cultural dos negros é o aspecto mais terrível de todo o quadro fornecido pelos dados do recenseamento. No censo de 1950, os negros compreendiam quase 14 milhões (11% da população total), mas participavam de menos de 20 mil oportunidades como empregadores (0,9%), predominantemente em níveis modestos, apenas 6.794 (0,6%) e 448 (0,2%) tinham completado, respectivamente, cursos em escolas secundárias e universidades. Uma situação como esta envolve mais do que desigualdade social e pobreza insidiosa. Pressupõe que os indivíduos afetados não estão incluídos, como grupo racial, na ordem social existente, como se não fossem seres humanos nem cidadãos normais (FERNANDES, 2013, p. 95-96).

Esse abandono racial, estudado por Florestan Fernandes na primeira metade do século XX, também perdura nos dias de hoje, em menor nível, mas ainda grave. Exemplo claro, está na própria composição racial dos catadores de recicláveis. Segundo Bouvier e Dias (2021), de acordo com censos estatísticos de 2019, o Brasil possuía cerca de 281 mil²³ catadores de recicláveis, desses, cerca de 72% são negros

²³Esses são dados amostrais do PNAD de 2019. Os dados do IPEA de 2016 dão conta de cerca de 400 mil catadores, mas segundo estimativas recentes de 2023, do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, esse número é de cerca de 800 mil catadores.

e pardos, ao passo que esse grupo racial representa, contudo, 52% da população brasileira. Outro dado interessante, é que cerca de 56% dos catadores trabalham mais de 40 horas por semana e mesmo assim ganham menos do que o rendimento médio ²⁴brasileiro. Desse modo, segundo Bouvier e Dias (2021, p. 10) “Dois terços dos catadores ganham menos de um salário mínimo por mês com diferenças salariais significativas entre homens e mulheres”. A consequência é um país com desigualdades gritantes.

Em nível nacional, a renda média dos catadores organizados raramente passa de dois salários mínimos (5,5%), sendo que a maioria deles recebe entre meio e dois salários mínimos mensais (87,3%). Esse padrão se repete nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Nas regiões Norte e Nordeste, há um grande percentual de catadores associados ou cooperados com renda média inferior a meio salário mínimo (respectivamente 19% e 20,7%) (CICLOSOFT, 2023, pg. 39)

A estruturação do associativismo dos catadores, que aconteceu nos últimos 20 anos, é uma forma encontrada para combater a desigualdade e o baixo rendimento. Segundo Bouvier e Dias (2021), mais de 80% dos catadores não passaram da educação formal primária. Em Imperatriz, a ASCAMARI, em parcerias com o setor público e privado, desenvolve programas de formação educativa e profissional. Uma implementação recente na atividade laboral, foi a produção de vassouras a partir de garrafas pet²⁵, atividade que foi implementada a partir de outras experiências semelhantes.

²⁴ Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2022) o rendimento médio brasileiro estava pouco mais de R\$ 2.600,00). Para saber mais, ver: < <https://bityli.com/4ituF>> acesso em 15 de fevereiro de 2023.

²⁵ Durante a pesquisa de campo, O entrevistado, Paulo, em 30 de julho de 2023 afirmou que a fabricação de vassouras está paralisada por falta de materiais específicos que tinham um único fornecedor. Desse modo, segundo relatos dos associados da ASCAMARI, os trabalhadores se viram “reféns” dos preços estabelecidos pelo fornecedor – que também foi o responsável pelo treinamento na fabricação de vassouras – e acabaram paralisando essas atividades. Outro ponto relatado, foi a dificuldade em empreender que os associados encontraram, era algo novo e complexo para a maior parte dos trabalhadores. Contudo, Paulo afirmou que a associação está procurando novos fornecedores, já compraram 50 cabos de vassouras para iniciar uma nova linha de produção com um modelo diferente, porém, esbarraram no nível de produtividade, uma vez que enquanto com o material do abastecedor anterior, que era feito de forma mais automatizada e produziam cerca de 60 vassouras em 4 horas, com o material do novo fornecedor, que produz as vassouras de forma totalmente artesanal, os associados são capazes de produzir apenas cerca de 10 vassouras em 4 horas.

No primeiro capítulo falamos principalmente a respeito da ação social e dos motivos do associativismo, agora, um complemento nessa compreensão vem do combate à discriminação ou da estigmatização. Em um estudo sobre estigmas aos catadores de recicláveis, Severo, Maia e Guimarães (2017) afirmam que:

Viu-se que o estigma do catador de material reciclável é considerá-lo igual ao material coletado [...].

Atualmente, os catadores de materiais recicláveis ainda são confundidos como catadores de lixo, entretanto, sem praticar a rotulagem social mais flexível, a nomenclatura correta, legalmente, é a primeira, partindo-se da premissa do objeto de trabalho que é coletado por esses profissionais e pela construção social de sua significação (SEVERO; MAIA; GUIMARÃES, 2017 p. 2020).

Nesse sentido, o combate à rotulagem pejorativa, a discriminação ou mesmo a percepção de inferioridade do outro, é sobretudo um trabalho educativo. Os estigmas sociais são baseados no que Goffman²⁶ (1982) chama de relação entre atributos e estereótipos. O autor classifica estigmas em três categorias: a primeira diz respeito às características corporais, são aspectos visuais de fácil identificação, como uma deformidade ou uma amputação, essas são as abominações corpóreas; a segunda característica são as culpas de caráter individual, como os vícios, desonestidade e distúrbio mental; já o terceiro segmento estigmatizante, diz respeito aos estigmas tribais, raciais, nacionais ou religiosos.

[...] Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais, efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original (GOFFMAN, 1982, p. 8).

Desse modo, Goffman destaca o caráter desumanizador a que os estigmas servem. Identificar e caracterizar um grupo social como inferior foi uma tática muito utilizada ao longo da história civilizacional. Aqui o autor apresenta a naturalidade

²⁶ Goffman é também membro da Escola de Chicago.

cotidiana que passa despercebida na utilização de estigmas sociais atualmente. O tipo de trabalho desempenhado, a origem social, o nível educacional, tudo isso ainda perdura e é reproduzido cotidianamente e interfere diretamente nas possibilidades de vida dos indivíduos.

Um indivíduo estigmatizado pode se retrair e se sentir inferior ao diferente, mas também pode reagir de uma forma violenta. A capacidade e o tipo de resposta, muitas vezes, se dará de acordo com o ambiente em que o indivíduo se encontra, em uma alternância de passividade, agressividade ou mesmo um modo de agir descontraído (Goffman, 1982).

A formação de associações, a exemplo das associações de catadores, é para além do fortalecimento laboral, é um mecanismo de interação dos iguais, uma forma de liberdade em que não há a presença da visão estigmatizante, “quando um membro da categoria entra em contato com outro, ambos podem dispor-se a modificar seu trato mútuo devido à crença de que pertencem ao mesmo grupo” (GOFFMAN, 1982, p. 23).

Desse modo, indivíduos criam arranjos organizacionais também como mecanismo de resposta à opressão estigmatizante. Como afirma Tonnies (1987) e Weber (1991), as afinidades, os valores e princípios são mecanismos que unem indivíduos em grupos sociais. Portanto, Goffman (1982) aponta que estigmas são um problema social que também está envolto nas relações de poder e desigualdade. Assim, os arranjos desses grupos na sociedade são uma forma de fazer frente às estruturas sociais.

Tomando como exemplo uma outra associação de catadores do Maranhão, vale observar o trabalho de Michelle Safady (2021), que trabalhou a luta por reconhecimento dos catadores de recicláveis de uma associação de catadores em São Luís-MA. A pesquisadora, em seu trabalho, faz uso da teoria da luta por reconhecimento de Axel Honneth (2003), também como forma de combate à discriminação. Desse modo, ela afirma que:

No que tange aos catadores de materiais recicláveis, esse é um dos fatores cruciais para o possível entendimento de suas lutas pelo reconhecimento a partir das experiências degradantes pelas quais a maioria deles passa de forma individual e coletiva e que permite a criação de uma gramática moral própria a qual serve de potência para a criação, por vezes, de ações coletivas que buscariam subverter essas experiências e criar, quem sabe, novos parâmetros sociais de

aceitação desses indivíduos e de reconhecimento mútuo (SAFADY, 2021, p. 91).

Ainda segundo Safady (2021), Honneth relaciona os aportes de Sartre em que “o ser humano vive como um ser-para-si que pode conseguir apreender o olhar do outro (SAFADY, 2021, p. 85). Esses são pontos que retomam inclusive o que foi desenvolvido por Mead, do qual o indivíduo se reconhece a partir do outro. Safady discorre que esse olhar do outro possibilita a percepção da autoconsciência e que só após isso, o autorreconhecimento, o indivíduo passa a enxergar os demais.

Com razão, Mead parte da premissa de que um sujeito pode conceber-se a si mesmo como uma pessoa única e insubstituível, tão logo sua própria maneira de autorrealização seja reconhecida por todos os parceiros de interação na qualidade de uma contribuição positiva à coletividade [...] se ele pode entender-se, à luz das normas comuns de ação, como uma pessoa que possui determinados direitos em face de todos os demais, então, à luz das convicções axiológicas comuns, ele pode entender-se como uma pessoa que tem importância única para eles todos (HONNETH, 2003, p. 77).

Portanto, a busca de reconhecimento dos pares e, externamente, é também uma forma de reestruturação social. Os indivíduos se veem nos outros, mas também podem reagir à forma como os outros os veem. Com isso, as articulações da MNCR e da ANCAT para a consolidação das associações de catadores pelo país, são por assim dizer, formas de luta por reconhecimento e de combate aos estigmas.

Ao discutir os estigmas sociais, abordamos o quanto isso pode ser doloroso para uma pessoa ou um grupo e que o reconhecimento dos indivíduos perante a si mesmo ao outro e ao grupo, é uma forma de combate. E nesse sentido, Honneth, ao tratar da solidariedade e da estima social simétrica, segundo Safady (2021) coloca a estima social simétrica, não como o pé de igualdade dos indivíduos, mas como a capacidade que os indivíduos têm de serem vistos como valiosos de alguma forma para a sociedade. Outro ponto de destaque, são as três formas de desrespeito que Honneth desenvolve: o primeiro são os maus tratos corporais; o segundo são os desrespeitos em relação à moral dos sujeitos por considerá-los incapazes de oferecer algo para o outro ou mesmo no sentido de considerá-los inferiores; e por último, o

desrespeito por considerar que uma pessoa ou grupo não possua valor social. Esses três fatores corroem a vida dos indivíduos, como forma de combater essa situação, Honneth diz:

[...] somente quando o meio de articulação de um movimento social está disponível é que a experiência de desrespeito pode tornar-se uma fonte de motivação para ações de resistência política. No entanto, só uma análise que procura explicar as lutas sociais a partir da dinâmica das experiências morais instrui acerca da lógica que segue o surgimento desses movimentos coletivos (HONNETH, 2003 *apud* SAFADY, 2021, p.87).

Portanto, a experiência negativa pode servir como impulsionador de mudanças, mas isso só vai ocorrer quando há abertura na articulação de um grupo para que tais mudanças sejam feitas. A formação de uma associação, nesse sentido, seria uma forma de criação de meios de combate a esses desrespeitos.

Aqui, foi apresentado a associação nacional de catadores, em seguida tratamos do perfil nacional dos catadores, e por fim, dando continuidade à leitura da ação coletiva, tratamos dos pressupostos sobre estigmas de Goffman, que divide estigmas em três categorias, os estigmas físicos, os morais e os de grupo. Este último, trata, especificamente, dos grupos sociais, ou seja, pertencimento. Dessa maneira, esses grupos, sejam eles de raça, etnia, religião, orientação sexual, ou mesmo, especificamente, no grupo dos catadores de recicláveis, são muitas desvalorizados e desacreditados pela sociedade por conta dos estigmas que carregam. A ação de consolidação de uma associação de catadores, é também uma forma de transformação da visão do indivíduo catador de recicláveis, pela sociedade que compõe a cidade.

Os 12 indivíduos que fazem parte da ASCAMARI, possuem exatamente o perfil étnico da maioria dos catadores apontados no início deste tópico. As 8 mulheres e os 4 homens carregam consigo a marca da dificuldade durante grande parte da vida. No próximo tópico, abordaremos o papel do pesquisador de campo para, em seguida, tratar do trabalho de campo propriamente.

2.2. O pesquisador e o trabalho de campo

Nesta seção discutiremos o papel do pesquisador em campo, seus procedimentos e percepções. Desse modo, tomando o campo de estudos dessa pesquisa, vale afirmar que existem diversas formas e objetivos que possibilitam a socialização entre indivíduos. As cidades, o Estado, as religiões, os grupos universitários, são exemplos de formas, a partir da inspiração simmeliana. E o etnógrafo, enquanto pesquisador, ele é também membro de grupos, de uma cultura, possui uma formação que modula sua forma de perceber a realidade e reagir a ela.

Pesquisar um grupo associativo, muitas vezes pode implicar romper barreiras da própria formação. Por isso a necessidade de ter a consciência da alteridade, da vivência, do que deve ser observado e da forma que deve participar do processo de investigação. Nesse sentido, “A investigação antropológica não se pode levar a cabo sem teorias e hipóteses, pois as coisas só se encontram se se procuram, embora muitas vezes se encontre algo diferente do que se pretendia achar.” (EVANS-PRITCHARD, 1972, p. 67).

A imersão do pesquisador em qualquer realidade observada implica colocar em prática a vida acadêmica, é ser agora capaz de dialogar o conhecimento teórico, a própria realidade que o moldou ao longo da vida e a realidade do grupo observado. E deste modo, o distanciamento deve ser entendido como a capacidade de utilizar conceitos teóricos e procedimentos metodológicos como ferramentas de pesquisa com vistas a um objetivo científico.

O trabalho do pesquisador é uma construção teórica e social que implica na plena capacidade de interpretar acontecimentos de forma racional e reflexiva, sistemática e colaborativa. Ao mesmo tempo em que, esse trabalho é individual, ele também é coletivo, pois depende de outros atenuantes para ser construído e interpretado. Nesse sentido, o intelectual é, então, responsável por traduzir outras realidades. A depender do objetivo da pesquisa, o seu resultado pode corroborar para a transformação da realidade observada ou pode apenas corroborar para registro e conhecimento de uma dada realidade em um local e espaço de tempo determinado.

Roberto DaMatta (1987) ao falar da solidão e dos sentimentos do pesquisador, trabalha questões fundamentais. Ele caracteriza o etnólogo em três momentos: o primeiro momento é a fase *teórico-intelectual*, representada pelo academicismo do pesquisador que até então não conhece o campo de pesquisa na prática, pois a companhia acadêmica deste até então são os livros, o ambiente formal e o debate com os seus. O que ele estudou até agora é apenas a interpretação de outros acadêmicos acerca de uma dada realidade, ou seja, ele é o terceirizado na linha interpretativa de dado fenômeno, mas é desse modo que se constrói um pensador que em determinado momento se vê capaz de dominar preceitos teórico-metodológicos.

A segunda fase é a do momento *pré-campo*, é o período do pesquisador afunilar no que estudará e programar suas abordagens e metodologias que até então constavam apenas como arcabouço teórico. Nessa fase, há o planejamento e então o pesquisador se vê confrontado entre o próprio eu, a teoria e a prática. Nessa fase de planejamento é fundamental a delimitação do objeto e o exercício da alteridade.

O terceiro momento é o *existencial*, que é a vivência propriamente dita do trabalho, pondo em prática a teoria aliada a realidade. Essa é a fase de maior choque, pois o etnólogo se vê muitas das vezes confrontado com o novo, a ausência de parâmetros do seu dia a dia, poderá deixá-lo com dificuldades de exercer uma observação consistente, de sistematizar dados ou mesmo de responder uma simples pergunta feita por um curioso, por exemplo: “Qual o motivo de você estudar indígenas?”. Foote Whyte (2005) fez uma pesquisa por quatro anos, e ele afirma que ficou cerca de dezoito meses somente coletando dados até desenvolver uma real clareza de aonde queria chegar.

Um exemplo famoso, nesse sentido, foi dado por Malinowski (1922), ao estudar os nativos melanésios, o pesquisador se viu confrontado com uma realidade muitas vezes cercada de marasmos, até podendo ser arredia e confusa. No entanto, o autor passou anos pesquisando aqueles grupos sociais, ele vivia verdadeiramente entre o grupo pesquisado. Desde então, a forma de fazer pesquisa mudou muito, a metodologia, o tempo de pesquisa que pode variar entre horas, dias, meses e anos, o próprio acesso ao contato externo já é diferente ao daquele período. Contudo, fica explícito nos escritos do autor que somente através da convivência real em meio às relações é possível captar determinadas informações.

No plano *existencial*, o antropólogo deve fazer uso das ferramentas disponíveis para alcançar seus objetivos pré-elaborados. Bem, o resultado final pode ser outro, mas isso é parte da riqueza que a pesquisa científica proporciona. Em outro artigo, *Trabalho de Campo* (1978), Damatta afirma:

[...] a antropologia social toma como ponto de partida a posição e o ponto de vista do outro, estudando-o por todos os meios disponíveis. Se existem dados históricos, eles são usados; se existem fatos econômicos, isso também entra na reflexão, se há material político, eles também não ficam de fora. Nada deve ser excluído do processo de entendimento de uma forma de vida social diferente. Mas tudo isso, convém sempre acentuar, dentro da perspectiva segundo a qual a intermediação do conhecimento produzido é realizada pelo próprio nativo em relação direta com o investigador [...] o nativo, qualquer que seja a sua aparência, tem razões que a nossa teoria pode desconhecer e – frequentemente – desconhece; que o “selvagem” tem uma lógica e uma dignidade que é minha obrigação, enquanto antropólogo descobrir (DAMATA, 1978, p. 150).

Nesse sentido, percebe-se também que, as ferramentas teóricas e metodológicas nem sempre são suficientes para compreender um fenômeno social, é preciso, portanto, compreender o indivíduo, o processo e, então, o resultado. Diversas vezes, esse indivíduo também é um informante, um colaborador, um personagem tão importante quanto o pesquisador que utilizará as informações deste para traduzir um processo investigado.

Como afirma Mauss (1972), o etnógrafo, ao partir para o campo, já deve saber a teoria para assim trazer à tona o que ainda não se sabe de determinado fenômeno social pesquisado. Nesse sentido, vale questionarmos: é possível o pesquisador chegar ao ponto de olhar para si mesmo e afirmar que agora é capaz, que está pronto para investigar, descobrir e traduzir, trazer novos fatos para a sua realidade social?

O arcabouço teórico adquirido na Academia ajudará este a estruturar e traduzir a informação o mais próximo possível da sua realidade, dando sentido de fato ao fenômeno. Nestes termos, compreender a realidade e traduzí-la é também fugir do academicismo puro que insiste em ser exaltado, cuja forma mais evidente é a escrita difícil e exacerbadamente culta que impede qualquer outro indivíduo que não seja daquela área acadêmica de compreender a informação.

Deste modo, o pesquisador que vivência o objeto pesquisado, carrega uma bagagem pessoal e intelectual. Há ainda outras preocupações constantes, como o autopolicimento de não influenciar no processo decisório da comunidade, há sempre a preocupação de não descrever os fenômenos com base em suas concepções pessoais, mas com base em fatos e pressupostos, há sempre a angústia de conseguir interpretar os dados, de sistematizá-los, de dar sentido ao seu trabalho. Portanto, logo no início do processo o pesquisador deve também fazer planos factíveis a respeito do que realmente conseguirá investigar, delimitar e desenvolver em um tempo determinado.

De fato, o pesquisador, ao vivenciar o campo que, até então, só entendia pelos livros, se dá conta que está diante de dois caminhos: a própria cultura e a cultura do outro. Entretanto, o pesquisador deve estar preparado e se colocar como o tradutor de outro modo de vida, de outro sistema, utilizando para isso a própria linguagem (DAMATTA, 1978, p. 25).

Deste modo, o método de trabalho é peça fundamental no processo de investigação e deve ser muito bem planejado e adaptado à medida que o pesquisador se insere no campo. No caso do estudo de uma associação de catadores, ou mesmo de uma comunidade local, de uma tribo, do chão de fábrica, o trabalho de campo trará à tona, uma diversidade de novidades e resultados que, por muitas vezes, não condizem com o que fora pensado durante a fase de planejamento.

O trabalho em campo é o momento prático, novo, real do que foi estudado, muitas vezes este é bem distinto do que se espera. Há diversas formas de ação, algumas muito utilizadas são os questionários com perguntas abertas e fechadas²⁷; outra que consegue trazer à tona as características do grupo pesquisado, é a observação participante, que consta de uma forma de o etnógrafo vivenciar a realidade de determinado grupo.

Este pesquisador deve estar presente nas atividades, participar dos momentos cotidianos e se esforçar em atividades do grupo, se preciso for, porém, não pode haver uma influência determinante do pesquisador nos rumos ou decisões tomadas pelo grupo. De fato, esta é uma forma de pesquisa enriquecedora e ao

²⁷Perguntas abertas possibilitam maior liberdade do entrevistado ao responder um questionário, já as perguntas fechadas são mais sistemáticas e muita das vezes se resumem e o entrevistado responder um simples “sim” ou “não”.

mesmo tempo desgastante para o pesquisador. Este deve estar sempre atento aos acontecimentos, anotá-los e interpretar tudo que ocorre ao seu redor.

Como afirma Minayo (2007), a metodologia não é nada mais que a aliança entre o pensamento e a prática no entendimento da realidade estudada. A metodologia é uma junção entre teoria e técnica, aliada à criatividade do investigador para a interpretação da realidade. Para isso, o trabalho deve ser claro, coerente e deve saber dialogar com as dificuldades da relação teórica e prática. Ainda segundo a autora:

[...] a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular [...] (MINAYO, 2007, p. 25).

Deste modo, a pesquisa é feita com base em paradigmas, conceitos e pressupostos que se colocam como universais e atemporais. Dessa forma, o indivíduo deve selecionar os postulados de forma que estes realmente sirvam para explicar determinado questionamento e, então, a pesquisa ganhará um corpo. O pesquisador deve tecer sua escrita no seu ritmo, ao seu modo, com base no seu arcabouço teórico de escrita própria. Isso é o que tornará o trabalho algo individual, com personalidade e espírito.

Na observação em geral, duas ferramentas de trabalho são fundamentais, como afirma Mauss (1969) a primeira coisa a se fazer é ter em mãos um diário para anotar tudo que fora observado durante o dia, nesse diário as fichas e objetos também deverão estar descritos. Já para a coleta de materiais, um inventário também se faz necessário, nele tudo será devidamente catalogado.

O observador do grupo deve carregar consigo a sensibilidade de que é impossível perceber o todo, mas apenas uma parte. A cerca disso, Geertz (1989, p. 14) afirma que “[...] não temos acesso direto ao real a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas aquela pequena parte dele que os nossos informantes nos pode levar a compreender”. E ainda, há nisso segundo o autor, o risco de o pesquisador ver o informante não como pessoas, mas como objetos.

Nesse sentido, a visão inocente ou deturpada do pesquisador pode ainda implicar em erro, uma vez que o informante também possui sua própria visão de mundo, possui particularidades que podem não condizer totalmente com a visão do grupo. E nessa linha, Halbwachs (2004) ao tratar da memória coletiva, afirma que a memória do indivíduo é um ponto de vista do todo e que essa será distinta na medida em que o indivíduo vivenciou o grupo e as posições que ele ocupou.

No caso da observação participante, que necessariamente une o pesquisador ao íntimo vivido pelo grupo, isso também facilita, em grande medida, ao pesquisador não cair nas armadilhas dadas por informantes, pois o pesquisador também está vivendo em meio aos fatos. O pesquisador brasileiro Gilberto Velho descreve o autor, William Foot Whyte (2005) como alguém que utilizava deste método para obter profunda aproximação e maiores diálogos com o universo observado. E segue afirmando que o autor consegue com isso captar a mais rica característica dos fenômenos sociais, tendo sempre como princípio o respeito aos investigados.

Nesse sentido, na observação participante abrem-se as possibilidades de estar mais próximo do real vivido pelo grupo. Nos tradicionais questionários, sejam eles *abertos* ou *fechados*, pode haver certo “embrutecimento” das informações prestadas, uma possível ausência da completude da informação. E no caso da observação participante, essa ocultação de dados pelo investigado dificilmente se manteria uma vez que o pesquisador passa a conhecer de perto a realidade do grupo.

Em outro trabalho, Evans-Pritchard (1972) citando a importância do trabalho de campo, afirma que é necessário compreender os códigos e representações do grupo estudado, pois tudo que integra a vida social do grupo, no fim, é expresso por palavras, gestos e ações. O pesquisador preparado saberá interpretar essas nuances sem sequer precisar perguntar.

No trabalho de William Foot Whyte (2005) diversos exemplos podem ser retirados. O autor afirma que os trabalhos de Malinowski, sobre as tribos melanésias, foram fundamentais para a compreensão de estudos de grupos populacionais urbanos. E nesse sentido, Foot Whyte, apresenta algumas questões interessantes para a obtenção da real informação, fator que passa necessariamente pela intimidade com o grupo. Ele afirma que se viu obrigado a mudar sua residência para o local de pesquisa. O objetivo de morar na comunidade, era para evitar ser eternamente tratado

como um estranho, também buscou aprender italiano²⁸ para poder captar as nuances da comunidade, as peculiaridades. Evidentemente isso não é algo aplicável como regra para todos os pesquisadores atualmente, mas passa a ideia da necessidade de busca pela intimidade com a comunidade para alcançar resultados o mais próximo possível da realidade.

Em outros trechos, o autor faz aportes importantes para o pesquisador em início de carreira, como por exemplo, nunca pagar para obter informações; buscar informantes do grupo para ajudar na pesquisa; se aproximar dos líderes para compreender o funcionamento da estrutura em todos os seus aspectos; não fazer perguntas inconvenientes, pois seus questionamentos serão respondidos ao longo do período de interação se o pesquisador conseguir ser aceito no grupo; não influenciar o grupo e evitar posições de liderança; o caderno de anotações deve seguir um padrão que facilite a posterior busca de informações com o auxílio de um índice. Por fim, o autor observa ainda que os estudos de uma comunidade, de uma organização não possuem um final, um momento em que tudo que poderia ser dito tenha sido dito, a pesquisa desses grupos deve ser feita em um período de tempo determinado para que se possa ter consciência de até onde ir (WHYTE, 2005).

Portanto, compreender a teoria, ir a campo, coletar informações e interpretá-las, são um conjunto de entendimentos, planejamentos e ações que devem ser muito bem amarradas para alcançar o resultado real, o que pode – e muitas vezes difere – do resultado que o pesquisador almeja. São muitas as teorias e as abordagens em campo, escolher aquelas que mais sedimentaram a formação do pesquisador, aquelas que mais se adéquam ao objeto de estudo, é o primeiro passo para alcançar profundidade na pesquisa de campo.

É nesse sentido que os estudos etnográficos, a partir do início do século XX, saíram em grande medida dos estudos de grupos, das tribos isoladas e passaram cada vez mais a buscar compreender a dinâmica de grupos urbanos. Esses novos estudos urbanos são consequência das transformações advindas com as Revoluções Industriais, pois com a expansão das cidades, novas “tribos” urbanas ganharam força e modificaram a dinâmica social. Os estudos do associativismo são também

²⁸ [...] ao aprender uma língua, também se aprende a cultura e o sistema social, que não podem deixar de estar refletidos conceitualmente no idioma. Todo o tipo de relação social, de crença, de processo tecnológico – de fato, tudo o que integra a vida social dos nativos – tem a sua expressão em palavras e em ações [...] (EVANS-PRITCHARD, 1972, .p. 81).

consequência desse novo florescimento dos estudos etnográficos. Seja qual for a demanda social com fragilidades, há sempre um grupo social se articulando para alcançar objetivos. No caso da ASCAMARI, a associação de catadores, não é diferente. No tópico a seguir, será apresentado o plano *existencial*, como disse DaMatta (1987).

2.3 O campo da pesquisa: interpretando a realidade

Nesta seção é feita uma breve descrição do trabalho de campo e das percepções da pesquisa iniciada em junho de 2023 e finalizada em maio de 2024. Durante o campo foi possível trabalhar ao lado dos associados praticamente em todos os tipos de separação, coleta e processamento de materiais. Eventualmente, no intervalo ou no final do trabalho alguém se disponibilizava para conceder uma entrevista. Desse modo, cabe iniciar contextualizando o que levou ao tema de pesquisa atual. O interesse de pesquisar associativismo surgiu na graduação em Geografia, ao pesquisar os resíduos urbanos e as formas de lidar com os rejeitos, assim ocorreu o primeiro contato com a ASCAMARI.

Em seguida, ao adentrar na pós-graduação em Sociologia, foi possível compreender o fenômeno do associativo e crescer o fascínio pelas interações humanas e manifestações decorrentes. Aqui vale pontuar o quão desafiador e enriquecedor foi experimentar a vivência de campo, o receio de não encontrar resultados, o receio de não ser acolhido no ambiente de pesquisa ou a indecisão de até onde coletar informações. Além disso, posteriormente surge o sentimento de angústia de como organizar os dados e o que não colocar no trabalho final.

Estudar os escritos de Mauss (1972), ao tratar da importância do pesquisador de campo estar preparado com os aportes teóricos, e de DaMatta (1978) ao tratar da consciência do pesquisador em enxergar a própria realidade e a realidade do grupo pesquisado, foi fundamental, assim como Foot Whyte (2005) que possibilitou compreender que o sentimento de angústia de fazer um bom trabalho e a necessidade

de captar as peculiaridades do grupo pesquisado são comuns a todos os pesquisadores de campo.

Assim, Foot Whyte (2005), afirma que o que o levou para o campo da investigação social, da observação participante, do interacionismo que viveu durante a pesquisa foi uma frustração que o mesmo carregava consigo. Ele afirma que tivera uma vida muito tranquila, era de uma família bem estruturada e sentia que nunca precisou lutar por nada verdadeiramente. Então como poderia escrever algo bom e genuíno se não conhecia o mundo real?

Já Mills (2009, p. 22) aponta que o pesquisador “deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual:”[...] examiná-la e interpretá-la continuamente”. Portanto, o que foi vivido pelo pesquisador possui valor e deve ser trabalhado para o bom desenvolvimento da pesquisa. O pesquisador não é um copo vazio que se enche de informações à medida que vai se graduando, o pesquisador é um ser de múltiplos sentidos que ao longo da vida vai se moldando em um processo inacabado. Vivenciar a experiência da observação participante foi parte dessa construção dos sentidos e percepções.

Como dito, a pesquisa de campo teve início na tarde do dia 22 de junho de 2023. No primeiro contato, 15 horas de uma tarde muito quente e ensolarada, o objetivo era uma autoapresentação e contar o que pretendia fazer. Assim foi feito, porém, as mulheres que mantive o primeiro contato se mostraram indiferentes ou mesmo nenhum interesse na presença do pesquisador; naquele momento não foi observado nenhuma liderança ou uma espécie de coordenador, fato que se provaria o normal do ambiente. No dia seguinte, sempre com o caderno de anotações, estava lá novamente, dessa vez trabalhamos do lado de fora, na separação de madeira em pilhas, eram paletes e pilhas de madeira que eram revendidos para panificadoras da região.

Nas semanas que se seguiram, o trabalho de campo era feito sempre nas quintas-feiras pela manhã, uma vez que foi sugerido vir sempre pela manhã, pois é costumeiro que no turno da tarde nem todos estejam presentes.

Quanto ao trabalho de campo, este foi feito pela observação participante, pois segundo Foot Whyte (2005), fazer parte do grupo diminuiria os riscos de o pesquisador ser tratado eternamente como um estranho. Na maioria das vezes era apenas

trabalho, e foi possível desempenhar a maioria das atividades executadas pelos membros. O pesquisador se ocupava na maior parte do tempo em desempenhar atividades que lhe fosse designada, tais como: separação de papelão, de plásticos, de ferro, de madeira e prensagem de materiais.

Primeiramente, cabe a caracterização física da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Imperatriz. A ASCAMARI está localizada no bairro Recanto Universitário. A associação se formou em 2010, e antes de ir para o local atual, funcionou por dois anos no Bairro Vila Cafeteira. O grupo recebeu a doação de um terreno²⁹ pela Prefeitura Municipal, com área de quase 5 mil m², sendo a área útil do terreno de cerca de 2.400 m².

No local foram construídos dois galpões em parceria com a Fundação Banco do Brasil. Segundo dados da Imperatriz (2018), a associação recebia mensalmente cerca de 20 toneladas³⁰ de material para reciclagem. Para a reciclagem de material, o local possui atualmente (figura 2):

- 3 prensas³¹;
- 1 esteira³²;
- 1 balança de 100 kg;
- 1 balança de 300 kg;
- 1 empilhadeira semi-elétrica;
- 1 empilhadeira manual;
- 1 patinha de carregamento de paletes;
- 10 carrinhos para carregamento de materiais³³.

²⁹O terreno doado possui área de 5 mil m², porém, apenas 2.400 m² são aproveitáveis sem necessidade de grandes correções de nível do solo, uma vez que o terreno é em um antigo local de retirada de barro, o que fez com que grande parte da área ficasse com uma profundidade elevada. Além disso, a associação utiliza um terreno ao lado com área de 200 m² que foi cedido e está nos trâmites finais para efetiva aquisição.

³⁰Dada a quantidade de trabalhadores e materiais de trabalho envolvidos atualmente, acredita-se que essa quantidade processada não mudou muito nos últimos anos.

³¹Somente duas prensas em funcionamento.

³²A esteira nunca foi utilizada, está há anos parada e são necessárias adequações no galpão.

³³Somente 3 carrinhos estavam utilizáveis, os outros 7 estavam com problemas.



Figura 2: Equipamentos de Trabalho

Fotos: Bruno Dias, 2023.

Já os materiais coletados para reciclagem, são: óleo, papel, papelão, plásticos³⁴, ferro, alumínio, vidros e madeira³⁵. Desses, o mais abundante é o papelão, mas a associação também recebe uma grande quantidade de papel³⁶, por causa da parceria com a Prefeitura (figura 3). Os fornecedores são em sua maioria shoppings, empresas comerciais, indústrias locais, mas o maior parceiro é a prefeitura municipal.

³⁴ Há diferentes tipos de plásticos.

³⁵ As madeiras são em sua maioria paletes que são revendidos para panificadoras. Outra parte da madeira é entregue para um senhor que produz carvão e entrega parte da sua produção para a associação, que revende ou utiliza o material.

³⁶ Na figura 4 é possível perceber uma imagem com livros e cadernos. Esses materiais com as folhas limpas são vendidos para um comprador que geralmente paga um preço maior que o preço normal pago para o kg do papel.



Figura 3: Reciclagem de Papelão

Fonte: Bruno Dias, 2024.

Quanto ao ambiente de trabalho, observou-se que muitas vezes o local fica sobrecarregado de materiais por dias, e dada a quantidade de pessoas trabalhando e a quantidade limitada de equipamentos, é comum que essa sobrecarga demore se dissipar, fazendo com que grande parte do material recebido tenha que ser descarregado no terreno³⁷ ao lado, que não possui área coberta. Observar o trabalho é estranho em um primeiro momento, pois não há uma divisão de funções exatas, todos fazem alguma atividade quase que em regime de alternância. Quando a separação de materiais precisa ser feita na área externa, segundo relatos, todos vão para lá, pois do contrário haveria reclamações dos que trabalham na área externa em relação aos que ficaram na parte interna.

Já os trabalhadores, quase todos moram no entorno da associação ou no mesmo bairro. Desse modo, é comum que as crianças, filhos e filhas dos associados,

³⁷ Em julho de 2023, havia um excesso de materiais depositados no terreno ao lado, dado a seca do período, o local pegou fogo e espalhou por grande parte do terreno e quase atingiu o galpão. Foi necessário a ação do corpo de bombeiros para evitar a destruição total do local.

estejam sempre perambulando pelo local, estes são em sua maioria crianças com menos de 10 anos de idade. Além do sócio fundador, o Seu José e outras duas pessoas, todos os outros entraram depois. Na maioria das vezes eles trabalham o dia inteiro, mas na área externa, geralmente só trabalham pela manhã, quando “o sol é mais frio”. As mulheres, muitas vezes, trabalham somente pela manhã por ter que conciliar com os cuidados da família. Assim, constatou-se, que não há uma obrigatoriedade de comparecer 8 horas de trabalho por dia ou alguém que fique fiscalizando o quanto cada indivíduo trabalhou. Pelo menos em quatro ocasiões os trabalhadores relataram a qualidade de trabalhar no local, destacando que não se sentem pressionados por um patrão, que podem fazer seu próprio horário de trabalho e parar para descansar sem sofrer repreensões.

Aqui o pesquisador se depara com um dos maiores estranhamentos, pois tendo trabalhado por diversas vezes em empresas privadas, tendo que cumprir metas e respeitar horários, tudo aquilo era um universo novo que precisava ser adequadamente interpretado.

Na segunda semana, mais uma vez estava na separação, dessa vez de papelão; fora uma manhã inteira de trabalho e as pessoas já interagiam mais com o pesquisador, porém ninguém concedeu entrevistas ainda. A separação de papelão consistia em abrir caixas, remover fitas plásticas e posicionar esses papelões abertos próximos das prensas para serem compactados em blocos de papelão de cerca de 250 kg. Além disso, também foram separados livros, cadernos e folhas em branco em uma pilha à parte, para serem vendidos por um preço diferenciado.

Na terceira semana foi apenas trabalho, mas dessa vez na área interna, fazendo separação de papelão para a prensagem. Na quarta semana, também foi apenas trabalho, na separação de ferro e papelão. A abordagem prévia para a coleta de entrevistas diretas já havia sido iniciada e ninguém parecia disposto a conceder, fato que mudaria somente na quinta semana de trabalho de campo. Para além das questões pessoais, da tentativa de resguardo da privacidade, havia também naquele momento, a questão da sobrecarga de trabalho, muitas das vezes o local estava abarrotado de material que precisava ser reciclado e não havia tempo hábil para parar e conversar calmamente, ao menos essa era a justificativa de alguns. De qualquer modo, separar materiais, ajudar no carregamento, compartilhar do cansaço, tomar

café juntos e ouvir piadas no intervalo, tudo isso eram momentos de compreensão e interpretação de como tudo acontecia ali.

[...] para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia [...] (VELHO, 1978, p. 36-37).

Portanto, para adentrar para além da superfície observável, é necessário esforço e dedicação, é necessário viver o/no objeto de estudo – óbvio que a depender do que se estuda, a abordagem pode ter maior ou menor grau de aprofundamento, a exemplo do tempo de pesquisa dedicado. Por exemplo, este pode ser resumido a uma hora de observação por dia em determinadas pesquisas – para alcançar o mais próximo possível a realidade do outro.

Como afirma DaMatta (p, 150, 1987) ao alcançar a lógica e a dignidade do outro enquanto objeto de pesquisa, o etnólogo se torna também mais humano, pois pôde compreender as adversidades, as vivências, a essência de outros “e assim, ter a esperança de transformar-se num homem verdadeiramente humano”.

Apesar da ausência de entrevistas no primeiro mês de trabalho, foi possível coletar dados essenciais, compreender os indivíduos que lá estavam, compreender a importância de cada material para o conjunto.

O observador, enquanto parte do contexto de observação estabelece uma relação face a face com os observados. [...] A importância dessa técnica reside no fato de que podemos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas uma vez que observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (CRUZ NETO, p, 60. 2007).

Assim, nos primeiros meses de trabalho foi possível conhecer e interagir com o ambiente, pegando as peculiaridades dos indivíduos e da estrutura da associação. Por assim dizer, foi possível captar os pontos positivos e negativos que dificilmente

alguém informaria em uma entrevista direta e só são compreendidos por meio da convivência.

Da quinta semana em diante, houve praticamente uma entrevista por semana, dos doze membros da associação, oito deles foram entrevistados, um por semana, dos outros quatro membros, um deles nunca foi visto no local e os outros três não quiseram conceder entrevistas. Então, após entrevistar oito pessoas e estar presente todas as quintas-feiras pela manhã, seguiu-se por mais algumas semanas, porém as visitas cessaram em outubro e retornaram em janeiro e parte de fevereiro. No meio tempo entre agosto de 2023 e maio de 2024 também foram entrevistadas outras pessoas, como membros do poder público e pessoas que colaboraram com a criação da ASCAMARI.

Quanto as percepções da associação, faz jus retomar os aportes de Olson (2009) ao tratar dos grupos pequenos e a capacidade de maior coesão. A ASCAMARI é um grupo pequeno, pois são somente doze indivíduos trabalhando na associação; tudo é decidido pelos membros em assembleia e todos os valores que conseguem arrecadar é dividido entre eles de acordo com o quantitativo do banco de horas que eles acumulam. Assim, apesar de não haver uma obrigatoriedade de estarem sempre presentes e cumprir uma carga horária mínima, isso também implica receber mais ou menos dinheiro no final do mês, sendo esse portanto o principal elemento de coesão intragrupo.

Dentre as informações coletadas, compreende-se que, em sua maioria, os indivíduos não entendem completamente que a associação não possui um dono e que qualquer mudança, para melhor ou para pior, será decidida por eles mesmos. No geral há um peso muito grande da responsabilidade sobre os membros fundadores, que já são idosos e também os mais politizados. Esses pontos serão mais aprofundados no capítulo seguinte.

Observou-se também a riqueza que é o trabalho em grupo, como disse Durkheim (1999): o conjunto de valores comuns ajudam a sedimentar um grupo e, portanto, uma sociedade e, a associação também segue esse exemplo. No entanto, a percepção de especialização do trabalho não se encaixa aqui, pois todos fazem tudo em algum momento e todos os indivíduos, em teoria, são substituíveis.

Portanto, estudar o significado de associações e, por conseguinte, a

associação de catadores de recicláveis – adotando postulados teóricos, delimitações espaciais e temporais de ação, buscando informantes, líderes que saibam contar a história do grupo da forma mais fidedigna possível, buscando compreender o funcionamento da organização em suas mais diversas articulações, buscando compreender os membros da ASCAMARI, o que os une, o que é semelhante e também distinto – tudo isso é fundamental para uma interpretação racional a partir das teorias científicas aprendidas na academia.

Portanto, neste capítulo foram expostos o perfil do catador e os problemas sociais enfrentados pela categoria, para então introduzir o próprio grupo pesquisado, a ASCAMARI, no primeiro momento a partir da visão do pesquisador quanto ao ambiente, como modo de trabalho e infraestrutura. Como disse DaMatta (1987), no fundo, há por parte do pesquisador o anseio de que essa experiência de observação participante, de compartilhamento de cotidiano alheio ao seu mundo real, tenham possibilitado maior grau de humanidade.

O capítulo seguinte dará continuidade ao tema abordado na segunda unidade. Nele, são trabalhadas as entrevistas com os membros da associação, com os fundadores e com os representantes do poder público e da sociedade civil, que de alguma forma colaboram ou colaboraram com a ASCAMARI. E também é discutido como uma organização religiosa e uma organização social foram fundamentais para consolidação dessa associação de trabalhadores.

3. AS PARTES DO TODO: CATADORES E OS COLABORADORES DA ASCAMARI

Na unidade I discutimos várias abordagens objetivando entender a associação de pessoas. Já na unidade II, identificamos a ASCAMARI, tratamos do perfil do catador de materiais recicláveis e também da importância da associação como ferramenta de combate aos estigmas sociais. Em seguida, discutimos o papel do pesquisador de campo e, por fim, fizemos um breve relato da experiência de campo durante a construção dessa pesquisa.

Nesta unidade iremos expor os resultados dessa pesquisa, como entrevistas com catadores da associação, sócios-fundadores, membros da sociedade que atuaram na formação da mesma e membros do poder público que colaboram com a ASCAMARI. Desse modo, chamar o capítulo de “As partes do todo: catadores e colaboradores da ASCAMARI”, se trata da relação dos catadores com as oportunidades que surgiram naquele momento, o qual foi a união da sociedade organizada, de catadores politizados e politizadores, de organizações sociais dispostas a construir a ASCAMARI, no caso, a Cáritas, e o próprio poder público dando abertura para isso, quando provocado. A construção dessa associação, é por assim dizer, um momento de conjunção de fatores e oportunidades que possibilitaram a consolidação dessa associação.

Desse modo, a unidade III é dividida em três seções: na primeira seção iremos expor os relatos dos trabalhadores que concederam as entrevistas, suas percepções do meio em que vivem e a importância da ASCAMARI para suas vidas. No segundo tópico trabalharemos os relatos da construção da associação, apontando como se deu, quem foram os responsáveis pela sua formação, além de aprofundarmos na sua estrutura de funcionamento atual. Este segundo tópico é subdividido em outros dois momentos, um para contextualizar a Cáritas, e o outro para contextualizar o Movimento das Comunidades Populares, pois ambos foram organizações sociais fundamentais na construção dessa associação de catadores. Já no terceiro e último tópico, iremos discutir o papel do poder público na consolidação e manutenção da associação de catadores.

3.1. As mãos que separam recicláveis, o espírito que movimenta o corpo da ASCAMARI.

Como tratado no último tópico do capítulo II, acerca da experiência de campo, as entrevistas só passaram a acontecer após pouco mais de um mês de trabalho campo. Até lá, foram coletadas características do ambiente, percepções de quem eram os trabalhadores e como é o trabalho. Na presente unidade apresentamos essas características gerais em paralelo às entrevistas com os trabalhadores, que são, por excelência, o coração da associação. Nesta seção descrevemos os resultados das entrevistas com aqueles trabalhadores da associação que se dispuseram a responder. Além disso trata da criação e manutenção dela a partir de outros atores além dos catadores. Vale pontuar que este projeto de associação dificilmente teria saído do campo ideacional se não fosse um conjunto de atores trabalhando para a sua criação.

A ASCAMARI não possui dono, todos os indivíduos são passageiros, são colaboradores. Se o corpo dela é a infraestrutura consolidada por meio de uma sede, dotada de documentos de criação e organização, possuidora de equipamentos e materiais recicláveis, o que movimenta tudo isso, ou o espírito da associação, são os trabalhadores que nela atuam. Além disso, toda a organização da associação segue princípios, como veremos ao longo da unidade, que vão além da coleta de recicláveis, que fazem parte, também, de um modo de organização política e social que começou no campo e, posteriormente, partiu para a periferia das grandes cidades, para trabalhar melhores formas de resolução de problemas. Deste modo, a Cáritas e o Movimento das Comunidades Populares “doaram” parte da sua essência na formação de uma categoria de trabalhadores a partir da criação dessa associação.

O último entrevistado dessa seção é o Senhor Antônio Teles, atual presidente da ASCAMARI e sócio-fundador, que atualmente trabalha na antiga sede, na Vila Cafeteira.

A primeira entrevista aconteceu na quinta semana de pesquisa de campo. Naquele dia a associação estava fechada e havia apenas um casal trabalhando dentro do galpão, eles estavam na prensagem de papelão. Depois de entrar pela janela e trabalhar com eles durante um período, no qual foi possível aprender todos

procedimentos de encher o equipamento de papelão e depois prensar, parou-se para descansar – geralmente essas pausas ocorrem 9:30 da manhã e vão até 10 horas³⁸ e era nesse momento da pausa para o café que era possível colher mais informações do cotidiano – e nesse momento, sem dificuldades, o rapaz concedeu entrevista e contou um pouco de sua vida.

As entrevistas, de modo geral, eram feitas a partir de uma lista de perguntas abertas (Apêndice 1), mas as perguntas eram apenas um guia direcionador, uma série de outras perguntas surgiam no meio da conversa.

O primeiro entrevistado foi Cleiton Silva Moura, homem negro, 31 anos, 5 filhos, que estudou até a quarta série. O pai de Cleiton abandonou a família muito cedo e ele foi criado somente pela mãe, com mais quatro irmãos. Além da separação de recicláveis, Cleiton já trabalhou na fabricação de bloquetes, na construção civil, como gari e em serviços gerais em um supermercado. Ao ser questionado quando iniciou a profissão de catador, disse:

Rapaz, pra falar a verdade desde uns 10 anos de idade já. Primeiramente, eu trabalhava lá no aterro sanitário que era no lixão. Minha mãe me levou para lá com 9 anos e de lá em diante eu fui catando por lá mesmo. Reciclando, né? Estou bolando nesse mundo assim de reciclagem até hoje, entendeu? [...] (Cleiton, catador, 13 de julho de 2023, sede da ASCAMARI)

O entrevistado contou que possui um longo histórico de vida no mundo da coleta de recicláveis, e que o irmão ainda trabalha no lixão municipal. Na sede da ASCAMARI, ele era o membro mais recente, com apenas 8 meses, e entrou em 1º de dezembro de 2022. Atualmente ele e a esposa³⁹ trabalham na associação; antes disso os dois trabalhavam juntos no lixão municipal, porém ela conseguiu uma vaga quatro anos antes dele. Em seguida surge a informação de que o lixão municipal se transformará em um aterro sanitário e que será criada uma outra associação no local próximo, pois é um local de difícil acesso e que inclusive ele, quando trabalhava lá, gastava muito com passagem, alimentação e entregadores. O período que trabalhou no lixão municipal foi, segundo ele, o mais desgastante por conta das condições de

³⁸ Em março de 2024 verificou-se que essas pausas haviam cessado para dar conta da demanda de materiais acumulados.

³⁹ Sua esposa não concedeu nenhuma entrevista ao longo do período de visitação. Ela sempre reclamava quando alguém parava para dar entrevistas. Ela é uma mulher negra, pouco estudo, quatro filhos e tem por volta dos trinta anos.

vida.

[...] Lá não tem água encanada, lá não tem energia, lá não tem supermercado, comércio perto. Se quiser comprar alguma coisa para se alimentar tem que andar três, quatro, seis quilômetros para achar[...] Aí a gente paga o táxi pra ir lá [...] ele compra com o próprio dinheiro e a gente paga o dinheiro e uma taxa a mais, aí vai uma água gelada, um pacote de gelo, trás pilhas pra lanterna para trabalhar noturno. Fora que a noite também é sono, no caso a gente acorda de manhã seis, sete da manhã, trabalha até meio dia e [...] de doze e meia em diante vai trabalhar até duas, três da madrugada [...] aí amanhece o dia, dorme duas, três horas de relógio e tem que tá em pé pra atividade de novo. Quem tem filho, quem tem família tem que fazer isso. Agora quem não tem, acorda na hora que quer, vai na hora que quer, porque lá não tem patrão, não tem empregado, não tem nada, é a espontânea vontade do trabalhador (Cleiton, catador, 13 de julho de 2023, sede da ASCAMARI).

Dos relatos da vida difícil e do esforço da mãe em criar os filhos, Cleiton diz que “quem criou foi só minha mãe, entendeu? Dentro do lixão e fora. Passou tanta dificuldade que até fazer um alimento, fritar um ovo em uma vela, ela já fez pra mim” (Cleiton, entrevista em 13 de julho de 2023). Assim, com uma voz embargada e ao mesmo tempo tentando ser otimista, ele afirma que seu objetivo é trabalhar para que os filhos não passem pelo que ele já passou.

Ao ser questionado a respeito das vantagens de fazer parte de uma associação de catadores, Cleiton responde que é um ambiente de trabalho mais fácil que no lixão, diz ainda que fazer parte da associação possibilitava o recebimento de um auxílio complementar da prefeitura no valor de R\$ 400,00 reais, mas que esse benefício havia cessado há quatro meses. O entrevistado afirmou que após o corte dos auxílios, reuniões foram feitas na Câmara de Vereadores e lhes foi prometido que passariam a ser entregues dois caminhões de carga reciclável por dia, com isso, aumentariam os rendimentos da associação e o benefício⁴⁰ também voltaria a ser pago.

Em outro ponto, ao tratar dos benefícios de fazer parte desse grupo, ele afirma que recentemente foi convidado a fazer parte do Conselho da associação e que:

⁴⁰Em entrevista com o Senhor José, em 08 de janeiro de 2024, a informação é que na verdade esse auxílio foi de vinte parcelas de 400,00 reais fornecidos pelo Governo do Estado na época do COVID e que estava em negociação um auxílio definitivo, mas que até o momento não houve avanços.

“rapaz, contribuição [...] o que eu acho, assim, é a união das pessoas, dos colega, a atividade do serviço para melhorar a ASCAMARI, é isso [...] Aliás, todo mundo são iguais, ninguém é chefe, ninguém é patrão, ninguém é nada, mas pela organização da ASCAMARI, todo mundo tem uma função a fazer” (Cleiton, entrevista em 13 de julho de 2023).

O entrevistado afirma ainda que fazer parte de uma associação ajuda na visibilidade, muitas pessoas e entidades facilitam a entrega de materiais e doações, mas as pessoas que trabalham na rua nem sempre são bem recebidos e estão em uma outra realidade. Esse relato de vida é também um exemplo do que disse Fernandes (2013) ao tratar da condição do negro no Brasil, pois ele é a personificação de uma parcela da sociedade que nunca teve acesso facilitado aos direitos sociais de todo cidadão.

Em determinada passagem, o entrevistado ainda disse que “isso não é um emprego, é um serviço [...] catador só tem a vontade e a força para trabalhar bastante, mas a coisa que não falta é fé que vai dar certo” (Cleiton, entrevista em 13 de julho de 2023). O entrevistado demonstra compreender que o local, apesar de ter todo um controle de compra, venda e organização de materiais, de pagamento de pessoas e cuidado com a infraestrutura, não funciona como uma empresa, pois tudo vai depender do esforço e dedicação dos membros. Assim, ao longo do período de trabalho de campo, também houve, ao menos, outros dois momentos em que só ele e a esposa estavam em efetivo trabalho, demonstrando hábito com longas jornadas.

Certo dia, Cleiton e a esposa brigaram e trocaram uma série de ofensas, o que provocou cochicho entre todos os indivíduos presentes. Meia hora depois, lá estava Cleiton, continuando o trabalho, pedindo desculpas à esposa e fazendo gestos de carinho, como um “cheiro” no ombro e uma palavra mais ao pé do ouvido da esposa, o que, infelizmente impossibilitou o pesquisador de captar o conteúdo, permitindo apenas compreender o significado do gesto.

Quanto a participação na organização da ASCAMARI, Cleiton aponta que apesar do pouco tempo no local, já teve oportunidade de participar de uma reunião que ocorre todos os anos em abril, cujo objetivo da reunião é fazer um balanço geral da associação, dos valores gastos e acumulados ao longo do período e finaliza traçando metas.

[...] Já participei de reunião aqui dentro, aí é só para falar do rendimento dos valores [...] o que ela é ganhado em dois anos, aí é falado o que é gasto como no caso portões, bebedouro, alguma coisa né, máquinas quando é quebrada [...] aí vai mostrar o que foi lucrado e o que foi gasto [...] e o valor que sobrou de lucro da ASCAMARI (Cleiton, entrevista em 13 de julho de 2023).

A segunda associada entrevistada foi a senhora Maria Antônia Silva, 47 anos, cuja entrevista foi realizada em 20 de julho de 2023. Faz 5 anos que ela trabalha na associação. Segundo ela, a maior vitória foi receber um lote para construir sua casa ao lado da associação, cujos membros, juntos fizeram mutirões e campanhas para a construção da sua residência. Ela possui 5 filhos, desses, outras duas filhas⁴¹ da dona Maria também trabalham na associação. Segundo ela, outra vantagem de fazer parte da associação é que todos trabalham para si, sem um patrão. Além disso, ela afirmou que há uma série de benefícios ao fazer parte da ASCAMARI, como as diversas parcerias e outras vantagens financeiras provenientes dessas parcerias com empresas e órgãos públicos. As crianças, por sua vez, também se beneficiam com aulas de capoeira e de reforço escolar oferecidos por uma empresa de celulose da cidade.

A catadora Maria não tinha uma ligação de vida com a coleta de recicláveis e sequer sabia o que ou quais eram os materiais recicláveis até iniciar no local de trabalho atual. Seu vínculo com a ASCAMARI se deu aos poucos; foi após as filhas frequentarem aulas de dança promovidas na sede da associação, na época, e com a ajuda de uma outra colega que trabalhava na associação, que ela passou a fazer parte.

Morava lá no Planalto, aí eu vim pra cá através da Socorro [...] ela começou a trazer as meninas para dançar, aquelas aulas de dança [...] aí ela foi, chegou aqui, conversou com o povo para arrumar um lote para mim [...] aí arrumaram o lote aí nós fumo pra fazer essa casa [...] eles também me ajudaram fazendo mutirão, pedindo pro povo para fazer a casa mais rápido [...] agora nós trabaia, no dia que a gente quiser vir a gente vem, no dia que não quiser não vem. [...] as vez nós ganha bem, as vez nós ganha pouco porque abaixa o preço dos material né, mas é bom aqui (entrevista Maria Antônia, em 20 de julho

⁴¹ As filhas não concederam entrevistas. Ambas possuem entre 20 e 25 anos.

de 2023).

Ao ser questionada se já sofreu discriminação, Maria afirmou que ela e os filhos nunca sofreram, mas sabe que algumas colegas já sofreram discriminação e os filhos dessas colegas eram, constantemente, vítimas de preconceito nas escolas.

Na semana seguinte, realizou-se outra entrevista, em 27 de julho de 2023, foi entrevistada a dona Rosa da Conceição, 39 anos, 9 filhos, dos quais 7 ainda moram com ela. Rosa trabalha há 22 anos como catadora, mas como associada, apenas 4 anos, e ela nunca trabalhou em outro segmento que não fosse a coleta de recicláveis. Ela também trabalhou no lixão, mas diferente do outro entrevistado, ela morava no lixão. A mesma aponta que a maior dificuldade que enfrenta, atualmente, é conciliar o trabalho com o cuidado dos filhos.

Assim, quanto aos benefícios de fazer parte desse grupo, Rosa aponta que a flexibilidade e proximidade do trabalho possibilita estar mais próxima dos filhos para cuidar deles. Além disso, é vantajoso todos dividirem os lucros do que é produzido. Atualmente, ela mora no bairro Recanto Universitário e recebeu uma casa de um programa social⁴². Questionada a respeito de discriminação, a mesma afirmou que já sofreu preconceitos quando trabalhava no lixão, principalmente seus filhos, mas desde que entrou na associação ninguém na família passou por isso. Ela conheceu a associação após participar de reuniões que eram feitas no lixão. Após ser contemplada com uma residência no bairro Recanto Universitário, a mesma procurou o “seu Zezinho” e conseguiu um trabalho na associação.

A quarta pessoa entrevistada foi Elisa da Silva Pereira, 40 anos, 6 filhos, entrevista realizada em 03 de agosto de 2023. Ela também trabalhou e morou do lixão de Imperatriz. Ela entrou no lixão em 1999, onde trabalhou até 2018. Elisa faz parte do corpo de colaboradores da ASCAMARI há 4 anos; um dos filhos dela, eventualmente, também ajuda na associação. Quanto a importância da reciclagem, ela diz “pra mim a reciclagem é tudo de bom, é de onde tiro minha renda, [...] onde tiro minha alimentação é daqui” (Elisa, entrevista em 03 de agosto de 2023). Ela também comenta que a associação ajuda muito na valorização da profissão, relembra que

⁴²Vários moradores do lixão municipal foram contemplados com imóveis no bairro Recanto Universitário. Rosa e outros trabalhadores da associação fazem parte desses contemplados.

seus filhos também sofreram discriminação quando se mudaram para o Recanto Universitário, mas que isso faz muito tempo. Assim como o primeiro entrevistado, ela diz que a vida no lixão era muito difícil, que a jornada de trabalho lá, às vezes se estendia até a madrugada e que discriminações, por conta do local de trabalho, eram comuns.

Elisa afirma que tomou conhecimento da ASCAMARI pelo seu José, que sempre visitava o lixão e conversava com os trabalhadores. Assim como Rosa, ambas conheceram a associação na época que seu José visitava o lixão periodicamente, buscando associados e explicando o que era e qual a importância de uma associação de catadores como a ASCAMARI.

Assim, das vantagens de fazer parte da associação ela continua “A gente trabalha em equipe, né? E todo mundo se ajuda, todo mundo se ajuda [...] é tudo dividido” (Elisa, entrevista em 03 de agosto de 2023). Continuando, ela, assim como os outros entrevistados, relata que sempre teve uma vida financeira complicada, mas que constatou uma melhoria na qualidade de vida ao fazer parte da ASCAMARI. Além disso, o relato de que a associação corrobora com o reconhecimento e a valorização da profissão foi praticamente unânime entre os entrevistados.

Ao explicar o funcionamento da associação, Elisa conta que, eventualmente, as mulheres também fazem sabão para vender e que além da fábrica de vassouras, há também a marcenaria⁴³, esta última sendo responsabilidade do “seu Chico” e a esposa.

Nos dias de visitação e trabalho que se seguiram, durante o restante de agosto e o mês de setembro, nenhum dos que faltavam entrevistar se dispôs a conceder entrevistas. O Seu José estava viajando, o que impediu sua entrevista antes. Quanto ao Paulo e Teles, optou-se por entrevistá-los em um outro momento; o primeiro, por conta do conhecimento administrativo da associação, se fazendo necessário coletar mais informações para saber o que perguntar à Paulo; enquanto Teles, pela importância do seu papel na formação da associação e, como ele não trabalhava na sede da ASCAMARI, optamos por entrevistá-lo por último.

Assim, as entrevistas de José e Teles, foram divididas em dois momentos, o

⁴³De fato há uma marcenaria com alguns equipamentos de movelaria instalados, mas durante o período de pesquisa a marcenaria nunca foi vista em funcionamento e “o seu Chico” também nunca foi encontrado no local.

primeiro para caracterizar o seu papel na associação e o relato do trabalho com recicláveis. E já na próxima seção, retomamos as entrevistas dos dois para abordar o papel deles na criação e desenvolvimento da associação.

Pausamos as visitas de campo na última quinta-feira de setembro de 2023 e retornamos por um breve período em janeiro, maio e em julho de 2024. Partimos primeiro para as entrevistas de julho de 2024⁴⁴: no dia 17 de julho entrevistamos Antônio Andrade, 71 anos e Raimundo Lopes de Oliveiras, 65 anos. Antônio conta que antes de trabalhar com coleta, era vigilante; ele trabalha há 5 anos com reciclagem e 2 anos na ASCAMARI. Ele conta ainda que o maior problema que vê na associação, é que há muito trabalho para poucas pessoas “a gente quase não tá dando conta [...] de fazer os trabalho que tem que fazer e ficar tudo ajustado [...] pra não ficar esse monte de coisa espalhada [...]” (entrevista com Antônio Andrade em 19 de julho de 2024).

Outro destaque que Antônio Andrade aponta, é de que ser associado dá maior possibilidade do catador ter acesso aos benefícios que o governo possa proporcionar para a categoria. Já o senhor Raimundo, afirma que trabalha com coleta há 6 anos e desde sempre na ASCAMARI; seus apontamentos confirmaram o que disse seu Antônio, além disso acrescentou a importância do trabalhador de recicláveis como o verdadeiro agente ambiental.

Retornando para 8 de janeiro de 2024, era catorze horas da tarde e não havia trabalho no galpão, somente Paulo, seu José e uma senhora estavam trabalhando no terreno do fundo; o objetivo era organizar todo o ferro, plásticos e outros metais acumulados para que no dia seguinte, um caminhão de transportadora conseguisse adentrar ao local para coletar os metais acumulados (figura 4).

⁴⁴ Foi uma visitação complementar, Antônio e Raimundo já trabalhavam na sede da ASCAMARI, eles não foram vistos no período de pesquisa de campo, pois segundo eles, estavam trabalhando na antiga sede da Vila Cafeteira.



Figura 4: Separação de metais

Foto: Bruno Dias, 2024.

Aquela foi uma tarde de muito trabalho, materiais pesados como barras de ferro, resto de geladeira, fogão e micro-ondas foram separados e organizados em pilhas. Então, já escurecendo, o Senhor José concedeu uma entrevista e contou um pouco de sua vida.

Seu José Ferreira Lima, 72 anos, afirma que antes de ser catador de recicláveis, era camponês. Ele foi trabalhador rural e assalariado rural em Goiás por vinte anos, onde aprendeu os ofícios de pedreiro, mas desde 2008 conheceu a reciclagem e passou a trabalhar apenas neste ramo. José conta que, em 2008, participou do lançamento de uma cartilha latino-americana sobre meio ambiente⁴⁵ e, a partir de então seguiu no trabalho de coleta de recicláveis e na articulação para criação da ASCAMARI. Após criada em 2010, a mesma segue filiando trabalhadores por toda a cidade, contando, atualmente com cerca de 115 filiados; o modo de trabalho da

⁴⁵Na próxima seção esses elementos que levaram a criação da associação serão devidamente explorados.

associação foi mudando ao longo do tempo.

[...] E o trabalho era termo de economia solidária. Aí nós começou esse trabalho de economia solidária vendendo junto, juntava o material e vendia de carrada, porque o pessoal não queria mais comprar de pouquim [...] a gente ajudou a criar o programa municipal de resíduos sólidos e coleta seletiva [...] até julho de 2018 a gente trabalhava catando na rua. De 2018 pra cá a gente criou a coleta seletiva com a prefeitura e aí a gente trabalha aqui no galpão, não vai mais catar material na rua (Entrevista José Ferreira, em 09 de janeiro de 2024).

Percebe-se que o seu José é, entre os trabalhadores da sede, o mais articulado e politizado, compreende toda a filosofia de trabalho dos catadores e as construções políticas e pontes para avançar na consolidação da associação. Atualmente, sua posição na associação é de tesoureiro. Ele conta ainda que ele e um colega chegaram na atual sede em 2012⁴⁶ e que ambos trabalharam sozinhos por um ano, até que entrou mais um colaborador, depois uma mulher, e mais outra pessoa, totalizando apenas cinco trabalhadores na sede até o início de 2018.

Em 2018, o número de trabalhadores aumentou para a configuração que conhecemos hoje, geralmente distribuído entre quatro homens e oito mulheres, embora às vezes esse número possa variar para dois a mais ou a menos. Ele conta, por exemplo, que, em um período recente, saíram três pessoas: uma por se tornar alcoólatra e não conseguir mais trabalhar, e os outros dois por buscarem outros objetivos profissionais.

Ao tratar dos ganhos do trabalho na associação, ele diz que a divisão é baseada na economia solidária. Este é um modelo de autogestão, geralmente, utilizado por associações, cooperativas e outras organizações coletivas que visam sempre o benefício coletivo:

[...] expressa um novo modo de organização da produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia a autogestão e a cooperação em empreendimentos coletivos, redes e cadeias solidárias articuladas no âmbito de segmentos econômicos. Ao considerar o ser humano na sua integralidade, como sujeito e

⁴⁶A ASCAMARI foi fundada em 2010 tendo sua sede inicial em um terreno na Vila Cafeteira, mas foi só em meados de 2012 que mudaram para a atual sede, após a Prefeitura Municipal doar o terreno.

finalidade da atividade econômica, a economia solidária desenvolve as capacidades dos trabalhadores e trabalhadoras, valoriza o associativismo, o trabalho das mulheres e de outros setores excluídos da sociedade, expressando um novo modelo de desenvolvimento sustentável e solidário (BRASIL, 2013, pg. 2)

No caso da ASCAMARI, essa divisão dos ganhos é baseada no valor atual dos produtos comercializados e com base no banco de horas trabalhado por aquele associado no mês. “A gente faz a produção, divide, tira a despesa e o resto que tem, divide por hora [...] aí sempre o ganho não é igual porque tem pessoa que falha [...] uns só vem de manhã, outros falha uma semana [...]” (Entrevista José Ferreira, em 09 de janeiro de 2024). Segundo o relato, no banco de horas do mês, alguns membros chegam a contabilizar pouco menos de 70 horas trabalhadas no mês, enquanto outros somam mais de 160 horas.

E aqui, mais uma vez, é demonstrado que a questão econômica se impõe como elemento de coerção. A divisão de ganhos da associação de acordo com a participação do associado é o principal elemento aglutinador que incentiva o indivíduo a se esforçar mais para alcançar melhores rendimentos. Desse modo, ao afirmar que grupos pequenos são mais fáceis de se unir em prol de um objetivo e que a questão econômica é um principal elemento de coerção, Olson (2009) sugere que, ao optarem por não participar das ações da associação, os indivíduos também estão optando por receber menos benefícios econômicos como contrapartida.

Em outro trecho, seu José conta com orgulho sobre as plantações de árvores no terreno da associação. Ele menciona que pretende ampliar as plantações de banana e aponta com satisfação os pés de cajá, manga, jaca e banana que já plantou no terreno. Também comenta que tentou iniciar uma horta comunitária, mas que ninguém além dele se envolvia no cuidado, e, por isso, o projeto foi deixado de lado.

Após essa entrevista, por mais duas semanas as visitas de campo seguiram sem avanços, e em seguida, cessaram. A visita retornou somente no dia dezesseis de maio de 2024 para entrevistar Paulo, o responsável administrativo da ASCAMARI.

Foi em 16 de maio de 2024 que de fato entrevistamos Paulo César Pereira da Silva, 46 anos e um filho. Ele é técnico em eletrônica e mecatrônica, atualmente vem tentando concluir o curso de Engenharia de Software. Naquele momento ele contou um pouco da história e como passou a fazer parte da associação. Paulo é membro da

associação desde 2018, mas seu contato começou um pouco antes. Seu primeiro contato com a ASCAMARI foi através de um projeto social para ensinar capoeira para filhos dos catadores e da comunidade na área onde hoje estão construídos os galpões. Com o passar do tempo ele participou da inauguração dos galpões e fez em conjunto com a associação uma roda de capoeira para comemorar.

Por ironia do destino, Paulo sofreu um acidente de trânsito pouco tempo depois e, em seguida, perdeu o emprego na empresa de publicidade que trabalhava. Em busca de trabalho, encontrou-se com Seu José, que sugeriu que seus conhecimentos em informática poderiam ajudar a informatizar o local. Desde então, além de ajudar na separação de materiais, Paulo também cuida da parte administrativa e do controle de dados.

O seu Zé me convidou para auxiliá-lo na parte administrativa, né. E o trabalho que eu faço hoje em dia dentro da ASCAMARI eu sou oficialmente Secretário/T.I./Auxiliar Administrativo [...] atualmente os projetos na parte de T.I. eu estou desenvolvendo um software para ajudar na parte administrativa [...] porque a gente faz muito retrabalho [...] por exemplo, compra do material, a gente compra o material, anota no caderno quanto que pagou, quantos quilos deu, no final de semana tem que jogar numa planilha do excel pra saber [...] do que entrou e quanto que saiu, que é pra gente ter uma estimativa no final do mês se a gente teve lucro ou não (Entrevista com Paulo César, em 16 de maio de 2024).

Esse retrabalho é a necessidade de repassar para a planilha de dados quantitativos comprados, vendidos e depois estimados, de acordo com o lucro e valor médio da hora trabalhada do mês, uma vez que o valor da hora de trabalho altera de acordo com os ganhos daquele mês. Estabelecer os quantitativos e valores diretamente em aplicações específicas facilita a administração do local, uma vez que a forma de trabalho é a economia solidária através da carga horária. Segundo Paulo, no mês de abril de 2024, após fazer a contabilidade das horas trabalhadas do mês, são somadas as horas trabalhadas pelos outros colaboradores e se tira uma média da carga horária, essa média salarial do pessoal é um valor destinado a manutenção da associação e serve como capital de giro:

[...] essa média funciona como capital de giro da ASCAMARI [...] ela recebe a média [...] esse dinheiro é utilizado para a manutenção [...]

todo mundo recebe de acordo com a hora trabalhada. Esse mês, por exemplo, deu dezessete reais e cinquenta e dois centavos o valor da hora. A expectativa é que o mês que vem dê um pouco melhor porque a gente conseguiu encontrar um novo comprador que ofereceu um valor maior pelo material [...] (Entrevista com Paulo César, em 16 de maio de 2024).

Na parte administrativa, Paulo é responsável por emitir notas fiscais dos materiais que saem e auxilia na contabilidade junto com seu José. Ele também faz a captação de novos compradores. Quanto à venda de materiais, alguns já possuem compradores fixos, enquanto outros são vendidos de acordo com a melhor oferta do mercado. Todos os meses, empresas enviam tabelas de valores.

Dos compradores fixos, pode-se citar o caso dos plásticos, cuja maior compradora da ASCAMARI em Imperatriz é a empresa recicladora RESSUL; já o ferro, é comprado pela recicladora São Lucas, também de Imperatriz; o alumínio, é comprado pela recicladora RECIMAR. Os vidros são vendidos para uma empresa de Sergipe.

Segundo Paulo, antes da pandemia de COVID, a associação chegou a fazer 48 toneladas de produtos recicláveis em um mês, mas depois da pandemia caiu bastante e só agora estão conseguindo se recuperar. Em abril de 2024 foram recicladas 36 toneladas de material. Os recicláveis mais vendidos pela associação é o papelão, e o mais caro é o plástico filme. Em um comparativo, para alcançar o valor de 7 mil reais, são necessários 80 fardos de papelão. Já o plástico filme, são necessários apenas 6 fardos para alcançar os mesmos 7 mil reais, no entanto esse último não é coletado em abundância como o papelão.

Desse modo, foram entrevistados todos os trabalhadores da associação que se dispuseram. O último a ser entrevistado agora, é o Senhor Teles, atual presidente da ASCAMARI e sócio-fundador. Ele trabalha na antiga sede, na Vila Cafeteira e, atualmente a sede é administrada pela filha e pelo genro dele.

A entrevista com Antônio Teles, 76 anos, ocorreu no dia 18 de maio de 2024. Ele vive na Vila Cafeteira há 33 anos. o senhor Teles começou a catar recicláveis no mesmo período que o seu José, em 2008. Eles dois foram os principais articuladores entre os catadores para a formação da associação. Ao questionar Teles se já sofreu discriminação por ser catador e se a situação mudou após fazer parte de um grupo, ele

diz:

[...] é, muda, porque quando a gente está só catando por lá e tal, as pessoas veem a gente com uma visão né, aí quando a gente passa a se destacar, vamos dizer assim, como liderança, como militante das coisas, as pessoas passam a ver a gente com outra visão, não é? [...] A minha área de catar mesmo todo dia é de lá de casa até aqui e daqui até lá em casa [...] aí muitas vezes a gente acha um material numa sacola, porque o povo não tem uma conscientização ainda de botar o material separado [...] as veis têm pessoa que zanga, poque as vezes têm uma latinha lá dentro da sacola, né? E a gente quer tirar [...] e as vezes rasga a sacola e tem gente que briga, zanga. É aquela coisa né, não fala direto na cara, mas a gente vê que ele fica falando e tal, né? (Entrevista com Antônio Teles, em 18 de maio de 2024).

Quanto à estrutura da ASCAMARI, Teles menciona que, desde o início, ele e seu José praticam um movimento de alternância na associação: quando um assume uma posição, o outro a deixa. Por exemplo, atualmente Teles é o presidente da associação e José é o tesoureiro. Na gestão de 2025, eles podem se candidatar novamente para os mesmos cargos ou decidir alternar, com José voltando para a presidência e Teles assumindo a tesouraria. No entanto, tudo isso é discutido em assembleia. Percebe-se uma dificuldade do movimento em encontrar membros para os cargos.

Ao tratar dos problemas da associação, ele toca em pontos essenciais, o primeiro é quanto ao funcionamento interno. Ele diz que sente que a associação não tem acertado no trabalho dentro da sede, pois os projetos não avançam como gostaria, a exemplo da marcenaria ou da fábrica de vassouras; ambos foram projetos que demoraram a ser implantados, mas que no fim estão paralisados, sem funcionamento. Além disso, ele afirma que os trabalhadores não trabalham com alegria e que seria benéfico ter mais pessoas na equipe, pois há trabalho suficiente para mais pessoas e espaço para desenvolver outros projetos. Ele aponta que o aumento da produtividade possibilitaria até mesmo o aumento das cobranças ao poder público, que, na verdade, estão invertidas. Eles é que estão sendo cobrados para arranjar trabalhadores, e muitas vezes o material chega e fica acumulado. Sua visão sobre a função social da associação em relação aos catadores é:

[...] ajudar a categoria, ajudar em que? Ajudar a melhorar suas condições financeiras e principalmente ajudar a crescer a consciência, consciência ambiental, de direito que o trabalhador tem. E a ASCAMARI continua pensando assim e querendo assim. Agora, a complicação é [...] a visão do catador é muito devagar, assim, [...] as reciclagem, o peso do material nas reciclagens é dos usuários de droga, é quem mais ajuda, é quem mais traz material [...] Eu queria que eles pensassem mais em ter a sua casinha pra morar, eu penso em como a gente fazer para crescer eles nesse sentido [...] e aí a ASCAMARI, do meu ponto de vista deve ser uma entidade para cuidar dessa parte [...] é tão difícil, o ser humano é tão difícil [...] Eu como catador e cristão que sou, eu sinto muito, pois o meu desejo era que todo mundo enriquecesse para viver bem, como eu vivo [...] agradeço a Deus em primeiro lugar, em segundo a família que eu tenho, e terceiro ao movimento que participo, o MCP[...] a nossa grande preocupação é como fazer para ajudar a resolver esses problemas [...] (Entrevista com Antônio Teles, em 18 de maio de 2024).

O Seu Teles e Seu José são muito politizados e, de fato, compreendem o funcionamento do grupo e suas dificuldades. A formação do pensamento crítico desses dois protagonistas também fazem parte da próxima subseção, que trata da fundação da ASCAMARI e sua estrutura.

3.2. Composição e Criação da ASCAMARI:

Neste tópico apontamos a estrutura organizacional da ASCAMARI e discutimos como se deu a criação da associação. Para descrevermos a atual estrutura organizacional, retomamos a entrevista de Paulo; para discutirmos o processo de criação, retomamos as entrevistas de Teles e José, os sócios-fundadores, mas além disso, novos colaboradores também ofereceram seu ponto de vista, assim descrevemos suas participações e percepções da criação e atual situação da associação de catadores. Dentre os novos entrevistados estão José Geraldo, Maria da Paz e Lurdes, devidamente apresentados ao longo da seção.

Quanto a estrutura organizacional da ASCAMARI, Paulo César, entrevistado em 16 de maio de 2024 e 19 de julho de 2024, explica que todos os anos, no dia 21 de abril, ocorre uma assembleia geral com os associados. Atualmente existem 115

catadores associados à ASCAMARI e todos esses são convidados para a assembleia. Nessa reunião, são prestadas contas e feito um balanço geral da atual situação da associação e do andamento dos projetos. No entanto, uma vez a cada dois anos, é realizada uma eleição para a nova diretoria e o conselho fiscal durante a mesma assembleia. Antes dessa votação, são feitas reuniões nas comunidades de catadores pela cidade para explicar aos associados a respeito da votação e da importância de cada cargo na estrutura de funcionamento. Só então é perguntado se alguém da comunidade gostaria de fazer parte da diretoria ou do conselho.

Após as reuniões nas comunidades, é feita uma nova reunião na sede da ASCAMARI apenas com os representantes de cada comunidade, que devem indicar os candidatos aos cargos de Diretoria e Conselho Fiscal. Depois é feita uma sabatina com os indicados para saber se estão dispostos a aceitar os cargos e as demandas. Ele conta que da última vez foram necessárias três reuniões para encontrar pessoas que aceitassem fazer parte da Diretoria e Conselho Fiscal. A última escolha ocorreu no dia 21 de abril de 2023 e, portanto, a próxima só ocorrerá em 21 de abril de 2025. Nesse sentido, estrutura da Diretoria é:

- Tesoureiro
- Presidente e Vice-Presidente
- Secretário e Secretário Adjunto

Atualmente o Tesoureiro é José Ferreira; Antônio Teles é o Presidente; Paulo César é o Secretário⁴⁷. Já o Conselho Fiscal é composto por 6 pessoas e é responsável por analisar e dar o parecer das contas prestadas pela associação, ou seja, enquanto a Diretoria faz todo o processo de administração, compra e venda de materiais, o Conselho Fiscal faz a verificação das contas prestadas no final de cada mês. Então, a prestação de contas do dia 21 de abril de cada ano, é feita por este Conselho (Entrevista com Paulo César em 19 de julho de 2024).

Como dito, a ASCAMARI possui 115 catadores de Imperatriz associados. O associado paga todos os meses uma taxa de 4 reais ou uma taxa anual de 48 reais.

⁴⁷ Paulo conta que por conta da alta demanda de trabalho, já comunicou aos membros da Diretoria que na próxima gestão não participará de nenhum cargo, pois exige muito tempo e ele necessita finalizar seu curso superior, interrompido diversas vezes, uma vez que ele é o Secretário, o responsável pelo T.I., pelo administrativo e também está sempre ajudando no galpão.

Estes não trabalham na sede e não tem direito aos rendimentos adquiridos com a venda de materiais na associação, mas possuem alguns benefícios, principalmente aqueles conseguidos junto aos governos:

Os sócios, eles tem direito aos benefícios que a ASCAMARI consegue, por exemplo, no tempo da pandemia a gente conseguiu um auxílio [...] específico pros catadores [...] o auxílio catador. Fora isso, tem outras coisas, as vezes é destinado pra gente EPI's, uma empresa destina uma quantia pra comprar de EPI, capacete, bota, luva, aí quem é sócio recebe também. As vezes alguma entidade manda cestas básicas [...] o Governo do Estado já mandou algumas vezes[...] faz o levantamento de quantos sócios tem e manda cesta básica pra todo mundo [...] E outro benefício é que o sócio tem um valor diferenciado em relação a quem não é sócio e vem vender material aqui, então ele recebe um pouco mais porque ele é sócio (Entrevista com Paulo César em 19 de julho de 2024).

Desse modo, o associado se beneficia por estar vinculado, principalmente por ganhar visibilidade em relação às ações de políticas públicas. José e Teles foram os principais responsáveis por buscar sócios no início, na criação da ASCAMARI.

Retomando a entrevista de José, em 08 de janeiro de 2024, o mesmo afirma que começou a trabalhar com recicláveis em 2008, mas foi a partir de uma cartilha sobre meio ambiente, entregue em um evento na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), atual Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), que passou a enxergar a importância da coleta de recicláveis para o meio ambiente e à sociedade, e, então, passou, também, a ver a necessidade de se organizar enquanto grupo de catadores. Então, no final de 2009 surge a oportunidade de construir a associação.

E aí eu me convenci em começar a organizar os catador. Na mesma época encontramos com um projeto da Cáritas brasileira, Cáritas alemã, Cáritas regional Maranhão e Cáritas diocesana aqui. E aí a gente fez a parceria com esse pessoal e fundemo a associação. Começamo a discussão em janeiro de 2010 e aí quando foi em abril⁴⁸ nós fundou a associação e no mês de junho já tava toda legalizada, reconhecida com CNPJ, registrada a ATA, tudo já tava funcionando (entrevista de José Ferreira, em 08 de janeiro de 2024).

⁴⁸A data oficial de criação da ASCAMARI é 21 de abril de 2010, mesma data das reuniões anuais.

Assim, após iniciarem a associação com 11 sócios⁴⁹ e formarem um pequeno fundo de investimentos coletivos através das vendas dos materiais, os sócios utilizaram o fundo para terminar o acabamento de uma casa no bairro Vila Cafeteira, local da antiga sede da associação; além disso, a Associação Nacional de Apoio as Comunidades Populares (ANACOP) também apoiou a construção do pequeno galpão no mesmo local, onde trabalharam de 2010 até setembro de 2012, período no qual receberam a doação do terreno da atual sede. A área doada pela Prefeitura de Imperatriz é um terreno de 2.400 m²⁵⁰.

O número de sócios foi crescendo com o passar dos anos, assim como as parcerias com a Cáritas, MCP, empresas, prefeitura municipal, governo do Estado, o poder judiciário e outras entidades. Atualmente, a Cáritas possui apenas apoio político, inclusive deixou de existir em Imperatriz. Outros apoios que recebeu foi da Fundação Banco do Brasil, que financiou a construção dos dois galpões. Atualmente, em 2024, a empresa Suzano Papel e Celulose é uma das principais apoiadoras, faz parcerias, entrega de materiais, financiamento de projetos e cursos para filhos de catadores.

Quanto aos equipamentos do galpão, uma das prensas foi entregue pela Cáritas. Outros equipamentos como uma prensa, empilhadeira semi-elétrica e uma paleteira manual, foram entregues pela Associação Brasileira de Bebidas (ABRAB), essa é também uma das principais parceiras atualmente, pois paga cerca de 90 reais por tonelada de material reciclado. Funciona da seguinte maneira: a ASCAMARI recicla e vende o material para outras empresas, emite a nota fiscal da venda e uma cópia dessa nota é enviada para a ABRAB, que paga uma espécie de bônus por tonelada vendida. Outra empresa privada que desde o início colaborou com a ASCAMARI, é o Imperial Shopping, com a entrega de recicláveis desde a criação do shopping.

Quanto à Associação Nacional de Catadores, seu José apontou que não há contato, pois eles fazem parte de outro movimento, e o movimento local nunca conseguiu consolidar sua representatividade devido a brigas internas. Destaca ainda que, por conta dessas desavenças, o movimento de catadores do Maranhão nunca

⁴⁹ 11 é o número necessário de membros para a compor a Diretoria e Conselho Fiscal.

⁵⁰ O terreno foi doado em 2010, na gestão do então governo Madeira (2009-2017).

conseguiu ser reconhecido, mas afirma que há uma comissão formada trabalhando para consolidar a representatividade maranhense no âmbito nacional dos catadores.

Seu José também é membro do Fórum Estadual de Meio Ambiente e Sustentabilidade Ambiental, organizado em parceria com a Secretaria de Trabalho e Economia Solidária, Ministério Público do Trabalho do Maranhão e Ministério do Meio Ambiente de São Luís.

O militante José, exalta outro colaborador da criação da ASCAMARI, “O MCP é o Coração. Quem coordena a ASCAMARI é o MCP” (entrevista de José, em 08 de janeiro de 2024). Já Antônio Teles diz que “a Cáritas é a Mãe e o MCP é o pai”, ou seja, ambos os grupos foram essenciais para sua criação (entrevista com Antônio Teles em 18 de maio de 2024). Após a fundação da ASCAMARI, José conta que o MCP também ajudou a criar e coordenar outras duas associações de catadores na Bahia, e que ele possui muito contato com essas associações.

Quanto ao outro sócio-fundador, Antônio Teles, é cearense, mas morou desde muito cedo em várias regiões do interior do Maranhão. Há 37 anos ele vivia em São Pedro da Água Branca – MA, onde foi membro do Sindicato Rural e dirigente de uma Comunidade Eclesiástica de Base⁵¹ e através de uma freira, chamada Helística, já no final da década de 1980, foi convidado a fazer parte do MCP, que na época, segundo Antônio Teles, se chamava Movimento de Evangelização Rural (MER). Disso, surgiu a proposta de Morar em Imperatriz e, então, ele foi transferido para o recém-criado bairro Vila Cafeteira; com isso o objetivo era estar próximo da comunidade e levar os ideais do MCP, uma vez que trabalharia nas madeireiras do bairro, pois os objetivos do movimento são “mobilizar, organizar e desenvolver a consciência do povo” (entrevista com Antônio Teles em 18 de maio de 2024).

Certo dia, já trabalhando como catador, Teles conta que viu na TV uma entrevista de Lurdes Nogueira, responsável pela Cáritas em Imperatriz, que falava da criação de uma cooperativa de catadores:

Falei com Zezinho e ele disse ‘rapaz, é muito bom, vamo pocurar essa mulher’ [...] E ela já tava com reunião marcada [...] daí começou a

⁵¹As Comunidades Eclesiásticas de Base surgiram na década de 1960 e estavam orientando as pequenas comunidades católicas do campo e da cidade. Seu objetivo é vivenciar a fé e discutir a realidade em que os grupos estão inseridos. Para saber mais ver: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597739-as-comunidades-ecclesiais-de-base-saudosismo-ou-urgencia>> Acesso em 20 de junho de 2024.

discussão sobre a questão da cooperativa [...] Aqui eu e o Zezinho já tinha pensado de se engajar nessa luta de associativismo, né. [...] E a gente queria criar uma associação que não fosse levantada pela prefeitura, mas que fosse levantada pelos próprios trabalhadores da área [...] Sei que nós fizemos reuniões com muitas pessoas nas primeiras, aí foi reduzindo, por último tinha cinco pessoas. Aí nessa última que nós fizemos tava lá o Edmilson Sanches, que diz que é muito sábio nessa questão de criação de associação e muito amigo da Lurdes [...] Aí ele disse “do jeito que eu tô vendo, não tem como criar uma cooperativa, mas dá de nós criar uma associação, que eu tenho conhecimento na área e ajudo vocês”(entrevista com Antônio Teles em 18 de maio de 2024).

Desse modo, Teles conta que no final da reunião com Lurdes, ficou a proposta de buscar mais 6 catadores para formar a associação. Ele, como já foi vendedor de picolé por toda a cidade e conhecia muitas pessoas, ficou encarregado de contatar e convidar 6 catadores. “E assim eu fiz [...] aí quando fechei o quadro, chamei os companheiro [...] aí conseguimos arrumar as 11 pessoas pra criar a associação” (entrevista com Antônio Teles em 18 de maio de 2024). Ele conta ainda que todas as discussões para a criação da associação foram feitas na igreja católica da Vila Redenção. Depois de criada a associação, a primeira sede foi na Vila Cafeteira, depois disso as mobilizações se voltaram para a busca de recursos. Foi então que a gestão municipal fez a doação do terreno da atual sede, mas isso também foi conseguido através das reivindicações da Cáritas.

Em 03 de março de 2024, Lurdes Dias Paiva Nogueira, 73 anos, representante da Cáritas Imperatriz na época – e agora em São Luís – foi entrevistada. Em seu depoimento, ela aponta que a Cáritas Regional lançou um projeto para catadores de materiais recicláveis e que ela foi eleita para coordenar o projeto, iniciado ainda em 2009.

juntou-se com o Zezinho e o Teles, que é do MCP e a gente fez uma junção e fundamos a ASCAMARI em 2010. Aí como a minha função era ser agente e não coordenadora, eu nunca fiz parte da coordenação, mas até hoje eu acompanho eles[...] nós formamos um grupo aqui em Imperatriz que tem o nome de Grupo de Apoio, tem o Professor Geraldo, a Maria, a Gilda [...] era um grupo grande [...] e a gente fundou esse grupo de apoio pra acompanhar eles e apoiar o trabalho em Imperatriz. Foi um desenvolvimento muito grande na época [...] conseguimos um projeto pelo Banco do Brasil, a Cáritas conseguiu e a gente fez aquela organização da casa que tem hoje, que

é os galpão, conseguimos a casa com a prefeitura, a gente conseguiu o terreno, teve várias audiências, tudo com o apoio da gente[...] (Entrevista com Lurdes Dias em 03 de março de 2024)

Percebe-se que houve todo um trabalho intelectual para alcançar os objetivos e que seria praticamente impossível todo o processo ser gerado pelos catadores. Quanto a construção dos galpões, os recursos foram conseguidos também através da Cáritas (figura 5). Nos depoimentos, os entrevistados falam com admiração de Lurdes, responsável por iniciar o projeto. A Cáritas, enquanto entidade, proporcionou os alicerces e os grupos de apoio construíram a associação através da elaboração de projetos e campanhas junto a outras entidades e ao poder público.

A fundação da ASCAMARI a gente teve o apoio de várias pessoas, dentro desse grupo de apoiadores a gente teve o Edmilson Sanches, Professor Geraldo e a gente fez a documentação todinha da ASCAMARI dentro desses apoio. E com isso se começou [...] a visitar o lixão, e trouxemos o pessoal do lixão, conseguimos aquelas casas ao lado -- da associação -- que era um conjunto abandonado e a gente fez a articulação e o conjunto foi liberado e as primeiras casas foi liberada pra eles, a gente conseguiu 80 casa -- para o -- o pessoal do lixão que vieram pra li (Entrevista com Lurdes Dias em 03 de março de 2024)



Figura 5: Galpão da ASCAMARI

Foto, Bruno Dias em 20 de junho de 2024.

Assim, a articulação para a ocupação do bairro Recanto Universitário partiu da Cáritas. O objetivo dessa ação era trazer mais dignidade aos trabalhadores que antes moravam no lixão municipal. Entre as principais metas da Cáritas na época estava a de acabar com a presença de crianças no lixão municipal. Lurdes conta ainda que, atualmente, alguns desses ex-moradores do lixão trabalham na ASCAMARI, como foi verificado na pesquisa de campo. Ela também aponta que muitos não se adaptaram ao trabalho em uma associação. O ideal de independência prevalecia, ou a desconfiança formada ao longo de uma vida de exclusão pesava mais que a vontade de mudar. Assim, muitas pessoas acabaram retornando ao lixão ou vendendo suas casas.

Outro ator determinante para a consolidação da ASCAMARI, foi o intitulado Grupo de Apoio, assim como a Cáritas e o MCP. Dentre os membros do Grupo de Apoio, temos Maria da Paz Alves Souza, 60 anos, entrevistada em 27 de janeiro de 2024, que também era vinculada à Cáritas e substituiu Lurdes quando esta se mudou para São Luís. Seu trabalho começou em 2010, como auxiliar de Lurdes; de início fazia os registros fotográficos. Com o lançamento do programa Catador de Direito, ela passou a assumir mais demandas, uma vez que o projeto englobava toda a família dos catadores, mas sobretudo as crianças, já que o projeto tinha uma série de atividades. Enquanto os pais trabalhavam na reciclagem, as crianças faziam atividades pela manhã e pela tarde, como: grupos de dança e reforço escolar no bairro Planalto; reforço escolar, futebol e capoeira⁵² no bairro Bacuri; aulas de futebol e reforço escolar no bairro Caema; e aulas de reforço, capoeira e dança na sede da ASCAMARI.

Como Lurdes foi embora para São Luís, em 2013, Maria da Paz assumiu o programa Catadores de Direito; posteriormente, houve o lançamento do Catadores de Direito II⁵³, que funcionou até 2016.

Hoje, a Cáritas não atua mais em Imperatriz, porém a consolidação da ASCAMARI serviu como modelo para diversas outras associações no Maranhão, que foram criadas a partir da experiência em Imperatriz:

⁵²Segundo o próprio relato de Mareia da Paz, ela foi a responsável por colocar Paulo na ASCAMARI, que começou como professor de capoeira.

⁵³O programa Catadores de Direito tinha 14 monitores que davam aulas nos bairros citados.

Ela foi modelo para regional aqui [...] como foi modelo pra Bacabal, pra Vargem Grande, que a menina lá fundou uma associação de Catadores[...] e tem ponto fundando também em Balsas e Largo da Pedra (Entrevista com Maria da Paz, em 27 de janeiro de 2024).

Outro personagem do Grupo de Apoio entrevistado, foi José Geraldo da Costa⁵⁴, 88 anos, intelectual pernambucano erradicado em Imperatriz. Ele é esposo de Maria da Paz e também foi entrevistado em 27 de janeiro de 2024. José Geraldo tem sua participação marcada pelo empenho em escrever parte dos projetos lançados pela ASCAMARI, como por exemplo, os projetos das multas aplicadas pelo juizado especial criminal, que conseguiu destinar uma série de verbas para a associação. Anualmente é aberto um edital para que organizações sociais lancem projetos para requerer parte do dinheiro das multas ambientais que o juizado aplica e, a associação de catadores foi beneficiada algumas vezes com esses editais.

Ao lado dos galpões da atual sede há também uma casa, que foi doada junto com o terreno, mas o local foi depredado logo após a doação. Após isso, José Geraldo começou a fazer parte do Grupo de Apoio, ajudando na reconstrução, almoços de arrecadação de fundos e, em seguida, passando a escrever projetos.

Atualmente, o professor José Geraldo sente que a ASCAMARI poderia crescer mais. Ele aponta o principal problema da atualidade: “eles estão desinteressados em crescer” e em outro trecho afirma que “essa formação ideológica que eles recebem é genérica demais, porque eles não tem formação para [...]” (Entrevista com José Geraldo em 27 de janeiro de 2024). A justificativa para essa afirmativa, é que não há projetos, ou seja, há a possibilidade de requerer fundos, como o do juizado especial criminal, mas não há empenho dos associados em desenvolver projetos.

Agora sai o edital, o dinheiro tá voltando, gente, por falta de projeto. Eu me afastei porque alguns projetos que eu apresentei, vou dizer apenas um que eu chamei de “Escolinha da Selma”. A Selma era uma das líderes de lá, pensou em fazer algo tipo de educação de jovens e adultos [...] turmas pequenas, convênios com universidades [...] fiz esse projeto, pegaram esse projeto e fizeram outra coisa, um auditório, precisava do auditório, mas era outra coisa [...] uma espécie de desestímulo, estão sendo desestimulados[...] É o mercado, o poder

⁵⁴Foi o primeiro Diretor do Campus da UFMA de Imperatriz-MA em 1981.

público não tem política pública com relação aos catadores [...] (Entrevista com José Geraldo em 27 de janeiro de 2024).

Desse modo, ele afirma que há uma frustração entre os catadores. Apesar de o movimento ter tido uma cultura de ideologização interessante através do MCP, essa cultura não conseguiu cumprir bem o seu papel. Além disso, segundo ele, parte dos catadores gostaria de receber um salário da prefeitura e se sente abandonada por ela, como se essa devesse assumir o papel de patrão .

O professor José Geraldo é um apaixonado por fotografias, ao relatar as diferentes visões, ou mesmo a suposta falta de visão política ou ideológica de alguns membros da associação, o professor utiliza aportes de Žižek, outro intelectual e fotógrafo que diz:

[...] Žižek, ele como fotógrafo, principalmente fotografia que tem mais de um objetivo, um objetivo é ler a imagem [...] isso se chama efeito paralaxe [...] ele aplica isso por analogia na ideologia, a compreensão da realidade sofre o efeito paralaxe, você observa de uma forma, ela observa de outra e ela de outra. Dependendo da sua formação e do seu interesse e principalmente o interesse teleobjetivo [...] ‘tá afim de degustar aquela paisagem ou tá afim de derrubar aquela árvore pra fazer lenha?’. Você vai ler de uma maneira diferente e as suas ações vão ser diferentes, as suas associações vão ser diferentes. Isso é ideologia [...] (Entrevista com José Geraldo em 27 de janeiro de 2024)

Com isso, afirmamos que os catadores carecem de uma ideologização sólida e mais pontos de vista para somar e melhorar a forma de gestão. De certo modo, durante a pesquisa de campo observamos, entre os trabalhadores, essa certa ausência de formação ideológica, principalmente, entre os mais jovens; o trabalho pode ser encarado por muitos como um trabalho e nada mais, o ideal coletivo perderia força.

Outro ponto de dificuldades que a ASCAMARI possui, como descrito por José Geraldo, está na dificuldade em reunir os associados para assembleias gerais ou para escolher os membros da diretoria e conselho. Essa formação ideológica, está muito

centrada nos sócios-fundadores, pertencentes a Cáritas e ao MCP, mas necessita ser melhor implementada.

3.2.1. Cáritas

Os projetos que criaram a ASCAMARI e possibilitaram a construção da sede e aquisição dos equipamentos iniciais, partiram da Cáritas, organização social vinculada à igreja católica. Ela surgiu na Alemanha em 1897 e foi criada no Brasil em 1956, sob a coordenação de Dom Helder Camara, então Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e até hoje ela responde à CNBB. Sua missão, para além da questão religiosa, objetiva construir uma sociedade mais solidária; para isso o foco de atuação está nas pessoas mais vulneráveis e excluídas socialmente (CÁRITAS, 2024).

Na década de 1980, a Cáritas iniciou um projeto chamado Projetos Alternativos Comunitários (PACs). Seu objetivo era “apoiar pequenas iniciativas, associativas, capazes de promover mudanças na vida das pessoas através da solidariedade⁵⁵” (BERTUCCI, SILVA 2004, p. 13). No início os anos 2000, a Cáritas alcançava cerca de 62 municípios do Maranhão e, estava presente em 10 das 12 Dioceses, tendo apoiado diretamente cerca de 165 PACs, em cidades como Balsas, Imperatriz, Viana, Coroatá e Pinheiro (BAVARESCO, 2004, p. 121). Muitos dos projetos desenvolvidos aqui, eram de cunho rural, como artesanato, apicultura, além de iniciativas comunitárias como hortas, plantações e venda de produtos. Contudo, grande parte dos problemas enfrentados pelas Dioceses regionais do Maranhão estava na disponibilidade de pessoas para acompanhar os projetos desenvolvidos.

O acompanhamento é feito por entidades pastorais e da sociedade civil que são parceiras da Cáritas Brasileira: a Cáritas busca construir sociedades com entidades pastorais (Comissão Pastoral da Terra, Ação Social Diocesana, Pastoral da Criança) e entidades não governamentais⁵⁶.”(BERTUCCI, SILVA 2004, p. 48)

⁵⁵Tradução própria

⁵⁶Tradução própria

No Maranhão, a Cáritas firmou parcerias com a UEMA para assessoramento de pesquisas e projetos. Nesse sentido, a busca por lideranças locais é uma parte importante dos projetos desenvolvidos pela Cáritas. Quanto ao trabalho com catadores, há muitos projetos nesse segmento:

[...] além de valorizar esses sujeitos, contribui de forma significativa para a superação da pobreza e da exclusão deste segmento da população. A entidade assessora grupos informais na formação de cooperativas e associações, na organização dos processos de trabalho e em aquisições como: galpão para estocar os materiais coletados, equipamentos de proteção individual e maquinários. Atua também pela inserção deste sujeito social nos processos de gestão de políticas locais de gerenciamento dos resíduos sólidos, fortalecendo sua participação na elaboração de planos estaduais e municipais (CÁRITAS, 2024).

Foi seguindo esses preceitos que a ASCAMARI, também em parceria com um grupo de membros da sociedade civil, do poder público e do MCP, conseguiu se estabelecer. As articulações iniciaram em 2009 a partir de um projeto da Cáritas Regional, sob a coordenação da Cáritas Diocesana de Imperatriz.

A Cáritas é uma organização da Igreja Católica, ela é apoiada pela CNBB. Aqui em Imperatriz teve na Cáritas diocesana [...] A cáritas trabalha por projetos, tem projetos de várias áreas [...] eu fiz parte de três etapas dos projetos, que o último que a gente trabalhou foi com os filhos dos catadores, que a gente chamava de Catadores de Direito [...] a gente trabalhava com os filhos pra ter uma vida digna[...] Nesse projeto tinha capoeira, que o Paulo veio nessa época, tinha reforço escolar, danças [...] futebol, a gente chegou a fazer torneios de futebol com os filhos dos catadores [...] E a gente fez isso em várias cidades do Maranhão [...] A gente trabalhava Imperatriz, Bacabal, Balsas, Lago da Pedra e o povoado de Buriti que é da cidade de Loreto [...] (Entrevista com Lurdes Dias em 03 de março de 2024).

Desse modo, a primeira etapa foi buscar indivíduos e criar uma cooperativa de catadores ou associação. Por fim optou-se por criar uma associação; a segunda etapa foi consolidar a autogestão da ASCAMARI. Já a terceira etapa, foi o projeto “pós-associação”, o foco era nos catadores e nos filhos de catadores, oferecendo maior dignidade, cultura e educação. Este projeto se chamava Catadores de Direito, o qual

obteve inclusive uma segunda edição em Imperatriz. É importante ressaltar, como disse Lurdes, que várias outras associações de catadores foram criadas no Maranhão, sempre seguindo a experiência de Imperatriz. As cidades de Bacabal, Balsas, Largo da Pedra e Loreto, são o exemplo disso. No entanto, a Cáritas deixou de atuar em Imperatriz⁵⁷ e, agora, toda e qualquer manifestação vem da Cáritas de São Luís, onde está localizada a regional. Atualmente, a ligação da Cáritas com o ASCAMARI está através de Lurdes, agora vinculada à Cáritas de São Luís. O projeto que Lurdes ajuda a coordenar, atualmente, é o Rede Mandioca, voltado para o trabalhador do campo, objetivando fortalecer a agricultura familiar e evitando o êxodo rural, uma vez que boa parte dos catadores de recicláveis são ex-moradores do campo que não encontraram seu lugar nas cidades (LURDES, 2024).

Hoje trabalho na Cáritas em São Luís [...] faço uma articulação com a Rede Mandioca Hoje. A rede Mandioca é uma organização que ela tem 180 comunidades no Maranhão e ela trabalha com agricultores, a agricultura familiar. A gente fala mandioca porque o foco é a macaxeira, é a mandioca na comunidade, mas ela trabalha com tudo, com artesanato, com o que se dá, quebradeiras de coco, com hortas [...] A Rede Mandioca é pra reforçar os agricultores, os pequenos agricultores a plantar, a ter um plantio que não tenha agrotóxicos [...] que seja um plantio saudável [...] (Entrevista com Lurdes Dias em 03 de março de 2024)

Desse modo, a Cáritas atua tanto com os menos favorecidos da cidade, quanto com as pessoas do campo, com o trabalhador rural. O objetivo do Rede Mandioca, é fortalecer a agricultura familiar, é ajudar os agricultores e filhos de agricultores a melhorar a sua produção, a ter mais acesso aos mercados e mesmo educar na forma de como produzir, como por exemplo, dos agrotóxicos, optando-se sempre por produzir alimentos mais saudáveis. Nesse sentido, a ASCAMARI mantém laços com a Rede Mandioca a partir da troca de experiências e contato proporcionado pela Cáritas.

Aí aqui no Estado nós tem relação com várias cooperativas [...] tamo ligado a Cáritas, porque a Cáritas tem a Rede Mandioca, aí eles

⁵⁷Os relatos das entrevistas de campo dão conta de que dentre os motivos para o fim da Cáritas em Imperatriz, vão desde a falta de interesse da atual direção da igreja na cidade e até mesmo por conta de questões políticas, uma vez que, segundo relatos, os membros do MCP ganharam uma eleição para a direção da Cáritas em Imperatriz, já outros relatos dão conta de que ela apenas concluiu sua missão aqui e partiu para atuar em outros lugares. Fato é que logo depois dessa eleição ela deixou de existir em Imperatriz.

quando faz o encontro da Rede Mandioca, convida a gente porque tudo é economia solidária. Aí convida a gente pra contar experiência, trocar experiência com os outros. Experiência muito rica da Cáritas (entrevista de José, em 08 de janeiro de 2024).

Segundo Maria da Paz, o trabalho da Cáritas é excelente, possui uma importante função social e atua em mais de 200 países, estando sempre presente nas questões sociais “o trabalho dela é ajudar os excluídos, de levantar, ajudar criança, adolescente, idoso, agricultura [...]” (Entrevista com Maria da Paz em 27 de janeiro de 2024). De fato, como disse José Ferreira (2014), Cáritas e MCP são “mãe e pai”. Quanto ao MCP, sua origem, papel na ASCAMARI e importância social, serão tratados no próximo subtópico.

3.2.2. Movimento das Comunidades Populares – MCP

O Movimento das Comunidades Populares, está sediado em Feira de Santana – BA, ele surgiu há pouco mais de 50 anos. Atualmente está presente em 14 Estados brasileiros e atua em torno de 50 comunidades e interage com cerca de 15 mil pessoas. O movimento atua no campo e nas periferias das cidades, buscando sempre levar a consciência do modo de produção e do novo tipo de sociedade que pode surgir disso (PENNA, 2017). O movimento tem origem católica e rural:

[...] percebe-se que a memória oficial do MCP atribui sua origem à Juventude Agrária Católica (JAC), parte da Ação Católica Brasileira. Em 1969, ativistas da JAC, motivados pela aproximação ao pensamento marxista e pelas mudanças na conjuntura política brasileira [...] Surgiu assim o Movimento de Evangelização Rural (MER), que focava seu trabalho na organização de comunidades eclesiais de base e de sindicatos rurais, na luta pela posse da terra para os posseiros e na promoção de trabalhos comunitários que melhorassem a vida dos pequenos proprietários rurais (PENNA, 2017, p. 09-10).

No entanto, segundo Penna (2017), o então MER, se tornou Corrente dos

Trabalhadores Independentes (CTI), uma vez que desde 1979 o movimento ampliou seu foco, antes voltado somente para o trabalhador rural e as comunidades eclesiais de base, agora focava também na organização sindical do trabalhador assalariado rural, urbano e associações. Então, a partir de 1990 houve outra mudança, o movimento agora passa a se concentrar exclusivamente nos sindicatos e periferias urbanas e rurais, mudando seu nome mais uma vez para Movimento das Comissões de Luta (MCL), “através de pesquisas, identificavam os problemas dos bairros e favelas e conduziam lutas reivindicatórias junto às autoridades e órgãos públicos” (PENNA, 2017, p. 11).

Compreende-se, com isso, o fato de o senhor Antônio Teles ter iniciado sua ligação com o MCP quando ainda era líder de uma Comunidade Eclesiástica de Base no interior do Maranhão. Foi justamente na passagem para os anos 1990 que ele foi enviado pelo MCP para morar em uma recém-criada periferia de Imperatriz, o bairro Vila Cafeteira, e lá atuar para transformar a realidade local junto aos trabalhadores das fábricas na região.

Quanto ao atual nome, Movimento das Comunidades populares (figura 6), nos anos 2000, o movimento deixa de apenas identificar problemas e requerer soluções junto ao poder público e passa a praticar mudanças sociais. Além disso usa a estratégia de promoção do esporte e lazer para atrair a comunidade, assim, o nome mudou para MCP no Congresso do Movimento em 2011 (PENNA, 2017).



Figura 6: Antiga Sede da ASCAMARI e Atual Sede do Movimento das Comunidades Populares de Imperatriz.
Foto: Bruno Dias, 2024.

Ao tratar da filosofia de trabalho, organização social e renda, promovido pelo MCP, Seus José Ferreira conta elementos de história geral, de visões econômicas, religiosas e de culturas locais. Assim, o MCP promove uma forma de organização que a ASCAMARI cultiva e leva o nome de “10 Colunas”. Segundo José Ferreira (2024), ela se distribui da seguinte forma:

Quadro 3: As 10 Colunas do Movimento das Comunidades Populares.

4 SETORES	10 COLUNAS DO MCP
Setor Econômico	Coluna da Sobrevivência coletiva • Grupos de investimento coletivo⁵⁸ (financia outros grupos) • Grupo de produção coletiva • Grupo de compra e venda coletiva • Grupo de economia familiar

⁵⁸Em entrevista em 08 de janeiro de 2024, José Ferreira aponta que o grupo de investimentos coletivos da ASCAMARI possui 18 investidores.

Setor Social	Coluna da religião (uma visão de religião que liberta e com ideal de recompensa divina em vida) Coluna da saúde (tratamento através de saúde curativa e remédios naturais) Coluna da educação Coluna da família comunitária
Setor Cultural	Coluna do esporte Coluna da arte Coluna do lazer
Setor Popular	Coluna da moradia e urbanização (promoção de mutirões) Coluna da Infraestrutura ⁵⁹ e saneamento

Quadro elaborado com base no depoimento de José Ferreira em 08 de janeiro de 2024 e com base no trabalho disponível em: <https://territoriosresistencia.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/03/326-341_cap4-2_chico-mendes_tese-territorios-de-resistencia-tbartholl.pdf> Acesso em 20 de junho de 2024.

Portanto, a promoção do trabalho coletivo, a consolidação de uma associação, a política de melhoria social em uma categoria de trabalhadores, no caso os catadores, a promoção da cultura e a prática de mutirões, são as estratégias implementadas pelo MCP para a transformação da sociedade, que estão enraizadas na filosofia da ASCAMARI.

A gente vai estudando quais são os principais problemas do povo. Nós tem uma metodologia que é linha de massa, é um método que vamo discutindo a partir do interesse do povo. E qual é o primeiro interesse do povo? É econômico. E pra organizar esse interesse? Aí tem que ter a política, não é a política partidária, é a política de organização de grupos. E aí pra sensibilizar e formar [...] precisa a ideia, e quais são as ideologias que predomina hoje no mundo? Ideologia capitalista e a ideologia proletária, que hoje nós chamamos de comunitária [...] Então com isso nós vamos discutindo os problemas e adaptando essa realidade a partir desse método, a partir do nível da massa. Aí nós tem um lema, antes de ensinar o povo, nós vamos aprender com eles, porque o povo é o dono da história, o povo é a universidade da vida [...](Entrevista de José, em 08 de janeiro de 2024).

O seu José Ferreira (2024) ainda descreve que o MCP faz uma interpretação

⁵⁹Quanto a infraestrutura, além da atual sede da ASCAMARI que eventualmente funciona como local de reuniões do MCP, há a sede oficial do movimento na antiga sede da ASCAMARI, na Vila Cafeteira e uma casa no bairro Bacuri, local que até bom pouco tempo residia Anselma, outra importante participante do movimento. A casa do Bacuri que servem como ponto de apoio para reuniões do MCP e atividades com catadores e familiares.

dos arranjos econômicos e sociais, que se dão por meio de três categorias: a classe trabalhadora, classe burguesa e a classe média. A classe burguesa seria um projeto chamado de pirâmide, iniciado no período da industrialização⁶⁰ e é um modelo de sociedade altamente destrutivo; a classe média seria o projeto quadrado, este criado na Europa no período da social-democracia, este modelo teria sido trazido ao Brasil pela esquerda. No projeto quadrado há a leitura da política cidadã e econômica, com oferta de serviços públicos e privados ou uma mescla dos dois, e outro ponto citado por José Ferreira, é o Estado de Bem Estar Social⁶¹. Haveria ainda o projeto redondo, este último seria o projeto mais antigo da humanidade, iniciado pelas comunidades primitivas e pelas comunidades tradicionais e, é este último modelo de sociedade que o MCP se inspira (figura 7). Ele ainda cita os movimentos que desenvolveram esse projeto no Brasil e foram duramente reprimidos, como Canudos, Frei Caneco, Caldeirão de Beato Lourenço, dentre outros.



Figura 7: Os 3 Projetos para a Humanidade Segundo o MCP

Foto: Bruno Dias, 2024

Desse modo, a militância política do MCP, em Imperatriz, trabalha através do

⁶⁰ A Primeira Revolução Industrial ocorreu no século XVIII, enquanto a Segunda Revolução Industrial se dá por volta de 1850, já no século XIX.

⁶¹ Estado de Bem Estar Social surgiu na Europa no pós Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e é conhecido pela expansão os serviços públicos e promoção dos direitos sociais.

associativismo como estratégia de mudança comunitária, no qual “uns chamam economia coletiva, outros chamam de economia solidária, só que é difícil o pessoal entender e aceitar, porque o capitalismo impregnou o individualismo na alma do povo” (Entrevista com José, em 08 de janeiro de 2024). E nessa fala de José Ferreira, está parte da questão inicial desta pesquisa, no qual entende-se que alguns se juntam à outros para alcançar um objetivo, já outros membros do mesmo grupo podem viver aquela mesma atividade, mas cujo fim é alcançar um ideal não só material, mas social, coletivo. Na ASCAMARI não é diferente, percebe-se que, como disse Paulo César “[...] algumas pessoas não, algumas pessoas tem um ideal e utilizam a ASCAMARI para tentar alcançar, mas o seu Zé, dona Selma⁶², dona Socorro e o seu Teles, eles vivem isso aqui mesmo, de verdade” (Entrevista com Paulo César em 16 de maio de 2024).

Segundo Teles (2024), em Imperatriz há seis militantes do MCP, tendo também duas sedes, uma na Vila Cafeteira, coordenada por ele e outra no bairro Bacuri, coordenada por dona Anselma. Todos os meses há uma reunião fixa dos militantes, que discutem temas diversos (entrevista com Antônio Teles em 18 de maio de 2024). Portanto, a Cáritas e o MCP construíram a ASCAMARI, mas qual o papel do poder público para o grupo? A próxima seção aborda essa questão.

3.3. A participação do poder público

A participação do poder público, ou seja, da Prefeitura de Imperatriz e suas colaborações com a ASCAMARI, são divididas, até aqui, em dois períodos. O primeiro período, é o da gestão do ex-Prefeito Sebastião Madeira (2009-2016). Além das colaborações com audiências públicas na Câmara de Vereadores, o marco mais importante dessa gestão, foi a doação do terreno e da casa na atual sede onde estão construídos os dois galpões.

O segundo momento, é o da gestão do atual Prefeito, Assim Ramos (2017-

⁶² Maria Anselma Pereira, a dona Selma, é uma colaboradora da ASCAMARI das mais dedicadas e também militante do MCP. Até pouco tempo atrás ela morava em um dos pontos de encontro da ASCAMARI no bairro Bacuri, mas atualmente está residindo em Davinópolis, cidade vizinha. Segundo relatos do seu José Ferreira, lá ela desenvolve um projeto de criatórios de peixes com a comunidade local.

2024). Nesse período o debate nacional sobre resíduos sólidos ganha volume e diversas leis e metas nacionais são aprovadas. No âmbito municipal, as parcerias de maior destaque, com a ASCAMARI, foram a da entrega de recicláveis periodicamente na sede, acabando com a necessidade de os catadores saírem a rua para catar material, e o comprometimento de formalizar a doação do terreno ao lado, de cerca de 200 m². Até o momento a entrega definitiva desse terreno ainda não foi concluída, mas ele já foi inclusive murado e é utilizado pelos catadores.

Em 2018, a Prefeitura de Imperatriz lançou dois importantes documentos: o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS) e o Plano Municipal de Coleta Seletiva de Imperatriz (PMCSI). Com base no censo demográfico de 2010, os planos apontam que naquele ano a cidade produzia cerca de 314 toneladas de resíduos sólidos diariamente, mensalmente esse número chegava a cerca de 9,5 mil toneladas. Foi ainda em 2017 que a Prefeitura passou a realizar as entregas de recicláveis (Figura 8).

Tendo em vista a importância da reciclagem para uma cidade do porte de Imperatriz, em 2019, a Câmara de Vereadores aprovou a Lei Ordinária nº 1790, de 23 de agosto de 2019, que concede à ASCAMARI o status de entidade de utilidade pública (IMPERATRIZ, 2018).



Figura 8: Entregando recicláveis na ASCAMARI

Foto: Bruno Dias, 2024.

Foi a partir do PMCSI que a associação passou a receber os recicláveis na sede e os catadores não precisaram mais realizar a coleta nas ruas. Atualmente a entrega de recicláveis pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Hídricos é diária e feita por dois caminhões baús.

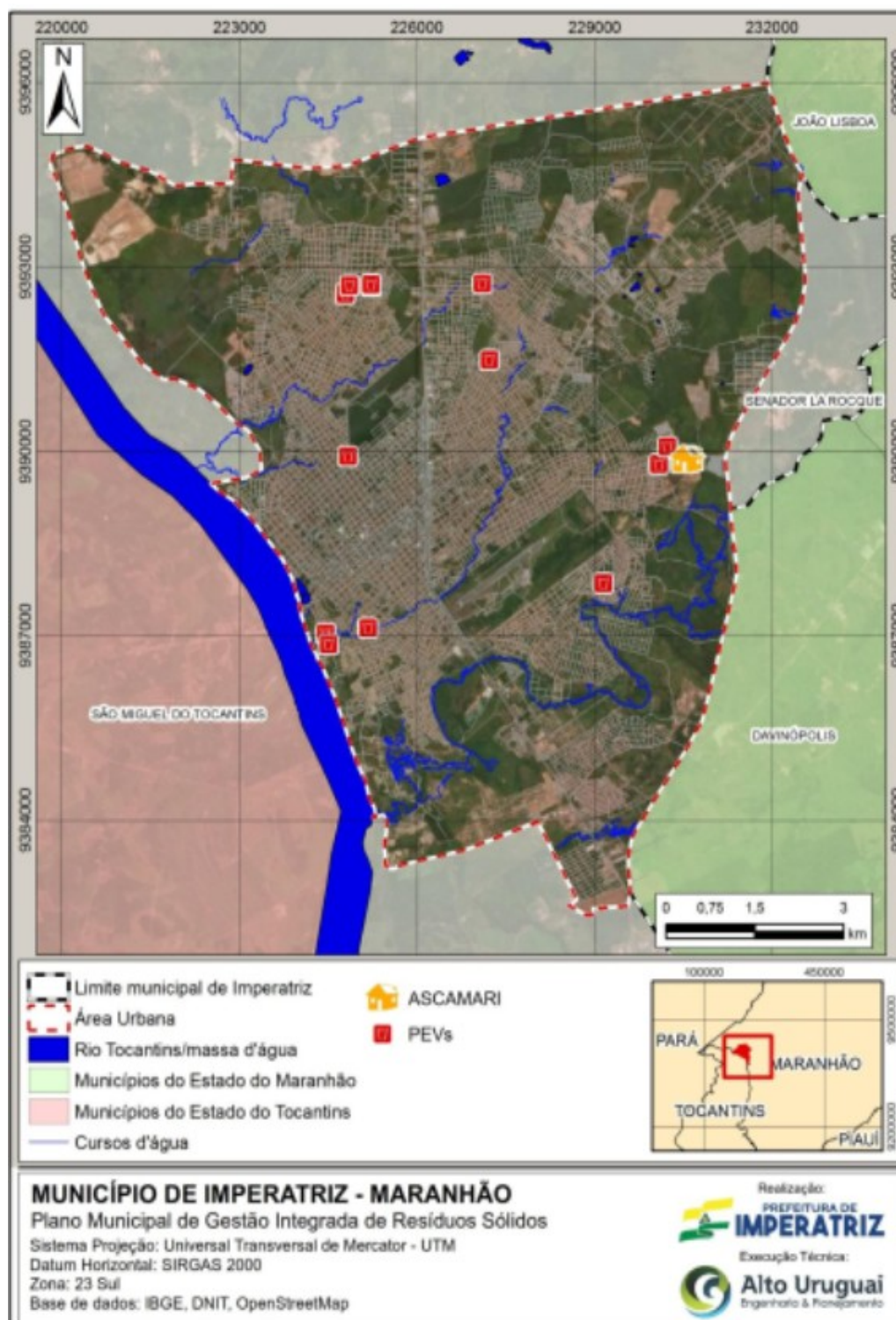
Depois do Madeira foi o Assis, aí continuou a parceria [...] a ASCAMARI, eles iam catar na rua e depois dessa parceria da prefeitura foi que veio o caminhão da coleta, vai coleta e leva lá [...] Na época do governo Madeira, a luta foi pra fazer isso aí, o terreno, a sede, que foi pelo Banco do Brasil, mas o forte mesmo, que foi o caminhão levar o material, foi nesse governo agora, do Assis (Entrevista com Maria da Paz, em 27 de janeiro de 2024).

Além das parcerias com empresas⁶³ e órgãos públicos que encaminham todo o material reciclável para a associação, há também os pontos de coleta espalhados pela cidade. Em 2018 eram 12 pontos de coleta, distribuídos pelos bairros Bacuri, Caema I e II, Nova Imperatriz, Parque Alvorada, Parque das Palmeiras, Parque São José I e II, bairro Planalto I e II, Vila Cafeteira e Recanto Universitário I e II (figura 9⁶⁴) (IMPERATRIZ, 2018):

⁶³Segundo o PMCSI (2018), naquele ano as empresas parceiras da ASCAMARI eram: Condomínio Porto Real, VLI Logística, ACA Brasil, EXPAN, Atacadão Supermercado, Banco do Nordeste, Hotel IBIS, Secretaria Municipal de Educação, SEST SENAT, Infraero, Armazém Paraíba, Colégio Santa Luzia, Colégio Santa Luzia, Colégio Manoel Procópio, Shopping Imperial, Hotel Imperial, Igreja Nossa Senhora do Rosário.

⁶⁴Os dados são de 2018 e nem todos os pontos de coleta estão em funcionamento hoje.

Figura 9: Pontos de Entrega Voluntária (PEV's)



Fonte: Prefeitura de Imperatriz. Elaboração: Alto Uruguai Engenharia & Planejamento (2018).

Atualmente, as principais parcerias da associação com a gestão municipal estão através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMMARH) e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Rosa Arruda Coelho, Secretária de Meio Ambiente desde janeiro de 2017, foi entrevistada em 06 de março de 2024. A secretária afirma que, até 2017, a associação fazia uma reciclagem muito baixa, de cerca de 3 toneladas ao mês, mas após a confecção dos PMGIRS e PMCSI, em agosto de 2018, foi implantada a coleta seletiva no município:

[...] já se vinha trabalhando com a associação, dando suporte, buscando alternativas para aumentar a quantidade de resíduos entregues no galpão com o objetivo de tirar aquele catador da rua, né, ele pudesse fazer o seu trabalho de segregação de uma forma mais digna [...] que agregasse maior valor aos produtos, a partir do momento que ele é entregue no local, que ele não passa no lixão, ele chega com uma qualidade melhor. Então a partir desse momento a secretaria vem trabalhando, entregando uma média de 40, 50, toneladas [...] a secretaria não interfere na questão da negociação e divisão dos recursos, né [...] (Entrevista com Rosa Arruda, em 06 de março de 2024)

A secretária também afirma que vem buscando agregar valor aos produtos da associação, a exemplo da marcenaria e da fábrica de vassouras. Segundo ela, houve uma parceria estabelecida com a empresa Suzano Papel e Celulose que conseguiu capacitar os trabalhadores para a produção de vassouras⁶⁵ e, que, inclusive a prefeitura inseriu as vassouras feitas de garra PET na limpeza pública. Outro ponto é a fábrica de sabão, na qual a matéria-prima, o óleo, é recolhido pela prefeitura. Cerca de 400 litros de óleo são repassados para seis grupos de trabalho ligados à ASCAMARI.

Quanto à coleta de vidro, a SEMMARH informa que prefeitura estabeleceu cerca de 75 parcerias, por meio das quais foram distribuídos coletores de 220 litros. Desse modo, duas vezes na semana, o caminhão recolhe o vidro nos parceiros e repassa para a ASCAMARI.

Quando a Secretária de Meio Ambiente foi questionada acerca dos principais

⁶⁵Como visto durante a pesquisa de campo, a fábrica de vassouras e a marcenaria estão paradas. A fábrica de vassouras funcionou por um período de tempo muito curto. Durante as entrevistas no local, foram feitas várias justificativas, como a dificuldade de encontrar fornecedores, a inexperience dos associados em desenvolver um produto novo e havia mesmo aqueles que disseram que era má vontade e comodismo dos associados.

entraves que inibem o crescimento da ASCAMARI, apontou o seguinte:

Eu sinto assim, que eles precisam se orgulhar mais do que fazem. Poucas as pessoas dos associados – se orgulham - , como o Zezinho, o Paulo. Tem muitas pessoas que tem orgulho do que fazem, buscam o crescimento da associação, mas você vê que falta aquele comprometimento, né? De dizer eu vou vestir a camisa, eu vou buscar alternativa [...] falta, eu acho assim, vontade de crescer [...] Os associados, ele tem muito mais possibilidade de ser visto, de crescer, mas é preciso que eles queiram, que eles se orgulhem [...] Eu me preocupo assim, com a falta dos cabeças, do seu zezinho, que é a pessoa que hoje não é o presidente, é o seu Teles, mas é quem realmente dá nome, dá visibilidade e se orgulha do que faz (Entrevista com Rosa Arruda, em 06 de março de 2024).

Nesse sentido, durante o trabalho de campo, percebemos vários pontos levantados pela s:Secretária de Meio Ambiente que também foram comentados pelo Professor Geraldo e pela Lurdes. O reflexo disso, está por exemplo, na produção de sabão: a secretária afirma que centenas de litros de óleo foram entregues, mas demoraram muito para serem distribuídos para os grupos de trabalho. O próprio Presidente Teles, quando entrevistado, afirmou que antes a associação exigia comprometimento com a entrega de materiais por parte da prefeitura, e hoje, percebe-se que os materiais são entregues, mas que não são processados em tempo hábil, carecendo de maior comprometimento ou de indivíduos para trabalhar.

Outro entrevistado da SEMMARH, foi o Gestor Ambiental Jairo Santana, em 16 de maio de 2024. O gestor é responsável por coordenar o envio de materiais para a associação. Ele afirma que, em abril de 2024, foram entregues cerca de 47 toneladas de recicláveis e 4.680 quilos de vidro. O gestor afirma ainda que até maio de 2024 já foram recolhidas mais de 200 toneladas de resíduos recicláveis e, em 2023 foram recolhidas 536 toneladas, sendo que todos os resíduos recicláveis são repassados para a ASCAMARI (ver anexo 2 e 3).

Por fim, Jairo aponta que quando for concluído o aterro sanitário de Imperatriz, os catadores do atual lixão formarão uma outra associação. Segundo ele, essa associação já existe e está formalizada, se chama Maranhão do Sul, porém não possuem sede própria e nem equipamentos e, para isso a gestão municipal atual está trabalhando para doar um terreno e máquinas, assim como ocorreu com a

ASCAMARI.

Outro colaborador de destaque, membro do Grupo de Apoio, mas também do poder público, é o Dr. Jadilson Cirqueira de Sousa, promotor de Justiça do Maranhão, que durante muito tempo atuou como uma espécie de padrinho da associação.

O Jadilson ele deu um apoio financeiro pra nós do final de 2012 até final de 2018. Ele mandava as multa [...] fazia as multas e depois ele passava [...]. Depois ele apresentou nós no juizado especial criminal, que todos os anos as ações cívicas das multas ambientais [...] Eles fazem um levantamento no fim do ano, no começo do outro [ano], eles fazem um edital e as associações concorrem. Nós já foi contemplado quatro vezes: foi com [...] o salão de reunião, um sistema de som, todo o material para a secretaria e um projeto pra comprar carrinho de coisa, compramos uma moto. Então tudo isso foi o juizado especial, saiu quarenta e dois mil nessa época, os outros foram treze mil, sete mil, o outro foi mil e pouco (entrevista de José, em 08 de janeiro de 2024).

Desse modo, Dr. Jadilson apresentou uma possibilidade de angariar fundos, enquanto o Professor Geraldo escrevia os projetos para participar do edital. Foram diversos os benefícios conseguidos para a associação. Já outro ator importante, é o Governo do Estado:

O governo do Estado a parceria nossa foi através do Pró-Catador [...] era todos os catadores do Estado, e aí fomos contemplados com a prensa pequena que tá ali, uma balança, uma esteira, uma balança pequena de mil quilos e vários EPI's. Teve cursos, teve diagnóstico, teve documentário [...] Aí nossa relação com o Estado é isso, agora por último eles mandaram dois kits de energia solar pra nós. E aí tão prometendo que vai sair um auxílio, parece que já tem cogitado 32 milhões de reais pra esse fim, pra fazer um auxílio definitivo pros catador, a partir do Governo do Estado [...] (entrevista de José Ferreira, em 08 de janeiro de 2024).

Acredita-se que esse programa supracitado seja uma parceria com o Governo Federal, no qual em 2023 passou por uma atualização através do Decreto nº 11.141/2023. O programa atualmente é chamado de Programa Diogo de Sant'Ana Pró-Catadoras e Pró-Catadores para a Reciclagem Popular. O programa faz parcerias com o governo dos Estados e locais, objetivando (BRASIL, 2023):

- Fortalecimento das associações, cooperativas e outras formas de organização

popular;

- Melhoria das condições de trabalho;
- Fomento ao financiamento público;
- Inclusão socioeconômica;
- Expansão da coleta seletiva de resíduos sólidos, da coleta seletiva solidária, da reutilização, da reciclagem, da logística reversa e da educação ambiental.

Em 2020, quando teve início a pandemia de COVID, o Governo do Estado do Maranhão instituiu um programa específico para os catadores de recicláveis, através da Lei 11.380 de 15 de dezembro de 2020. O programa ofertava um auxílio de 400 reais, que se estendeu até 31 de dezembro de 2022 (MARANHÃO, 2020). Observa-se, mais uma vez, a importância de ser associado, pois todos os catadores que eram associados à ASCAMARI tiveram direito ao auxílio e, atualmente, eles lutam por um auxílio definitivo. Como comentado pelo seu José “eles deram só pra época do COVID, aí a gente ainda pegou 20 meses de auxílio, aí a gente está lutando pra ver se a gente consegue um auxílio definitivo. Eles estão prometendo, não sei se vai sair” (entrevista de José, em 08 de janeiro de 2024).

Por fim, os catadores, a Cáritas, o MCP e a sociedade civil, construíram a ASCAMARI, cada um com modos de participação distintos. Em entrevista o “seu Zezinho” comentava da importância de fundar uma associação independente da Prefeitura, e assim foi feito. O poder público foi provocado ao longo dos anos e colaborou, mas nunca obteve algum tipo de ingerência na associação. Atualmente, a associação, ao passo que carece de mais transformações, talvez maior engajamento dos membros, também está com a possibilidade de expandir, ou seja, nos próximos anos ou ela fortalece a associação de catadores como um todo, seja pelo trabalho ampliado na sede ou pelas ações sociais com a categoria de catadores na cidade ou, ela corre o risco de colapsar após o surgimento de outros movimentos similares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É complexo explicar a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Imperatriz, a ASCAMARI, do seu histórico de criação ao atual momento. Nesta pesquisa fizemos isso por uma parte, através dos indivíduos que compõem a associação e daqueles que de alguma forma colaboraram com a criação e a manutenção dela. Em outra parte, por meio de teorias acerca do associativismo, dos movimentos sociais e dos combates aos preconceitos sociais. Desse modo, espera-se que o resultado final desta pesquisa possa servir de alguma forma como suporte para aqueles que almejam colaborar com a criação de outras associações, não só em Imperatriz, mas em qualquer lugar em que haja pessoas com possibilidade de desenvolvimento por meio da união de interesses, de oportunidades e de possibilidades de indivíduos se reconhecerem como importantes. Então, a união desses elementos, é o que leva as pessoas a se associarem, como perguntado no início desta pesquisa.

Os interesses individuais como elo básico de união associativa, fica claro no início dessas páginas, mas não é tão simples, pois é necessário que o indivíduo aceite interesses e demandas que não reflitam os seus interesses imediatos. Como visto na introdução e na primeira unidade, a partir das premissas de autores como Olson (2009), constatou-se que as organizações necessitam, a todo momento, promover os interesses coletivos, mas outros fatores como uma liderança forte e elementos de coesão devem ser implementados para fortalecer a união da organização e, além disso, também incentiva aquilo que chama de “grupo latente ou mobilizado” que são os indivíduos que participam das mobilizações. No caso da ASCAMARI, este é um grupo pequeno de apenas 12 indivíduos. Além do banco de horas trabalhadas, o que vai determina parte do valor salarial, ou seja, quanto mais horas trabalhadas, maior o salário, não existem muitas condicionantes de coerção. Por ser um grupo pequeno, são, em tese, um grupo mais fácil de se unir em torno de um objetivo, de fortalecer os laços e também de atender interesses individuais. Para grandes grupos, Olson recomenda outras coerções, como direito a participar dos ganhos conseguidos através da reivindicação de um grupo e exclusão dos que não participarem de

determinado objetivo que resulte em frutos positivos.

No caso da ASCAMARI, outro ponto essencial, é o poder da liderança interna, representada pela gestão administrativa, com presidentes, secretário, tesoureiro e um conselho fiscal. No entanto, há sim no grupo indivíduos que possuem um papel de liderança, mesmo não possuindo maiores direitos em relação aos demais. Os sócios-fundadores, Antônio Teles e José Ferreira, são o Presidente e o Tesoureiro, respectivamente. Eles historicamente revezam cargos da gestão administrativa por serem também os indivíduos mais politizados, além disso ou por isso mesmo, eles também são membros do Movimento das Comunidades Populares, movimento de origem católica e rural. Aliás, entre os fundamentos do MCP está a capacidade de seus militantes serem politizadores do meio em que vivem com o objetivo de mudar a realidade local através da coletividade e das reivindicações. A criação e manutenção da ASCAMARI foi em parte consequência disso. Como vimos, na passagem para os anos 1990, o MCP deixou de atuar somente no campo e passou a enviar militantes para a periferia das cidades, os quais deveriam, em um primeiro momento, criar a consciência social local e buscar mudanças estruturais junto ao poder público.

Durkheim (1990) chamou o conjunto de normas e valores comuns dos indivíduos de consciência coletiva. Posteriormente, Max Weber (1991) conceituou ação coletiva, na qual Olson se baseou. A ASCAMARI, ao se institucionalizar e buscar a todo momento construir normas, valores, afetos e objetivos racionais, tenta ganhar a mente dos membros e o papel da liderança politizada e politizadora é essencial para isso.

Quando Blumer trata dos movimentos específicos, também está relacionando a essa questão abordada acima, do reconhecimento dos indivíduos do meio em que vivem. É também a partir do aprofundamento dessas questões que Honneth descreveu como o reconhecimento dos indivíduos a partir dos seus traumas, das suas realidades, se dá somente a partir do momento em que o indivíduo se reconhece a partir do outro. Somente após esse reconhecimento, é que as pessoas podem se organizar em grupos e somar forças de lutar por melhorias, de reconhecimento perante o restante da sociedade, a exemplo de uma associação de catadores. O que ficou evidente durante as entrevistas, foi o ponto da valorização do catador perante a sociedade, pois vários dos entrevistados comentaram positivamente este sentimento,

de se sentirem mais dignos trabalhando com recicláveis dentro de uma associação.

No caso da ASCAMARI, principalmente a Cáritas, MCP e sociedade civil, trabalharam para a criação desses elementos normativos e identitários, porém, como disse José Geraldo durante a pesquisa de campo, muitos indivíduos carecem de ideologização, e a consequência disso é o baixo estímulo para desenvolver a associação nos últimos anos.

Outro ponto observado, é que, até o momento, mesmo existindo uma outra associação formada, a Maranhão do Sul, somente a ASCAMARI funciona de fato como associação de catadores. A consequência disso é que o poder público local direciona todas as parcerias e recicláveis para a ASCAMARI. O fato é quando a outra associação de catadores entrar em funcionamento, a ASCAMARI corre sério risco de regredir, de cair abruptamente a quantidade arrecadada de recicláveis e a própria receita, uma vez que projetos alternativos de renda não estão funcionando bem, a exemplo da fábrica de vassouras, da marcenaria e da baixa produtividade e negociação de sabão.

Outro ponto de risco que a associação corre, é o papel de liderança sem renovação. É natural que haja em um grupo – mesmo em uma associação que teoricamente não possua líderes – indivíduos engajados em fortalecer e guiar os objetivos do grupo, mas é importante que novos engajamentos floresçam. O que ocorre hoje é que seu José e seu Teles, na casa dos 70 anos não construíram esses novos engajados nos últimos 14 anos. Além disso, outros colaboradores importantes já faleceram ou simplesmente se afastaram.

A pesar dessas dificuldades, cabe também apontar que, no geral, a ASCAMARI tem cumprido o seu papel, pois é um mecanismo de interação dos iguais e que através do fortalecimento laboral, luta para combater os estigmas sociais e para reconhecer a categoria de trabalhadores como essenciais para a sociedade, proporcionando ainda, melhor qualidade laboral e de renda.

Se os 115 associados atualmente se enxergam como importantes para a sociedade, se atualmente há uma associação que agrega e representa esses indivíduos, isso se dá em decorrência das oportunidades políticas. Afinal, foram dois catadores de recicláveis, já politizados por um movimento social, que agarraram a oportunidade, em parceria com a Cáritas, de buscarem as bases da criação da

ASCAMARI, através da sensibilização do poder público e da parceria fundamental da sociedade civil, estes últimos conhecidos como Grupo de Amigos da ASCAMARI.

Finalmente, a ASCAMARI serviu de modelo para diversas outras associações no Maranhão. Cabe lembrar que cada realidade local possui suas peculiaridades, mas, sem dúvidas a participação da sociedade civil, através de intelectuais dispostos a ajudar, a participação de movimentos sociais e organizações sociais, a conscientização dos indivíduos para o objetivo almejado, tudo isso são fatores essenciais para a criação de uma associação em qualquer lugar. Espera-se que a ASCAMARI consiga avançar no desenvolvimento da associação e dos trabalhadores, espera-se que o corpo mobilizado possa se guiar sempre com foco nos objetivos, afinal, como disse um associado: “quando eu sair daqui eu não levo nada, eu levo o que eu ganhei [...] -- a associação – vai ficar aqui pros que ficam [...]” (entrevista de José, em 08 de janeiro de 2024). Atualmente é perceptível que a sede necessita de mais colaboradores, pois há bastante trabalho, há também o projeto de construção de mais um galpão no local, o que poderia dobrar a capacidade de processamento de materiais. Cabe aos associados, fortalecerem os símbolos, os laços internos, para inclusive conseguir atrair não só o poder público, mas a sociedade como um todo para o projeto.

REFERÊNCIAS

30CEMPRE. **Ciclosoft 2023**: Panorama da Coleta Seletiva no Brasil. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7960576/mod_resource/content/1/CEMPRE%20-%20Pesquisa%20sobre%20coleta%20seletiva%20%282023%29.pdf> Acesso em 14 junho de 2024.

ALONSO, Ângela. **As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. Lua Nova, n.76, p.49-86, 2009.

ANCAT. **Quem somos**. Disponível em: <<https://ancat.org.br/quem-somos/>> Acesso em 20 de outubro de 2023.

BBC. **Quem são as pessoas que subiram a rampa e entregaram a faixa ao presidente Lula?** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>> Acesso em 20 de outubro de 2023.

BERTUCCE, Ademar de Andrade, SILVA, Roberto Marinho Alves da (Org). **20 años de Economía Popular Solidaria**: Trayectoria de Caritas Brasileña de los PACs a la EPS. Brasília: Cáritas Brasileira, 2004.

BOUVIER, M. DIAS, S. Catadores de materiais recicláveis no Brasil: um perfil estatístico. **Resumo Estatístico** N.º 29 *Novembro de 2021*

BRASIL. Lei 11.445. Disponível em:< https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11445.htm> Acesso em 15 de outubro de 2023.

BRASIL. Lei12.305. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm> Acesso em 15 de outubro de 2023.

BRASIL. **Política Nacional de Economia Solidária** – SENAES/ MTE. Disponível em: <<http://acesso.mte.gov.br/data/files/FF8080814F00FA3A014F0496938B7DF7/Num%201%20A%C3%A7%C3%B5es%20Integradas%20para%20Municipios%20e>

%20UFs.pdf> Acesso em 25 de junho de 2024.

BRASIL. **Programa Diogo Sant’Ana Pró-Catadoras e Pró-Catadores para a Reciclagem Popular**. Disponível em:

<<https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/programa-pro-catadores>> Acesso em 05 de fevereiro de 2024.

CALVINO, Italo. **Porque Ler os Clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÁRITAS. Áreas de Atuação. Disponível em:
<<https://caritas.org.br/area-de-atuacao/4>> Acesso em 20 de junho de 2024.

CÁRITAS. História. Disponível em: <<https://caritas.org.br/historia>> Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

CÁRITAS. **Missão**. Disponível em: <<https://caritas.org.br/missao>> Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

CARLOS, Euzeneia. Contribuições da análise de redes sociais às teorias de movimentos sociais. **Revista de Sociologia e Política**, v.19, n.39, p. 153-166, 2011.

DIANI, Mario ; BISON, Ivano. Organizações, Coalizões e Movimentos. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.3, p.219-250, 2010

DAMATTA, Roberto **O ofício do etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”**. In NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.

DAMATTA, Roberto **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Trabalho de Campo e Tradição Empírica**. In: *Antropologia Social*. Lisboa: Perspectivas do Homem/Edições 70, 1972.

FAMEM. **Famem fecha parceria com SETRES para a implantação do programa Pró-Catador do Maranhão.** Disponível em: <
<https://famem.org.br/noticias/noticias/exibe/0019041-famem-fecha-parceria-com-setres-para-implantacao-do-programa-pro-catador-maranhao>> Acesso em 01 de outubro de 2022.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo, Global Editora, 2013.

FOOTE WHYTE, William. **Anexo A.** In: *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana, pobre e degradada.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2005.

FRANKLIN, A. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz.**

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva e Memória Individual.** In: A memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004e

HONNET, Axel. **Luta por reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

HONNETH, Axel. **Reificação:** um estudo de teoria do reconhecimento. Editora Unesp, 2020.

FOLHA. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/papo-de-resposta/2023/02/novo-retrato-da-reciclagem-mostra-protagonismo-dos-catadores.shtml#:~:text=Segundo%20estimativa%20do%20Movimento%20Nacional,que%20%C3%A9%20reciclado%20no%20pa%C3%Ads.>> Acesso em 07 de dezembro de 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

IBGE. **Cidades**. Disponível

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>> Acesso em 01 de novembro de 2023.

IMPERATRIZ. **Imperatriz é pioneira na coleta seletiva de material reciclável no Maranhão** – Prefeitura Municipal de Imperatriz. Disponível em: <<https://www.imperatriz.ma.gov.br/noticias/meio-ambiente/imperatriz-e-pioneira-na-coleta-seletiva-de-material-reciclavel-no-maranhao.html>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

IMPERATRIZ. **Imperatriz é pioneira na coleta seletiva de material reciclável no Maranhão**. Disponível em:

<<https://imperatriz.ma.gov.br/noticias/meio-ambiente/imperatriz-e-pioneira-na-coleta-seletiva-de-material-reciclavel-no-maranhao.html>> Acesso em 10 de outubro de 2023.

IMPERATRIZ. **Plano Municipal de Coleta Seletiva de Imperatriz**. Disponível em: <http://novo.imperatriz.ma.gov.br/media/site/download/legislacao/Plano_de_Coleta_Seletiva_de_Imperatriz.pdf> Acesso em 20 de janeiro de 2023.

IMPERATRIZ. Prefeitura Municipal de Imperatriz. Disponível em: <<https://www.imperatriz.ma.gov.br/noticias>> Acesso em 08 de junho de 2022.

Imperatriz/MA. v. 5, n. 1, 2018.

IPEA. **Panorama Ipea Discute a Situação dos Catadores no Brasil**. Disponível em: <JUNQUEIRA, Murilo. **Lógica da Ação Coletiva**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pt5r5PKc1fo>> Acesso em 29 de setembro de 2022.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, Editora UFMG: 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. . **Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa.** In: Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores). 1994

MARANHÃO. **Lei nº 11380 DE 15 de dezembro de 2020.** Disponível em: <https://pge.ma.gov.br/uploads/pge/docs/Ebook_Consolidacao_das_Leis_de_Direito_Ambiental_vs_julho2022.pdf> Acesso em 14 de abril de 2024.

MAUSS, Marcel. **Manual de Etnografia.** Lisboa: Editorial Pôrtico. 1972

MEAD, George Herbert. **Mente, self e sociedade:** Edição definitiva. Editora Vozes, 2022.

MELUCCI, Alberto. **Acción colectiva, vida cotidiana y democracia.** Cidade do México: Colégio de México, 2002.

MILLS, W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2007

MNCR. **Movimento nacional dos catadores de materiais recicláveis:** sobre o movimento. Disponível em: <<https://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr>> Acesso em 20 de outubro de 2023.

IMPERATRIZ. **Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos.** Disponível em: <https://novo.imperatriz.ma.gov.br/media/site/notify/semmarh/lei-municipal/VERS%C3%83O_FINAL_PMGIRS_-_IMPERATRIZ_.pdf> Acesso em 15 de janeiro de 2023

MUELLER, Charles C. **A Teoria dos Bens Públicos e a Economia do Bem-Estar.** Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/ee/article/download/143220/137962/283003>> Acesso em 05 de setembro de 2023.

OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva**. São Paulo: EDUSP, 1999. JENKINS, J. Craig. *La teoria de la movilizacion de recursos y el estudio de los movimientos sociales*. Zona Abierta, n.69, p.5-49, 1994.

PARK, R. A cidade, sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. (org) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro. Zahar, 1967.

PENNA, Mariana Affonso. História oral e militância política: o caso do Movimento das Comunidades Populares. **Revista História Oral**, v. 20, n. 2, p. 7-32, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/714>> Acesso em 12 de junho de 2024.

BAVARESCO, Rafael. Quintales Agroecológicos. In Beertucci, Silva (org). **20 Anos de Años de Economía Popular y Solidária: Trayectoria de Cáritas Brasileira de los PACs a la EPS**. Brasília: Cáritas Brasileira, 2004).

SAFADY, Michelle Maria Louzeiro Nazar. **As estratégias de construção do reconhecimento em associações de catadores em São Luís**: As dimensões individuais e coletivas. São Luís, Ma: Universidade Federal do Maranhão/PPGCSoc, 2021.

SANTOS, Rodrigo, L. NUNES, Fabrizia G. **GeoTextos**, vol. 14, n. 2, dezembro 2018. 117-141.

SEVERO, A. L. F. MAIA, F.J.F. GUIMARÃES, P.B.V. O estigma da atividade de catador de material reciclável no ambiente urbano: Uma análise na ótica de Erving Goffman sobre o “lixo extraordinário”. **Revista Direito a Cidade**. vol. 09, nº 4. ISSN 2317-7721

SILVA, Gustavo Melo. NEVES, Jorge A. B. Da divisão do trabalho social e arranjos produtivos locais: reflexos econômicos e efeitos morais de redes interorganizacionais. In **Rev. ADM. Mackenzie**. V. 14, N. 1. São Paulo, Jan/fev. 2013. p. 202-228.

SIMMEL, G. **Questões Fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed, 2006

TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.

TONNIES, F. **Princípios de Sociologia**. México: Fundo Cultural Econômico, 1942 (Introdução e Primeiro Capítulo).

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3ªed. Brasília: Ed UNB, 2000.

APÊNDICE

Roteiro de entrevistas: História de vida e visão de mundo dos catadores de materiais recicláveis na ASCAMARI

- Fale um pouco sobre a sua experiência como catador(a). Há quanto tempo você está envolvido(a) nessa atividade?
- Qual é a importância da reciclagem na sua visão? O que a reciclagem representa para você?
- Você já enfrentou algum desafio significativo como catador(a) de materiais recicláveis? Se sim, como você superou esses desafios?
- Como você ficou sabendo da existência da associação de catadores? O que o motivou a se juntar a ela?
- Quais são os principais benefícios que você enxerga em fazer parte de uma associação de catadores de materiais recicláveis?
- Como a associação de catadores auxilia no seu trabalho diário? Quais são as contribuições mais importantes que ela oferece?
- Quais são as atividades desenvolvidas pela associação além da coleta e venda dos materiais recicláveis?
- Na sua opinião, qual é o impacto social e ambiental das atividades da associação de catadores?
- Como você enxerga o papel da associação na melhoria das condições de vida dos catadores de materiais recicláveis?
- Você acredita que a associação de catadores ajuda na valorização da profissão

de catador? Por quê?

ANEXOS

Anexo 1 – Planilha de acompanhamento de recicláveis recolhidos pela Prefeitura de Imperatriz em 2023 e enviados para a ASCAMARI.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ													
SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS - SEMMARH													
PLANILHA DE ACOMPANHAMENTO DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS ENVIADO PARA ASCAMARI													
EMPREENHIMENTO: COLETA SELETIVA													
ITEM	RESÍDUOS RECICLÁVEIS	ACOMPANHAMENTO 2023											
		UND	Jan/20	Fev/20	Mar/20	Abr/20	Mai/20	Jun/20	Jul/20	Agos/20	Set/20	Out/20	Nov/20
1	TIPOS DE RESÍDUOS												
2	MADERA	KG	1.000	1.000	1.200	1.000	1.000	1.000	800,00	0,0	1.500	1.000	1.100
3	PAPEL MISTO	KG	0,0	0,0	1.145	0,0	0,0	0,00	0,00	0,0	0,0	0,0	5.590
4	PAPELÃO	KG	17.600	23.412	10.632	10.000	18.615	10.000	10.000	25.256	23.334	23.334	20.506
5	PLÁSTICOS DIVERSOS	KG	2.336	1.260	1.200	2.408	1.306	2.352	4.485	3.411	2.227	2.247	1.813
6	MAT. DO PEV CAFETERA	KG	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,00	0,00	0,0	0,0	0,0	0,0
7	ALUMÍNIO LATINHAS	KG	0,0	230	0,0	519	110,00	280	649,00	432,0	300	300	450
8	LIVROS	KG	5.102	8.140	11.781	2.000	7.419	6.333	0,00	13.087	2.458	2.458	6.000
9	FERRO	KG	3.280	2.800	4.740	3.380	2.750	2.352	1.786	1.850	2.440	2.240	3.330
10	PLÁSTICOS DE FILME	KG	1.492	2.000	1.816	1815,0	0,0	649,00	1.627	1.463	1.746	1.743	1.200
11	PAPEIS MISTOS	KG	0,0	768	0,00	0,0	0,0	0,00	0,00	0,0	0,0	0,0	0,0
	VIDRO	KG	2.000	0,0	0,0	3.000	0,00	8.150	8.080	8.430	8.990	9.650	9.230
	BIGBAGS	KG	0,00	0,00	0,00	0,00	1.000	1500	1.000	2.000	2.000	1.000	0,0
	PVC	KG	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	0	0,00	56	0,00	0,00	0,00
12	PET	KG	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,00	0,00	0,0	0,0	0,0	0,0
13	SUB TOTAL	TON	32.810	39.610	32.514	24.122	33.090	32.616	28.427	55.985	44.995	43.972	43.629
	VIDROS	TON	0,00	0,00	0,00	0,00	47,000	0,00	0,00	0,00	0,00	33,650	0,00
14	TOTAL GERAL + VIDROS	TON					79,090					77,622	536,293
Vidro embarcado em MAIO.		47.000 TON											
Vidro embarcado em Outubro.		29.280 TON											
ACUMULADO DE 2017 A 2023.		2.637,00 TON											

Imperatriz, 13 de Janeiro de 2021

Jairo Sarmento Matos
Gestor Ambiental
Diretor de Departamento

Fonte: SEMMARH 2024.

Anexo 2 – Planilha de acompanhamento de recicláveis recolhidos pela Prefeitura de Imperatriz em 2024 e enviados para a ASCAMARI.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS - SEMMARH													
PLANILHA DE ACOMPANHAMENTO DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS ENVIADO PARA ASCAMARI													
EMPREENHIMENTO: COLETA SELETIVA													
ITEM	RESÍDUOS RECICLÁVEIS	UND	Jan	Fev	Mar	Abr	ACOMPANHAMENTO 2024						
1	TIPOS DE RESÍDUOS						Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
2	MADERA	KG	3000	1000	2000	1.500	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
3	PAPEL MISTO	KG	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
4	PAPELÃO	KG	20000	17000	23.950	25.700	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
5	PLÁSTICOS DIVERSOS	KG	2600	0,00	4.159	4.200	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
6	MAT. DO PEV. CAFETEIRA	KG	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
7	ALUMÍNIO/ LÁTIMHAS	KG	200	300	719,00	200,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
8	LIVROS	KG	4260	5803	7.162	11.114	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
9	FERRO	KG	3000	3000	5.380	2.800	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
10	PLÁSTICOS DE FILME	KG	1683	0,0	4.009	2.400	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
11	PAPEIS MISTOS	KG	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	BIGBAGS	KG	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	PVC	KG	0,0	0,00	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
12	PET	KG	0,0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
13	SUB TOTAL.	TON	34.743	27.103	46.660	47.914	-	-	-	-	-	-	-
	VIDROS	TON	8.700	8.100	7.800	4.680	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
14	TOTAL GERAL + VIDROS	TON	43.443	35.203	54.460	52.594							
Total acumulado referente aos meses de out. 23 a Mar 24												185.700	42.690
Vidro embarcado em 23/04/2024 30 TON													

Fonte: SEMMARH 2024.